



UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ  
DEPARTAMENTO DE LITERATURA  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS

JANE MARY CUNHA BEZERRA

**LIMA BARRETO:**  
**ANARQUISMO, ANTIPATRIOTISMO E FORMA LITERÁRIA**

FORTALEZA – CEARÁ  
2010

**JANE MARY CUNHA BEZERRA**

**LIMA BARRETO:  
ANARQUISMO, ANTIPATRIOTISMO E FORMA LITERÁRIA**

DISSERTAÇÃO DE MESTRADO APRESENTADA AO  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS DA  
UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ, COMO  
REQUISITO À OBTENÇÃO DO TÍTULO DE MESTRE  
EM LETRAS. ÁREA DE CONCENTRAÇÃO:  
LITERATURA BRASILEIRA.

**Orientadora: Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. ODALICE DE CASTRO SILVA**

**FORTALEZA – CEARÁ  
2010**

BEZERRA, Jane Mary Cunha

Lima Barreto: anarquismo, antipatriotismo e forma literária / Jane Mary Cunha Bezerra. – 2010.

129 f.

Orientador: Odalice de Castro silva.

Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Ceará, Programa de Pós-Graduação em Letras, 2010.

Bibliografia: f. 114-119.

1. Lima Barreto; 2. Anarquismo – I Pensamento libertário; 3. Literatura – I. Forma literária.

CDD

**JANE MARY CUNHA BEZERRA**

**LIMA BARRETO: ANARQUISMO, ANTIPATRIOTISMO E FORMA LITERÁRIA**

DISSERTAÇÃO DE MESTRADO APRESENTADA AO PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS DA UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ, COMO REQUISITO À OBTENÇÃO DO TÍTULO DE MESTRE EM LETRAS. ÁREA DE CONCENTRAÇÃO: LITERATURA BRASILEIRA.

Aprovada em 17 de agosto de 2010.

**BANCA EXAMINADORA**

---

Orientadora

PROFA. DRA. ODALICE DE CASTRO SILVA  
UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ

---

PROF. DR. MARCELO ALMEIDA PELOGGIO  
UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ

---

PROF. DR. FRANCISCO AGILEU DE LIMA GADELHA  
UNIVERSIDADE ESTADUAL DO CEARÁ

---

PROFA. DRA. VERA LÚCIA ALBUQUERQUE DE MORAES - SUPLENTE  
UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ

FORTALEZA – CEARÁ  
2010

Para minha mãe Clara e meu pai Evaldo que, apesar das adversidades,  
sempre incentivaram a educação dos filhos.

## AGRADECIMENTOS

Sou grata

A Deus, que nunca abandona seus servos e sempre os fortalece.

À minha família, cujo apoio foi fundamental.

À Marta Dourado, exemplo de profissional em educação.

À Profa. Irenísia Torres de Oliveira, pela orientação e amizade ao longo de quatro anos.

Aos amigos, Andreia Carneiro, Airton Uchôa Neto, Arlene Vasconcelos, Caroline Assis, Deysiane Pontes, Dariana Gadelha e Rodrigo Ávila, pela ajuda intelectual.

Aos Grupos de Estudos Antonio Candido e José de Alencar, pelo apoio direto ou indireto.

Ao Prof. Marcelo Peloggio, pela amizade e confiança.

Ao Prof. Agileu Gadelha, grande incentivador desde os tempos da Graduação.

À Profa. Fernanda Coutinho, pelo carinho e ajuda na hora certa.

Aos professores do Departamento de Literatura da Universidade Federal do Ceará em geral.

E, especialmente, à Profa. Odalice de Castro Silva, por permanecer ao meu lado nos momentos adversos.

## RESUMO

Lima Barreto, apontado pela crítica como um dos maiores romancistas brasileiros dos primeiros anos do século XX, em cuja obra observa-se o uso de uma linguagem coloquial, com conteúdo predominantemente social e de caráter crítico, no que diz respeito a um período de transição por que passava o Brasil rumo à Modernidade. Em *Triste Fim de Policarpo Quaresma* o autor discute, através do narrador, alguns conceitos polêmicos do início do século XX, como a ideia de pátria, levando o leitor a questionar os problemas do patriotismo exacerbado abraçado pelo protagonista Policarpo Quaresma, uma das mais comoventes e idealistas figuras da ficção brasileira. Lima Barreto é também apontado por alguns críticos como Francisco Foot Hardman, Antonio Arnoni Prado e por seu biógrafo Francisco de Assis Barbosa como um escritor ligado às ideias anarquistas. Essas ideias constam de suas crônicas e revistas da época, mas também pode-se percebê-las na forma livre como compôs sua ficção. Por causa do caráter despojado de sua escrita e devido à sua narrativa deslocada das normas cultas, o escritor transformou sua obra em um objeto de polêmica; além disso, foi encarado como um artista que inseriu em sua ficção elementos retirados da vida pessoal, sobretudo nas *Recordações do Escrivão Isaías Caminha*, seu romance de estreia. Suas narrativas se caracterizam, entre outras peculiaridades, por combinar elementos de gêneros diversos (romances, contos, novelas, crônicas, crítica literária e teatro), linguagem coloquial, ironia e a representação da sociedade e dos homens num período conturbado da história do Brasil e do mundo. Essa pesquisa discute como esses aspectos externos foram filtrados pela visão do escritor e transformados em elementos da estrutura narrativa.

**Palavras-chaves:** Anarquismo, Antipatriotismo, Forma literária, Lima Barreto.

## ABSTRACT

Lima Barreto, an author pointed by critics as one of the greatest brazilian novelists of the early years of the Twentieth Century, in whose work we see the use of a colloquial language, with some mostly social content and from critical nature, with respect to a period of transition that Brazil spent toward modernity. In *Triste fim de Policarpo Quaresma* the author discusses, through the narrator, some controversial concepts of the early twentieth century, like the idea of homeland, taking the reader to question the patriotism of the problems exacerbated embraced by the protagonist Policarpo Quaresma, in our view, one of the most affecting and idealistic figures of our fiction. Lima Barreto is also regarded by some critics as Francisco Foot Hardman, Arnoni Antonio Prado and by his biographer Francisco de Assis Barbosa as a writer linked to anarchist ideas. These ideas are in his chronicles and magazines, but we can perceive them as the free way that he composed his fiction. Because of his stripped writing and because of his narrative shifted the rules learned, the writer turned his work into an object of controversy and, moreover, was seen as an artist has inserted into his fiction elements drawn from personal life, especially in the *Recordações do Escrivão Isaías Caminha*, his debut novel. Their narratives are characterized, among other peculiarities, by combining elements of several genres (novels, short stories, essays, literary criticism and drama), colloquial language, irony and the representation of society and men in a troubled period in the history of Brazil and world. This article discusses how these external aspects were filtered through the writer's vision and transformed into elements of narrative structure.

**Keywords:** Anarchism, Homeland, Literary form, Lima Barreto.



## RÉSUMÉ

Lima Barreto est souligné par les critiques comme l'un des plus grands romanciers brésiliens du début du XXe siècle. L'oeuvre de cet écrivain nous permet de remarquer un langage familier, dont le contenu est principalement de nature sociale et critique concernant une période de transition où le pays allait vers la modernité. Dans son livre *Triste Fim de Policarpo Quaresma*, l'auteur prend la place du narrateur et analyse des concepts controversés du début du XXe siècle comme celui de « patrie », en engageant le lecteur à remettre en question les problèmes dus au patriotisme accentué et embrassé par le protagoniste *Policarpo Quaresma*, qui à notre avis, c'est l'une des figures les plus émouvantes et idéalistes de notre fiction. Lima Barreto est également considéré par certains critiques tels que *Francisco Foot Hardman*, *Antonio Arnoni Prado* et son biographe *Francisco de Assis Barbosa*, comme un écrivain lié à des idées anarchistes. Ces idées-là sont exposées dans ses chroniques et magazines de l'époque, mais nous pouvons aussi les percevoir libres dans son oeuvre de fiction. En raison du caractère dépouillé de son écriture et de sa narration décalée de la norme soutenue, l'écrivain a fait de son oeuvre un objet polémique et par ailleurs, il a été considéré l'artiste qui a inséré dans la fiction des éléments tirés de la vie personnelle, surtout dans les *Recordações do Escrivão Isaías Caminha*, son premier roman. Le récit de Lima Barreto est caractérisé, entre autres particularités, par l'harmonie des éléments de plusieurs genres (romans, contes, nouvelles, essais, critiques littéraires et drame), le langage familier, l'ironie et la représentation de la société et de l'homme dans une période troublée de l'histoire du Brésil et monde. Cette recherche examine comment ces aspects extérieurs ont été filtrés par la vision de l'écrivain et transformés en éléments de structure narrative.

**Mots-clés:** Anarchisme, Antipatriotisme, Forme littéraire, Lima Barreto.

## SUMÁRIO

<b>Introdução</b> .....	10
<b>Capítulo 1</b> – Lima Barreto: Um Cronista Libertário .....	20
1.1 Arte e sociedade: suas interrelações na visão de Lima Barreto .....	25
1.2 Imprensa libertária e anarquismo no Brasil .....	34
1.3 A crônica libertária de Lima Barreto .....	47
<b>Capítulo 2</b> – A Ideia de Pátria em <i>Triste fim de Policarpo Quaresma</i> .....	56
2.1 Policarpo Quaresma e a Pátria revisitada .....	58
2.2 Lima Barreto e o patriotismo .....	76
<b>Capítulo 3</b> – Lima Barreto: Anarquismo e Forma Literária.....	90
3.1 <i>Recordações do Escrivão Isaías Caminha</i> : um estilo que gerou polêmica .....	95
<b>Considerações finais</b> .....	118
<b>Referências bibliográficas</b> .....	122

## INTRODUÇÃO

Nas primeiras décadas do século XX, as letras brasileiras conheceram a obra irreverente do escritor carioca Lima Barreto (1881-1922), dono de uma produção abrangente, que envolve um número variado de gêneros literários: romances, contos, novelas, crônicas, artigos, memórias, crítica literária e teatro. Esta variedade de gêneros, sem que haja necessariamente uma ação determinista, no sentido clássico do termo, poderia muito bem estar relacionada ao momento do Brasil, em particular, e ao contexto mundial de forma geral.

Assim, Lima Barreto propõe que “a arte, tendo o poder de transmitir sentimentos e ideias, sob a forma de sentimentos, trabalha pela união da espécie; assim trabalhando, concorre portanto, para o seu acréscimo de inteligência e de felicidade.” E mais: “a literatura reforça o nosso natural sentimento de solidariedade com os nossos semelhantes, explicando-lhes os defeitos, realçando-lhes as qualidades e zombando dos fúteis motivos que nos separam”<sup>1</sup>.

Desenvolver uma literatura nos moldes do Parnasianismo, por exemplo, não fazia sentido para Lima Barreto, pois esta ficava restrita a um número seletivo de pessoas, privilegiando tão somente aspectos formais, em detrimento das reais necessidades da sociedade e do homem comum, que compunha a maioria da população brasileira.

Lima Barreto, em sua estreia, ficou no anonimato do mundo das letras. Esse fato, no entanto, não o impediu de continuar com sua escrita polêmica; pelo contrário, tornou-se um dos críticos mais ferrenhos dentre os polemistas brasileiros do início do século XX. É claro que a crítica oficial e a imprensa dominante reagiram sempre de forma negativa e, o que era pior, ignoravam as posições e o pensamento de Lima Barreto; pobre, mulato e boêmio, não teria muitas chances de se projetar no meio oficial composto por intelectuais já patenteados e consagrados pela “boa sociedade”, como era o caso, por exemplo, de um Coelho Neto.

Hoje é possível ver Lima Barreto sendo apontado pela crítica como um dos maiores romancistas brasileiros dos primeiros anos do século XX, em cuja obra observa-se o uso de uma

---

<sup>1</sup> BARRETO, Lima. Impressões de leitura. In: *Obra completa*. Rio de Janeiro: Brasiliense, 1956, p. 67-68.

linguagem coloquial, com conteúdo predominantemente social e de caráter crítico, no que diz respeito a um período de transição por que passava o Brasil rumo à Modernidade.

Por causa do caráter despojado de sua escrita e devido à sua narrativa deslocada das normas cultas, o escritor carioca tornou-se alvo de duras críticas; além disso, foi encarado como um artista que inseriu em sua ficção elementos retirados da vida pessoal, sobretudo nas *Recordações do Escrivão Isaías Caminha*, romance publicado em 1909, por uma editora lisboeta, uma vez que as grandes casas publicadoras que existiam no Brasil se recusaram a fazê-lo; isso porque suas narrativas se caracterizam, entre outras peculiaridades, por combinar elementos de gêneros diversos (romances, contos, novelas, crônicas, crítica literária e teatro) , linguagem coloquial, ironia e a representação da sociedade e dos homens num período conturbado da história do Brasil. Sendo um observador desse momento histórico e consciente dos problemas da jovem República, desenvolveu uma literatura militante e objetiva, relacionada aos aspectos sociais. Afinal, como observa Antonio Candido:

Para Lima Barreto, a literatura devia ter alguns requisitos indispensáveis. Antes de mais nada, ser sincera, isto é, transmitir diretamente o sentimento e as ideias do escritor, da maneira mais clara possível. Devia também dar destaque aos problemas humanos em geral e aos sociais em particular, focalizando os que são fermento de drama, desajustamento, incompreensão. Isso, porque no seu modo de entender ela tem a missão de contribuir para libertar o homem e melhorar a sua convivência<sup>2</sup>.

Dessa forma, é possível compreender como Lima Barreto transpôs para sua obra esses ideais de liberdade para a construção de uma arte autônoma e ao mesmo tempo comprometida com a sociedade, no sentido de lhe proporcionar melhorias. Assim, é possível admitir que sua obra desenvolve o ideal de liberdade (no significado mais amplo da palavra, inclusive em se tratando de linguagem) proposto por uma das vertentes do anarquismo.

No Brasil, chegado o século XX, o anarquismo se fortaleceu, ganhando um número grande de adeptos e simpatizantes, principalmente na imprensa e entre alguns escritores. Surgiram então, duas tendências anarquistas entre os brasileiros: um grupo mais numeroso, influenciado pelas ideias de Kropotkin, Reclus, Malatesta, entre outros, tendo em Neno Vasco, Benjamin Mota e Fábio Luz os maiores divulgadores e adeptos das ideias de revolução social, abolição do Estado e

---

<sup>2</sup> CANDIDO, Antonio. *Educação pela noite*. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2006, p.4.

da propriedade privada no Brasil, sendo o sindicalismo sua arma de luta. O outro grupo diferenciava-se do primeiro por seu exacerbado individualismo, baseado principalmente nas ideias de Max Stirner. Esse grupo, além de pregar a abolição do Estado, levantava uma bandeira contra qualquer forma de organização que não fosse espontânea, ou seja, que pudesse comprometer a liberdade de qualquer indivíduo.

Situado nesse contexto de efervescência política e de manifestações literárias e ideológicas diversas, e influenciado por autores como Dostoiévski e Tolstói (este considerado pela crítica mundial como o maior dos escritores anarquistas), Lima Barreto assume um papel de destaque nas letras brasileiras. Inclusive foi apontado por alguns críticos como Francisco Foot Hardman, Antonio Arnoni Prado e por seu biógrafo, Francisco de Assis Barbosa, como um escritor voltado para os ideais anarquistas. Essas ideias não aparecem somente em sua ficção mas, sobretudo, em suas crônicas escritas para os jornais da imprensa libertária brasileira, como *A Lanterna*, *O Suburbano*, *Tagarela*, *O Diabo*, *Gazeta da Tarde* e *Voz do Trabalhador*, este último, órgão da Confederação Operária Brasileira.

Essas crônicas, recentemente reunidas em dois volumes por Beatriz Resende e Rachel Valença, publicadas pela editora Agir em 2004, revelam a linguagem contundente do cronista diante de temas e ideias que agitavam a recente República. Fazendo do jornalismo um veículo vivo para expor sua indignação, observa-se a sua vontade de chamar a atenção da opinião pública para o valor do cidadão, de sua liberdade e de sua consciência política na construção da democracia, como é possível observar em um de seus escritos para o periódico *A.B.C.* em 19 de outubro de 1918:

A República no Brasil é o regímem da corrupção. Todas as opiniões devem, por esta ou aquela paga, ser estabelecidas pelos poderosos do dia. Ninguém admite que se divirja deles e, para que não haja divergências, há a “verba secreta”, os reservados deste ou daquele ministério e os empreguinhos que os medíocres não sabem conquistar por si e com independência<sup>3</sup>.

A partir desse fragmento, pode-se conferir, então, como o escritor carioca manifesta mais vigorosamente suas convicções e seus ideais, confirmando de forma direta e sem disfarces aquilo

---

<sup>3</sup> BARRETO, Lima. *Toda crônica*: Lima Barreto. Organização de Rachel Valença. Rio de Janeiro: Agir, 2004, v.1, p. 392.

que se encontra nos romances de maneira mais velada: sua simpatia e admiração pelas ideias e movimentos libertários que se desenvolviam no mundo e se refletiam no Brasil, notadamente em São Paulo e, posteriormente no Rio de Janeiro, centro de grande importância cultural e política de nosso país, senão o mais importante.

Além da referência ao destino, ou seja, à função da literatura, Lima Barreto também, ao longo de sua carreira como crítico de arte não deixou de ressaltar a importância da narrativa militante de grandes escritores de notoriedade mundial, como Anatole France, sempre alvo de sua admiração:

Como eu sempre falei em literatura militante, se bem me julgando aprendiz, mas não honorário, pois já tenho publicado livros, tomei o pão na unha.  
A começar por Anatole France, a grande literatura tem sido militante.  
Não sei como o Senhor Malheiros Dias poderá classificar a *Ilha dos Pingins*, os *Bergerets*, e mais alguns livros do grande mestre francês, senão dessa maneira.  
Eles nada têm de contemplativos, de plásticos, de incolores. Todas, ou quase todas as suas obras, se não visam à propaganda de um credo social, têm por mira um escopo sociológico. Militam<sup>4</sup>.

Considerando a sua verve crítica, não só do ponto de vista estético, mas também em se tratando de problemas vários que envolvem as nações, sobretudo o Brasil, no que tange à Primeira República, vários escritores recorrem aos seus textos como forma de conhecimento crítico da nossa forma republicana de governo. Um exemplo desse reconhecimento é a obra *Os Bestializados: O Rio de Janeiro e a República que não foi*, de José Murilo de Carvalho. Este historiador faz constantes referências às análises polêmicas de Lima Barreto inseridas em sua ficção e reforçadas em suas crônicas, pois este tinha consciência de que a República brasileira não era capaz de solucionar os problemas de ordem social com os quais se dizia comprometida, visto que estava submetida às velhas bases aristocráticas e oligárquicas que regiam o Império.

Antônio Arnoni Prado o percebe como mais do que um simples observador dos problemas por que passava o Brasil no início da República, mas também como apreciador dos ideais de liberdade e de revolução propostos pelos anarquistas:

---

<sup>4</sup> BARRETO, Lima. Impressões de leitura. In: *Obra completa*. São Paulo: Brasiliense, 1956, p. 72.

A sua percepção da crise do sistema, vital para o escritor entusiasmado com as teses maximalistas da revolução russa de 1917, desdobrava-se na desconfiança nas oligarquias e na burguesia em ascenso, contra as quais abre fogo em meio à decisão que o leva pra o anarquismo em 1913. Na verdade esse inimigo do progresso setorizado que as classes dominantes celebravam com a exaltação nacionalista da República nutria grandes simpatias pelo movimento operário, do qual se aproxima, numa primeira incursão passageira, já em 1906, quando o então socialista Pausílipo da Fonseca...o inscreve no recém fundado Partido Operário Independente<sup>5</sup>.

Outro crítico renomado que destaca o valor do autor das *Recordações do Escrivão Isaías Caminho* como interessado e preocupado com os problemas sociais, além do estético, é Astrogildo Pereira, cômico de seu papel imprescindível com relação às questões polêmicas que envolviam o mundo e seus reflexos no Brasil, destacado em seu ensaio “Posições Políticas de Lima Barreto”:

Nenhum dos outros [escritores] soube como êle penetrar o sentido profundo dos acontecimentos que se desenrolavam aos olhos de todos. Nenhum dos outros foi capaz de perceber a importância histórica da Revolução Russa de 1917, e nenhum deles pode rivalizar com Lima Barreto no que se refere ao instinto seguro da sua visão relativamente aos problemas políticos e sociais do após-guerra<sup>6</sup>.

Reforçando os críticos acima citados, tem-se ainda Francisco de Assis Barbosa, em cuja biografia do escritor carioca, *A Vida de Lima Barreto*, também concorda que ele esteve deliberadamente envolvido com os movimentos e com a imprensa libertária, embora não partindo para a ação direta: “Lima Barreto nunca foi, nem seria nunca, um revolucionário militante. Mas é fora de dúvida que sempre alimentou ideias, princípios e sentimentos anarquistas. Era, como se usa dizer, um simpatizante.”<sup>7</sup>

No periódico libertário *A Voz do Trabalhador*, Lima Barreto deixa bem clara sua simpatia pelas ideias anarquistas em um artigo intitulado “Palavras de um *snoob* anarquista”, no qual faz crítica aos jornalistas que estão ligados aos ideais capitalistas.

Os anarquistas falam da humanidade para a humanidade, do gênero humano para o gênero humano, e não em nome de pequenas competências de personalidades políticas; e

<sup>5</sup> PRADO, Antônio Arnoni. *Lima Barreto: o crítico e a crise*. São Paulo: Martins Fontes, 1989, p. 66-67.

<sup>6</sup> PEREIRA, Astrogildo. Posições políticas de Lima Barreto. In: *Crítica Impura*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1963, p. 38.

<sup>7</sup> BARBOSA, Francisco de Assis. *A Vida de Lima Barreto*. Rio de Janeiro: José Olimpyo, 2003, p. 253.

se há muitos que são por ignorância ou “esnobismo” que dão gordas sinecuras na política e sucessos sentimentais nos salões burgueses<sup>8</sup>.

Assim, além de enaltecer as ideias libertárias, o articulista não mede palavras para questionar a falta de compromisso com o povo, com toda a gente do Brasil que construiu sua economia através do trabalho árduo de gerações, cujo sofrimento foi provocado pela classe dominante, preocupada somente com a manutenção do seu poder. Assim conclui seu artigo:

Sentimos que o jornalista se haja emperrado no régimen capitalista, mas estamos certos que de, por mais emperrado que seja, a de haver ocasiões em que pergunte de si para si: é justo que o esforço de tantos séculos, que a inteligência de tantas gerações, que o sangue de tantos homens de coração e o sofrimento de tantas raças, que tudo isso, enfim, venha simplesmente terminar nessa miséria, nesse opróbrio que anda por aí? É justo?<sup>9</sup>.

Em seus escritos para a imprensa libertária, observa-se também a sua indignação em relação ao poder do Estado e, principalmente, sua inutilidade, uma vez que a autoridade compromete o direito à liberdade e à autonomia, naturalmente inerentes ao ser humano, de acordo com os preceitos anarquistas. No *Correio da Noite*, em 28 de janeiro de 1915, Lima Barreto publicou um pequeno texto intitulado “Não é possível”, no qual mostra sua visão em relação ao futuro do governo: “O governo já deu o que tinha de dar; agora é um agonizante, breve um cadáver a enterrar no panteão das nossas concepções”<sup>10</sup>.

Ainda sobre as questões que envolvem a política e seu verdadeiro papel e função na sociedade brasileira, sua descrença e decepção levam à composição de uma escrita irônica e ao mesmo tempo séria, de caráter notadamente debochado e direto, na qual levanta a bandeira de um regime maximalista, como forma de resolver as mazelas da nação. É o que diz em “Palavras de um simples”, publicado no *Hoje*, em 20 de julho de 1922:

Nunca me meti em política, isto é, o que se chama política no Brasil. Para mim a política, conforme Bossuet, tem por fim tornar a vida cômoda e os pobres felizes. Desde menino, pobre e oprimido, que vejo a ‘política’ do Brasil ser justamente o contrário. Seria capaz de deixar-me matar, para implantar aqui o régimen maximalista<sup>11</sup>.

<sup>8</sup> BARRETO, Lima. Feiras e mafuás. In: *Obra completa*. São Paulo: Brasiliense, 1956, p. 218.

<sup>9</sup> *Ibidem*.

<sup>10</sup> BARRETO, Lima. Vida urbana. In: *Obra completa*. São Paulo: Brasiliense, 1956, p. 86.

<sup>11</sup> BARRETO, Lima. Marginalia. In: *Obra completa*. São Paulo: Brasiliense, 1956, p. 58-59.



Em outros artigos, o autor de *Recordações de Escrivão Isaías Caminha* destaca e critica a atuação de órgãos a serviço ou não do poder estatal, cujo objetivo era censurar e calar a opinião de elementos da sociedade que se utilizavam da imprensa menor para demonstrar sua insatisfação perante a ordem vigente; muitas vezes a polícia agia de forma violenta com relação à imprensa libertária; é claro que as ordens emanavam de cima, das instâncias superiores do poder estatal; isso era encarado pelas mentes mais esclarecidas como uma atitude arbitrária e coercitiva; quem estivesse ligado ao pensamento anarquista de forma oficial, ou pelo menos lhe dedicasse alguma simpatia, pegaria da pena para demonstrar sua revolta, como se vê no artigo “A Maçã e a Polícia”, publicado no *Careta*, em 11 de março de 1922, no Rio de Janeiro, numa referência ousada acerca da ação da polícia contra um semanário de Humberto de Campos:

A polícia, pela sua feição própria, é incapaz dêsse papel de censura de qualquer manifestação do pensamento. Ela é uma emanção do govêrno; e é da natureza dos governos não admitirem crítica. Quando se os critica, ela apela para a ordem e para a moralidade. Daí o perigo que há em se entregar à polícia, qualquer poder que incida sobre a liberdade de pensamento<sup>12</sup>.

Esses são alguns exemplos pelos quais se pode considerar o autor de *Clara dos Anjos* um ficcionista de visão atenta ao problemas da sua nação e às inquietações do ser humano no que diz respeito a questões políticas e sociais.

A formação intelectual de Lima Barreto, a partir do que constava da biblioteca particular (Limana) e considerando que os críticos acima o tinham como simpatizante do anarquismo, contribui para o entendimento de sua não adequação a uma literatura convencional e floreada, notadamente quando explicita de forma tão corajosa suas convicções. As ideias libertárias podem constituir um elemento importante para a construção de seu estilo. Assim, a revolução proposta e defendida por Lima Barreto não se limita somente ao âmbito social, mas, sobretudo, ao âmbito artístico. Os ideais de liberdade, plena e absoluta, propostos pelos anarquistas não foram somente alvo de admiração do escritor, mas, provavelmente, foram inseridos na elaboração de sua obra e no estilo desnudo e satírico, singularidade que faz de sua arte um dos momentos mais férteis, ousados e criativos da produção intelectual do Brasil no início do século XX.

---

<sup>12</sup> *Ibidem*, p. 74.

Fugindo do lugar-comum, e fazendo a diferença em relação a escritores e romancistas de seu tempo, Lima Barreto desenvolveu uma escrita que, então, foi considerada como “descuidada”, por não estar adequada aos padrões já consagrados e, principalmente, por ter um toque muito pessoal (a começar pela sua estréia com as *Recordações do Escrivão Isaías Caminha*). Esse fato o colocou numa condição de anátema, não só do ponto de vista social – previamente determinado pelo fator “cor” – mas, sobretudo, do ponto de vista intelectual, de escritor e romancista.

É nesse sentido que se buscou investigar como as ideias anarquistas se fizeram presentes na obra de Lima Barreto, seja na temática, seja na forma literária, refletindo-se em seu estilo, no modo despojado de escrever, sempre disposto a não seguir regras ou paradigmas literários; pois a liberdade para Lima Barreto, assim como para os anarquistas, é algo que pertence ao ser humano por natureza. Assim, também a literatura, como concepção humana, deve gozar de plena liberdade; e o estilo livre e simples constitui uma das peculiaridades de Lima Barreto como ficcionista, crítico e cronista.

Para a realização deste trabalho, foi analisado o *corpus* a seguir: *Recordações do Escrivão Isaías Caminha*, *Triste fim de Policarpo Quaresma*, as crônicas, a correspondência e o *Diário Íntimo* por se tratarem de uma estrutura narrativa mais solta.

A pesquisa teve como fundamentação teórica os ensaios de Antonio Candido que dizem respeito às relações da Literatura com o contexto social, principalmente a reunião de ensaios *Literatura e Sociedade* e *Formação da Literatura Brasileira*, que constituem a base de sua teoria. Além de Antonio Candido, contou-se também com ensaios de Antonio Arnone Prado, Nicolau Sevcenko, Carmem Lúcia Negreiros de Figueiredo, Astrogildo Pereira, Irenísia Torres de Oliveira, dentre outros que ofereceram estudos relevantes sobre o autor.

Para a compreensão da ideologia anarquista, foi necessário um estudo sobre os principais teóricos do anarquismo, como Pierre-Joseph Proudhon, Mikhail Bakunin, Piotr Kropotkin, Max Stirner e de alguns textos básicos da história do anarquismo como *História das ideias e movimentos anarquistas*, de George Woodcock, e *História do anarquismo*, de Jean Préposiet.

A pesquisa se divide basicamente em três momentos: a princípio, primou-se por fazer uma pequena análise do contexto histórico e social no qual o escritor estava inserido e procurou-se descrever as bases do pensamento anarquista e de seus principais representantes, bem como essas ideias chegaram ao Brasil e ao Rio de Janeiro. Na sequência, tentou-se alcançar a atuação de Lima Barreto na imprensa libertária, através de suas crônicas e artigos de jornal. Dessa forma, mostrou-se como o articulista mantinha suas relações com as ideias libertárias, destacando sua preocupação em fazer da literatura uma forma de contribuir para a melhoria da sociedade e da convivência entre os homens.

No segundo capítulo, intitulado “A ideia de pátria em *Triste fim de Policarpo Quaresma*”, já com a análise deste romance, houve a preocupação de trabalhar com temas ligados ao patriotismo e ao ufanismo, assunto bastante importante entre os pensadores e analistas da sociedade, sobretudo a partir da segunda metade do século XIX. Há, nessa parte da pesquisa, uma preocupação em observar como Lima Barreto lida com o ideal de pátria, através de uma narrativa irônica e ao mesmo tempo comovente que se desdobra sobre a figura do protagonista Policarpo Quaresma. É interessante notar como essa personagem se tornou uma das figuras mais comoventes da nossa literatura. Lima Barreto também é analisado sobre suas posições a respeito do patriotismo em suas crônicas, muitas delas desenvolvendo críticas severas a respeito do assunto, sobretudo na imprensa libertária.

No terceiro momento, com o título “Lima Barreto: Anarquismo e Forma Literária”, foram discutidas as relações entre as ideias anarquistas absorvidas de forma não oficial pelo escritor carioca e que o acompanharam através de amigos como Domingos Ribeiro Filho e Fábio Lucas, e seu estilo livre e despojado, quase chegando à crônica, presente em seu romance de estreia. Aqui, buscou-se destacar como as ideias de liberdade defendidas pelos anarquistas se configuram na forma de escrever de Lima Barreto, e como se apresentaram na estrutura narrativa. Partiu-se, no entanto, do estudo de críticos como Osman Lins, Antonio Arnoni Prado, Carmem Lúcia Negreiros de Figueiredo e Francisco de Assis Barbosa. Esses críticos respaldaram a análise daquele que foi um dos romances mais polêmicos do escritor carioca, e uma das narrativas mais estudadas do ponto de vista de sua estrutura e organicidade: *Recordações do Escrivão Isaías Caminha*.

*Tal como as palavras, transmitindo os pensamentos e experiências dos homens, servem para unir as pessoas, a arte serve exatamente da mesma forma. A peculiaridade desse meio de comunicação, que a distingue da comunhão por meio da palavra, é que pela palavra um homem transmite seus pensamentos a outro, enquanto que com a arte as pessoas transmitem seus sentimentos umas às outras.*

(Tolstói)

## 1 - LIMA BARRETO: UM CRONISTA LIBERTÁRIO

Um número considerável de críticos e teóricos da nossa literatura tem observado em Lima Barreto uma certa relação com o pensamento anarquista. Embora não se possa afirmar que o escritor carioca tenha mantido uma relação oficial com os movimentos de caráter libertário que nortearam a luta dos operários nas primeiras décadas do séc. XX no Brasil, é possível encontrar em suas crônicas, artigos de jornal e revistas da época, uma série de relatos referentes às lutas da classe operária, sempre as defendendo, bem como tecendo elogios a representantes e teóricos das ideias anarquistas. Sua correspondência também denuncia sua simpatia pelas ideias libertárias.

Lima Barreto, como escritor meticuloso, até mesmo em sua correspondência, deixa marcada sua preocupação com os problemas estéticos e, sobretudo, com os sociais. Em alguns momentos, pode-se até ariscar em dizer que as cartas que enviava aos amigos, principalmente àqueles que tinham alguma ligação com o mundo das artes, eram um prolongamento de sua produção ensaística, pois nelas, muitas vezes, dava conselhos e dicas de como compor, de como trabalhar numa obra de arte literária. Com frequência também recebia cartas de principiantes na arte de escrever, pedindo-lhe dicas e conselhos sobre o ofício de escritor. A correspondência de Lima Barreto, assim como seu Diário Intimo ou suas notas avulsas, pode esclarecer muito sobre o seu ponto de vista, sendo preciosos para elucidar muitas dúvidas e questionamentos que compõem sua ficção.

Por tudo isso é que críticos literários e historiadores, como Nicolau Sevckenko, Francisco de Assis Barbosa, Francisco Foot Hardman, Antonio Arnoni Prado, Nelson Werneck Sodré, Rachel Valença, Beatriz Resende, Astrogildo Pereira, todos esses e outros mais falaram de um Lima Barreto anarquista.

Em *Literatura como Missão* (2003), por exemplo, já no prefácio à primeira edição, Francisco de Assis Barbosa, analisando as relações do escritor com a República, diz que Lima

Barreto “atacou sem reservas o sistema que se lhe afigurava uma oligarquia de caráter mais aristocrático que o parlamentarismo imperial”<sup>13</sup>.

Nicolau Sevcenko, no ensaio em si, ao analisar a obra de Lima Barreto e de Euclides da Cunha, não os escolheu aleatoriamente; pelo contrário, os dois escritores, aos olhos do crítico, estavam bastante atentos às tensões sociais e seus desdobramentos e não estavam alheios às várias teorias da época; sua literatura transformou-se em mecanismo que comportava um número variado de funções, como instrumento de arte, de crítica, de reforma, enfim, como indispensável em toda sociedade. “Por essa razão é que ambos os autores voltaram sempre e sistematicamente os olhos para teorias que colocassem a sua plataforma sobre o padrão da coletividade e dos movimentos sociais amplos, como o positivismo, o trabalhismo, o socialismo ou ainda o anarquismo, no caso de Lima Barreto”<sup>14</sup>. O crítico vê no escritor carioca uma preocupação em atingir as massas através de políticas e programas ligados aos interesses da maioria.

Com Antonio Arnoni Prado, embora em seu estudo sobre Lima Barreto predomine a análise literária, observa-se que o crítico dirige seu olhar para outros aspectos como os biográficos, dados do cotidiano e aqueles que dizem respeito às suas posições políticas e ideológicas, abordando não só o artista mas o homem inserido em um contexto histórico e social, este de grande relevância, porque fator determinante para sua produção artística.

Mas, além desses dados de circunstância, que vistos de hoje ajudam a compreender a bagagem ideológica com que o jovem estreante de *A Voz do Trabalhador* então se lançava no turbilhão da utopia anarquista, convém assinalar no conjunto da obra até então publicada, e depois nos textos que a completariam, uma espécie de veio anárquico difuso que daria o núcleo central à figuração escabulhada do Brasil do latifúndio e dos coronéis. Por esse lado, o antimilitarismo corrosivo do *Policarpo Quaresma*; a desmistificação do patriotismo e a paródia da inutilidade do Estado e dos parlamentos exposta com mordacidade em *Numa e a Ninfa* e em *Os Bruzundangas*; o solidarismo humanitário do *Gonzaga de Sá*; o espírito cômico de aventura que se fixa em tipos como Bogolóff e Gregoróvitch, aventureiros da Europa e revolucionários no Brasil; o anticlericalismo da “Circular ao Reverendo Vigário Geral” e a divulgação intensa do programa de ação direta dos trabalhadores dão bem a medida da índole libertária com que Lima Barreto se decidira a fustigar o programa da República dos bacharéis<sup>15</sup>.

<sup>13</sup> SEVCENKO, Nicolau. *Literatura como missão: tensões sociais e criação cultural na Primeira República*. 2.ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2003, p. 17.

<sup>14</sup> *Ibidem*, p. 269.

<sup>15</sup> PRADO, Antonio Arnoni. *Lima Barreto: o crítico e a crise*. São Paulo: Martins Fontes, 1989.

Aqui, percebe-se que o crítico recolhe de suas crônicas o que ele chama de “veio anárquico”, tendo constatado esse mesmo caráter nos demais textos que compõem sua obra, justificando seu julgamento em considerá-lo anarquista. O ensaio, no entanto, não é tão simples. O crítico faz um estudo bastante convincente ao tratar da bagagem ideológica e das posições políticas do escritor carioca, que será tratado em uma outra parte desse trabalho.

Outro teórico que coloca Lima Barreto entre os vários escritores anarquistas que contribuíram com a imprensa libertária e engrossaram as fileiras daqueles que se uniram aos trabalhadores e operários da incipiente indústria do Brasil no início do século XX, foi Francisco Foot Hardman. Em *Nem Pátria, Nem Patrão* (1983), importante ensaio dedicado à história do movimento operário no Brasil, no qual se encontra um estudo minucioso sobre a cultura anarquista em seus mais variados aspectos, Foot Hardman também faz menção às possíveis relações do escritor carioca com a ideologia anárquica. Ressalta o crítico que muitos foram os teóricos do anarquismo lidos e relatados em nossos periódicos, como Proudhon, Stirner, Bakunin, Kropotkin, Reclus, entre outros. E afirma que “a presença de autores anarquistas teve sua influência, mesmo difusa, na obra, por exemplo, de Lima Barreto, ou de Martins Fontes. Entre os clássicos do anarquismo, Kropotkin, em especial *A Conquista do Pão* (1892), foi, ao que parece, dos autores mais lidos”<sup>16</sup>. É muito provável que esse anarquista tenha feito parte das inúmeras leituras de Lima Barreto, pois observando os títulos e autores que compunham sua biblioteca, encontra-se, além do russo, outros anarquistas, como Tolstói e Proudhon.

Com Francisco de Assis Barbosa, autor da mais importante biografia de Lima Barreto, também se encontram relatos da participação do escritor nos jornais libertários como colaborador assíduo e defensor dos direitos dos trabalhadores em sua constante luta por melhores condições de trabalho. Por estar sempre em dia com os assuntos relacionados ao movimento operário e à propaganda e cultura libertárias, afirma o crítico e biógrafo:

Lima Barreto nunca foi, nem seria nunca, um revolucionário militante. Mas é fora de dúvida que sempre alimentou ideias, princípios e sentimentos anarquistas. Era, como se usa dizer, um simpatizante. Assim se intitulava, pelo menos, escrevendo na *Voz do*

---

<sup>16</sup> HARDMAN, Francisco Foot. *Nem Pátria, Nem Patrão!* Memória Operária, Cultura e Literatura no Brasil. 3.ed. São Paulo: Editora UNESO, 2002, p. 126.

*Trabalhador*, órgão de reivindicações proletárias, com o pseudônimo de Isaías Caminha<sup>17</sup>.

Não é sem respaldo que Francisco de Assis Barbosa se refere a Lima Barreto como um simpatizante do anarquismo. Ele poderia até ousar em dizê-lo uma anarquista de fato, pois participava ativamente de discussões sobre o assunto e sempre que tinha oportunidade escrevia artigos na imprensa libertária, aliás, uma de suas preferidas, e mantinha relações de amizade com pensadores diretamente ligados ao movimento libertário do Rio de Janeiro, como Domingos Ribeiro Filho e Pausílipo da Fonseca.

Além das rotineiras publicações na imprensa local, a correspondência que Lima Barreto manteve ao longo da vida, revela que ele esteve realmente envolvido com organizações operárias ou, pelo menos, participava de suas reuniões esporadicamente. O mais provável é que essa relação tenha ocorrido livremente.

Pausílipo da Fonseca, amigo e companheiro de ideias, certa vez escreveu uma carta na qual faz um convite oficial a Lima Barreto para participar, como delegado, do Partido Operário Independente. O convite não foi feito aleatoriamente. No dia 27 de outubro de 1906, os representantes da entidade, em reunião, o haviam “reconhecido e proclamado seu ‘Delegado’ junto aos companheiros do Segundo Diretório”<sup>18</sup>. O missivista justifica a eleição por ter Lima Barreto trabalhado “pelo triunfo definitivo das aspirações do operariado”<sup>19</sup>.

Se o autor de *Clara dos Anjos* pretendia aceitar o convite do amigo, não o pode fazer por ser empregado público subalterno, como alegou em uma carta posterior, e, como tirava seu sustento dos cofres públicos, não ficaria bem se armar contra seus superiores<sup>20</sup>. Tal convite não seria feito se o escritor não denunciasse nenhuma simpatia pelo anarquismo. Embora tenha recusado o convite de Pausílipo da Fonseca para compor a Organização Operária Brasileira, posteriormente, em 1913, através da publicação de um artigo na *Voz do Trabalhador*, intitulado “Palavras de um *snoob* anarquista”, o articulista deixa claro seu apoio às ações dos anarquistas e à luta operária no Brasil.

<sup>17</sup> BARBOSA, Francisco de Assis. *A vida de Lima Barreto*. 9.ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2003, p. 253.

<sup>18</sup> BARRETO, Lima. Correspondência ativa e passiva. In: *Obra Completa*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1956, tomo I, p. 155.

<sup>19</sup> *Ibidem*.

<sup>20</sup> *Ibid.*, p. 156.



Em outro momento, comentando o ensaio de Georgino Avelino, intitulado “A Necessidade das Pátrias”, confirma, através de uma carta enviada ao autor do ensaio, sua preocupação com o tema e as implicações do desenvolvimento do patriotismo com o comprometimento das liberdades individuais. Assim conclui Lima Barreto:

A pátria me repugna, Avelino, porque a pátria é um sindicato, dos políticos e dos sindicatos universais, com os seus esculcas em todo o mundo, para saquear, oprimir, tirar couro e cabelo, dos que acreditam nos homens, no trabalho, na religião e na honestidade<sup>21</sup>.

De forma geral, o pensamento anarquista também encara a pátria como uma instituição comprometedora das liberdades individuais. Nesse ponto, há uma correspondência com o pensamento do escritor carioca, assunto que será tratado com mais detalhes no capítulo dois desse trabalho.

Jaime Adour da Câmara, com quem manteve correspondência em 1918-1919, foi um de seus amigos mais próximos, com quem trocava livros vindos do exterior, dentre esses, principalmente os russos e outros escritos anarquistas. Sempre que podia enviava-lhe publicações variadas, como consta de uma carta de 27 de julho de 1919. Diz Lima Barreto:

Hei de te mandar as melhores publicações (as baratas, bem entendido) que puder sobre coisas sociais. Há brochurinhas muito boas e baratas em espanhol, português e francês, de Kropótkine, de Hamon, de Reclus, etc. [...] Leia sempre os russos: Dostoiévski, Tolstói, Turguênieff, um pouco de Górkí; mas, sobretudo, o Dostoiévski da *Casa dos Mortos* e do *Crime e Castigo*<sup>22</sup>.

Lima Barreto sempre esteve preocupado com questões sociais, como denuncia o fragmento acima. Repare-se como elenca alguns anarquistas. Decerto os julgava indispensáveis para uma análise dos problemas da sociedade. Os anarquistas estavam em alta nesse período e eram os principais articuladores do movimento operário do Brasil.

---

<sup>21</sup> *Ibid.*, p. 281.

<sup>22</sup> *Ibid.*, p. 171.

### 1.1. Arte e sociedade: suas interrelações na visão de Lima Barreto

Em texto que abre *Impressões de Leitura* (1956), intitulado “O Destino da Literatura”, título bem a propósito de suas intenções com relação à criação artística, o escritor carioca Lima Barreto deixa bem claras suas expectativas no que diz respeito a sua produção e as suas relações com a sociedade. Ainda quando estudante da Escola Politécnica, já havia uma preocupação do futuro escritor em atingir o público, através de sua atuação em revistas e pequenos jornais de vida efêmera que circulavam na Rua do Ouvidor. Essa preocupação precoce com a responsabilidade e a razão de ser da Literatura, ao longo do tempo, vai se tornando cada vez mais recorrente em seus escritos, tanto em seus artigos e crônicas de jornais, quanto em sua ficção.

A Arte cujo dever é representar, com seus recursos e os seus métodos, tendo por “limite” a Natureza, há de abstrair muito e muito menos que qualquer das ciências elevadas.

[...]

A Arte, por sua natureza mesma, é uma criação humana dependente estreitamente do meio, da raça e do momento – todas essas condições concorrendo concomitantemente.

[...]

A Arte, por ser particular e destinar-se a pintar as ações de fora sobre a alma e vice-versa, não pode desprezar o meio, nas suas mínimas particularidades, quando delas precisar.

[...]

A Arte seria uma simples álgebra de sentimentos e pensamentos se não fosse assim, e não teria ela, pelo poder de comover, que é um meio de persuasão, o destino de revelar umas almas às outras, de ligá-las, mostrando-lhes mutuamente as razões de suas dores e alegrias, que os simples fatos desarticulados da vida, vistos pelo comum, não têm o poder de fazer, mas que ela faz, diz e convence, contribuindo para a regra da nossa conduta e esclarecimento do nosso destino<sup>23</sup>.

Admitindo as possíveis e prováveis relações do contexto histórico e ideológico com a produção artística de qualquer escritor, seria mais adequado estudar a obra de Lima Barreto a partir do conhecimento desses contextos, mesmo que de forma breve, visto que o estudo da linguagem, nas suas mais variadas perspectivas, assim como ela própria, constitui uma instituição social, e como tal, não pode ser desprezada e abordada de forma isolada, à maneira dos estruturalistas, que viam a obra de arte totalmente independente e desvinculada de seu meio.

<sup>23</sup> BARRETO, Lima. Feiras e Mafuás. In: *Obra Completa*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1956, p. 38-39.

Uma vez que o homem, diferente de outros animais, é um ser passível de transformações não só biológicas mas, acima de tudo, comportamentais, e sofre gradativas influências do meio, alterando-o concomitantemente, constata-se que suas características são adquiridas ao longo de sua interação com esse meio socializante em que surgiu e cresceu. Os antropólogos, *grosso modo*, concordam que:

[...] a natureza humana, em grande parte, é a expressão da criação humana – o produto da interação das possibilidades genéticas com os fatores culturalizantes que operam sobre elas para dar-lhes à natureza geral a sua forma particular<sup>24</sup>.

É evidente que essa interação concede ao escritor certo direito de recriar o meio no qual se desenvolveu a obra; sendo assim, pode-se arriscar a afirmação de que isso inviabiliza a noção de criador absoluto atribuída ao escritor; cuja capacidade estética poderia ser vista como um dom sem qualquer relação com sua história de vida, suas angústias, suas inquietações. A composição de um romance, de um conto, está sempre recheada de vivências, realizadas ou não, de um homem. Por mais afastada que possa estar a obra de seu meio e da vida de seu criador, haverá sempre uma ligação entre esses elementos, ainda que diáfana. Não há como separar essas duas realidades. Como propõe Dominique Maingueneau:

O ato de escrever, de trabalhar num manuscrito, constitui a zona de contato mais evidente entre a “vida” e a “obra”. Trata-se de fato de uma atividade escrita na existência, como qualquer outra, mas que também se encontra na órbita de uma obra, na medida daquilo que assim a fez nascer<sup>25</sup>.

O privilégio concedido ao escritor, reforçado, sobretudo pela estética romântica, comprometeu sobremaneira o caráter social da obra, pois uma obra totalmente idealista não é capaz de exercer nenhuma função prática na sociedade, no sentido de ajudar a melhorar as relações entre os seres humanos como propõe Lima Barreto. Todavia, em tempos mais recentes e com o aparecimento de vários escritores ditos engajados e preocupados em fazer do seu ofício um meio de melhorar as relações humanas através de críticas à organização social injusta, ao abuso

<sup>24</sup> MONTAGU, Ashley. *Introdução à Antropologia*. 2.ed. Tradução de Octavio Mendes Cajado. São Paulo: Cultrix, 1969, p. 135.

<sup>25</sup> MAINGUENEAU, Dominique. *O Contexto da Obra Literária – Enunciação, Escritor, Sociedade*. Tradução de Marina Appezeller. São Paulo: Martins Fontes, 2001, p. 47.

de poder por parte de alguns chefes de governo, a literatura vem cada vez mais sendo estudada em suas relações com a sociedade. Mas este tipo de estudo deve ser realizado com bastante responsabilidade para não comprometer ou colocar em segundo plano a obra de arte em si; pois eles devem partir do próprio objeto estético; os outros elementos devem sempre permanecer em plano secundário. Assim, como assevera Antonio Candido:

Quando fazemos uma análise deste tipo, podemos dizer que levamos em conta o elemento social, não exteriormente, como referência que permite identificar, na matéria do livro, a expressão de uma certa época ou de uma sociedade determinada; nem como enquadramento, que permite situá-lo historicamente; mas como fator da própria construção artística, estudado no nível explicativo e não ilustrativo<sup>26</sup>.

O ponto de culminância nesse tipo de análise constitui a estrutura da obra. Seus elementos composicionais é que são verdadeiramente importantes; os demais, como os aspectos sociais, filosóficos ou históricos, terão sua validade se forem justificados pela estrutura interna da obra, como seus componentes internos, concedendo à linguagem sua posição independente e livre em relação à realidade.

Se se contar apenas com o determinismo geográfico, patenteado sobretudo por antropólogos do final do século XIX e início do século XX, não seria possível explicar a diversidade cultural em lugares nos quais observam-se as mesmas características físicas. Tem-se, então, o fato indiscutível de uma relação de interdependência entre o homem como um ser transformador e, ao mesmo tempo, transformado pelo meio.

A partir desse raciocínio, se o meio tem poderes sobre a criação artística, há que se convencer que grandes produções estéticas e filosóficas foram imprescindíveis para mudanças de comportamento não só de indivíduos numa perspectiva isolada, mas é certo também que o comportamento de gerações foi alterado, usos e costumes foram estabelecidos a partir da influência de grandes romances. Muitos escritores, talvez até sem esse objetivo, foram capazes, através de sua obra, de alterar ou influenciar o comportamento e o convívio em sociedade. Um dos exemplos clássicos dessa relação foi o romance *Os Sofrimentos do Jovem Werther* (1774), de Goethe, à época, relacionado a diversos suicídios entre jovens na Europa, segundo a tradição. É

---

<sup>26</sup> CANDIDO, Antonio. *Literatura e Sociedade*. 9.ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2006, p. 16-17.

possível citar um número considerável de exemplos semelhantes, porém isso causaria uma digressão desnecessária.

Conclui-se que o texto literário é constituído a partir de uma interação entre elementos externos – podendo ser esses sociais, econômicos, filosóficos ou políticos – e a própria estrutura narrativa, como deixa claro o crítico e sociólogo Antonio Candido, ao tratar da obra literária e suas relações com o meio, afirmando que

só a podemos entender fundindo texto e contexto numa interpretação dialeticamente íntegra, em que tanto o velho ponto de vista que explicava pelos fatores externos, quanto o outro, norteado pela convicção de que a estrutura é virtualmente independente, se combinam como momentos necessários do processo interpretativo. Sabemos, ainda, que o externo (no caso o social) importa, não como causa, nem como significado, mas como elemento que desempenha um certo papel na constituição da estrutura, tornando-se, portanto, interno<sup>27</sup>.

Essa teoria de Antonio Candido prima por uma justa forma interpretativa sem privilegiar os aspectos formais em detrimento dos aspectos sociais ou históricos, em sua concepção, elemento “essencial para apreender o sentido do objeto estudado”<sup>28</sup>. A obra de arte literária não representa, portanto, uma relação de causa e efeito unilateral, mas é plasmada por uma relação dialética entre os elementos intrínsecos e extrínsecos presentes na narrativa. Sua análise e interpretação devem levar em conta a matéria e a forma, ao mesmo tempo, e não uma ou outra isoladamente; e

a crítica atual, por mais interessada que esteja nos aspectos formais, não pode dispensar nem menosprezar disciplinas independentes como a sociologia da literatura e a história literária sociologicamente orientada, bem como toda a gama de estudos aplicados à investigação de aspectos sociais das obras<sup>29</sup>.

Considerando plausível esse pensamento, e levando em conta a complexidade e as ambiguidades que acompanham o desenvolvimento das sociedades humanas ao longo da História, muitos pensadores têm teorizado a respeito dos problemas inerentes ao homem em sociedade. Dentre esses, alguns têm ocupado um lugar de destaque: a questão do poder, da

---

<sup>27</sup> *Ibidem*, p. 13-14.

<sup>28</sup> *Ibid.*, p. 18.

<sup>29</sup> *Ibid.*

soberania. Filósofos, sociólogos, historiadores, ou mesmo artistas em geral, e ficcionistas em particular, têm dado especial atenção às formas de instalação do poder e da soberania em diversas sociedades.

Embora não caiba nessa pesquisa uma análise aprofundada das grandes obras da Ciência Política e do trabalho de pensadores que se dedicaram à tentativa de uma explicação acerca da dominação de seres humanos sobre o seu igual, não se pode esquivar de uma abordagem geral do assunto, uma vez que a obra do escritor carioca Lima Barreto está recheada de questões polêmicas que dizem respeito ao poder instalado no Brasil no final do século XIX e a seus desdobramentos no início do século seguinte. Além disso, trata, numa perspectiva estética, de relações de poder entre os homens e da divulgação e análise de ideologias e pensamentos característicos de um período de instabilidades políticas por que passavam o Brasil e o mundo nesse período.

É inegável que, mesmo de forma superficial, um estudo das sociedades humanas mostra, desde os primórdios, sobretudo a partir do nascimento da propriedade privada, que o homem vem desenvolvendo ações e ideias cujo objetivo é justificar o domínio de uns sobre outros. À medida que os agrupamentos humanos se constituem e se tornam complexos, verifica-se uma maior preocupação em se estabelecer poderes, ainda que para isso as massas tenham que se calar de forma violenta, uma vez que os oprimidos, quase sempre, se mostraram insurgentes em relação ao seu opressor, como deixa clara a análise de Marx e Engels no *Manifesto do Partido Comunista*:

Homem livre e escravo, patrício e plebeu, barão e servo, mestres e companheiros, numa palavra, opressores e oprimidos, sempre estiveram em constante oposição uns aos outros, envolvidos numa luta ininterrupta, ora disfarçada, ora aberta, que terminou sempre, ou com uma transformação (*Umgestaltung*) revolucionária de toda a sociedade, ou com o declínio comum das classes em luta<sup>30</sup>.

De forma sistemática, é possível atribuir a Nicolau Maquiavel (1469-1525) o título de pai da Ciência Política Moderna, portanto, o primeiro pensador da Era Moderna, em cuja obra trata da instalação e manutenção do poder, num período de grande turbulência econômica provocada

---

<sup>30</sup> ENGELS, Friedrich; MARX, Karl. *Manifesto do Partido Comunista*. 3.ed. Tradução de Marco Aurélio Nogueira e Leandro Konder. Petrópolis: Vozes, 1990, p. 66.

pela crise do feudalismo, crise essa acompanhada de forte desejo de poder de uma classe em ascensão, cuja principal atividade se concentra no comércio, sobretudo o marítimo.

Em certo sentido, não só o Renascimento, mas toda a Era Moderna e grande parte da Contemporânea desenvolveram-se sob a influência do pensamento de Maquiavel, sobretudo pela clareza e firmeza com que estabelece uma distância entre política e moral, deixando evidente a autonomia e superioridade da política, fazendo frente, sobretudo aos protestos do humanismo cristão. Outros pensadores, como Platão, idealizaram um mundo para o homem, porém, o pensador florentino concebeu uma obra pautada na realidade e nas atitudes de chefes de estado, ou seja, suas ideias não pressupõem a realidade, e sim o contrário, como se pode comprovar em suas palavras:

Como, porém, minha intenção não é escrever sobre assuntos de que todos os interessados tirem proveito, julguei adequado procurar a verdade pelo resultado das coisas, mais do que por aquilo que delas se possa imaginar. E muitos imaginaram repúblicas e principados nunca vistos ou reconhecidos como reais. Tamanha diferença se encontra entre o modo como se vive e o modo como se deveria viver que aqueles que se ocuparem do que deveria ser feito, em vez do que na realidade se faz, aprendem antes da própria derrota do que sua preservação; e quando um homem deseja professar a bondade, natural que é vá à ruína, entre tantos maus<sup>31</sup>.

Com *O príncipe* (1513), Maquiavel inaugura um tipo de discurso diretamente relacionado à ideologia da classe em ascensão, a burguesia, ansiosa por promover e proporcionar ao homem ocidental seus valores e as consequências de suas conquistas. Valores pautados na fé e no idealismo foram imediatamente substituídos por valores paupáveis; a riqueza móvel é elevada a um patamar superior em detrimento da riqueza fundiária, que privilegia a nobreza europeia. As leis deviam se subordinar à realidade; costumes e tradições só seriam mantidos para salvaguardar a nova ordem.

O Estado-nação monárquico constituiu-se a principal forma de representação do poder durante a Era Moderna, conhecendo seu apogeu na França sob a égide de Luis XIV, influenciado pelo pensamento de Jacques-Bénigne Bossuet (1627-1704), um dos grandes idealizadores do poder absoluto dos reis a partir de uma concepção divina.

---

<sup>31</sup> MAQUIAVEL, Nicolau. *O Príncipe / Escritos Políticos*. São Paulo: Editora Nova Cultural, 2000, p. 99.

Percorrendo a história do pensamento político, no que concerne à Era Moderna, além de Maquiavel e Bossuet, pode-se ainda destacar Jean Bodin (1530-1596), que tratou do Estado e da Soberania, em sua mais relevante obra, *A República* (1576), na qual propõe um equilíbrio entre a soberania do príncipe e os direitos dos súditos. Também não passam despercebidos nomes como Roberto Belarmino, cognominado “o martelo dos hereges”, muito temido pelos reformadores; Jean de Mariana (1535-1624), grande exterminador das origens do poder político; Francisco Suárez (1548-1617), destacando-se como grande discípulo de Tomás de Aquino.

É possível citar vários outros teóricos que se deram ao trabalho de pensar o Poder e o Estado, bem como a explicação de suas origens. Mas, considerando a dimensão do trabalho de Maquiavel, nenhum foi tão grandioso quanto Thomas Hobbes (1588-1679), cuja principal obra, *Leviatã* (1651), trata ao mesmo tempo do poder do Estado Eclesiástico e do Estado Civil.

Nem mesmo Maquiavel foi capaz, como Hobbes, de desnudar a natureza humana de forma tão clara e mecânica. Ele propõe que o homem é naturalmente levado a escolher um soberano para que esse promova a ordem e a paz, ambas objetos de desejo do ser humano, pois este encontra-se em sua gênese numa condição de caos. E essa situação, que os anarquistas poderiam chamar de liberdade plena, não é capaz de promover a felicidade. Somente a partir de uma ordem alcançada como consequência de um pacto de transferência da soberania natural de cada indivíduo em benefício de um homem artificial e superior, que encarna o Estado ou a Cidade, dependendo da situação, a humanidade chega ao ideal. Assim, por pior que pareça, mais vale um Estado que comprometa a liberdade, mas que garanta a segurança e a ordem, do que a manutenção de uma liberdade que ponha em risco a existência da ordem. É o próprio Hobbes que o deixa bem claro no *Leviatã*:

Aparece bem claro a meu entendimento, tanto a partir da razão quanto das Escrituras, que o poder soberano, que resida num homem como numa monarquia, quer uma assembleia como nos Estados populares e aristocráticos, é o maior que é possível imaginar que os homens possam criar. Embora seja possível imaginar muitas más consequências de um poder tão ilimitado, apesar disso as consequências da falta dele, isto é, a guerra perpétua de todos os homens com seus vizinhos, são muito piores. A condição do homem, nesta vida, jamais deixará de ter alguns inconvenientes, mas num Estado jamais se verifica qualquer grande inconveniente a não ser os que derivam da



desobediência dos súditos, e o rompimento daqueles pactos a que o Estado deve sua existência<sup>32</sup>.

Há em Hobbes, portanto, o extremo oposto do pensamento anarquista, veiculador das ideias de plena e absoluta liberdade entre os homens e condição indispensável para se alcançar a felicidade, sendo essa condição uma consequência da queda de toda e qualquer autoridade, como Estado, leis absolutas, governos autoritários, entre outros.

O século XIX, mais do que qualquer outro, comportou uma série grandiosa de mudanças e o aparecimento de novas ideias em todos os setores do conhecimento humano, assim como no âmbito artístico ou estético. Além das grandes Revoluções Burguesas, de caráter econômico e social, o mundo do século XIX foi espectador de dois importantes movimentos estéticos: o Romantismo e o Realismo; isso, para ficarmos apenas nesses, porque de maior relevância. Tudo isso, não se pode esquecer, é proveniente e está calcado em uma ideologia secular de interesse burguês, desenvolvida a partir do colapso e da fragmentação da Cristandade e da estrutura feudal, ambos à frente do poder no Ocidente durante toda a Idade Média.

Friedrich Engels (1820-1895) e Karl Marx (1818-1883) abrem o capítulo primeiro, “Burgueses e Proletários”, do *Manifesto do Partido Comunista* (1848), com uma conclusão: “A história de toda sociedade até hoje é a história de lutas de classes”<sup>33</sup>. Com essa convicção por parte desses dois grandes pensadores, e observando o desenrolar da obra e o próprio desenvolvimento da História, não se pode negar a existência constante e concreta das lutas incessantes entre governantes e governados, povo e elite, Estado e cidadão, numa dinâmica propulsora de novas ideias e novas estruturas em todos os setores da sociedade, caracterizada por uma dialética, sem a qual o mundo estaria estagnado e a própria ideia de modernidade não teria sentido.

Assim, a partir dos primórdios do século XVI, encontra-se à frente de praticamente todas as transformações que o Ocidente conheceu, até o século XVII, a classe burguesa. Não é à toa que Karl Marx e Friedrich Engels atribuem à burguesia o título de classe revolucionária, como vê-se no *Manifesto do Partido Comunista*:

---

<sup>32</sup> HOBBS, Thomas. *Leviatã* – ou matéria, forma e poder de um estado eclesiástico e civil. Tradução de Pietro Nassetti. São Paulo: Martin Claret, 2001, p. 156-157.

<sup>33</sup> ENGELS e MARX, *op. cit.*, p. 66.

A burguesia desempenha na história um papel extremamente revolucionário. Onde quer que tenha chegado ao poder, a burguesia destruiu todas as relações feudais, patriarcais, idílicas. Dilacerou impiedosamente os variiegados laços feudais que ligavam o ser humano e seus superiores naturais, e não deixou subsistir entre homem e homem outro vínculo que não o interesse nu e cru (*das nackte Interesse*), o insensível “pagamento em dinheiro”. Afogou nas águas gélidas do cálculo egoísta os sagrados frêmitos da exaltação religiosa, do entusiasmo cavalheiresco, do sentimentalismo pequeno-burguês. Fez da dignidade pessoal um simples valor de troca e no lugar das inúmeras liberdades já reconhecidas e duramente conquistadas colocou *unicamente* a liberdade de comércio sem escrúpulos. Numa palavra, no lugar da exploração mascarada por ilusões políticas e religiosas colocou a exploração aberta, despudorada, direta e árida. A burguesia despojou de sua auréola todas as atividades até então consideradas dignas de veneração e respeito. Transformou em seus trabalhadores assalariados o médico, o jurista, o padre, o poeta, o homem de ciência<sup>34</sup>.

Nota-se, nesse comentário, a importância que a classe burguesa teve nas transformações que levaram ao advento da modernidade e seu papel na desarticulação das velhas tradições feudais de base religiosa sustentada pela Igreja de Roma. Não se pode deixar, no entanto, de notar que, ao questionar essa tradição e condenar essas estruturas, a burguesia, para consolidar seu poder e se impor como classe dirigente, tinha de instituir sua própria tradição, seus valores, sua ideologia. Isso só foi possível graças a uma retomada de valores que estavam diretamente relacionados ao indivíduo como ser autônomo, senhor de seu próprio destino, diferente daquele que outrora dependia ou estava ligado ao futuro longínquo, ou seja, à vida eterna. O homem agora trabalharia para garantir seu bem-estar e seu conforto, considerando sua vida no hoje, no instante presente. Como se sabe, todo esse cenário ideológico culminou no surgimento de uma sociedade também dividida em classes bem distintas, agora separadas pelo dinheiro, pela riqueza móvel e não pelo nascimento, o que vem a dar no mesmo, pois a revolução burguesa foi defensora de seus próprios interesses e fomentadora de uma segregação social de base monetária jamais vista na História.

---

<sup>34</sup> *Ibidem*, p. 68-69.

## 1.2. Imprensa libertária e anarquismo no Brasil

Um observador pertinaz e mais atento aos acontecimentos do início do século XX, no Brasil, e que tenha o interesse de focar a história da imprensa em território nacional, perceberá de pronto que, além dos periódicos oficiais ou de grande porte, havia um número considerável de pequenos jornais, folhas, revistas que circulavam, sobretudo no Rio de Janeiro e em São Paulo, cujo objetivo principal era divulgar o que havia de mais recente em se tratando de pensamento político, ideologias, tendências artísticas, e outros assuntos que rondavam o Velho Mundo.

Se se considerar as tendências e ideologias que se manifestaram no Brasil ao longo da História e, principalmente, na transição do século XIX para o século XX e, ao mesmo tempo, relacionando esse período ao desenvolvimento da nossa imprensa, poderia-se asseverar que nossos periódicos, incluindo revistas e jornais, subdividiam-se de duas formas: de um lado, havia aqueles jornais que abraçavam a ideologia de quem estava no poder, em sua maioria formando a grande imprensa; de outro, os pequenos, porém não tímidos periódicos encarregados de fazer oposição não só ao poder vigente, mas também àquela que lhe fazia frente: a imprensa oficial.

No entanto, imediatamente após a mudança de forma de governo da Monarquia para a República, ainda não se pode falar de grandes alterações no meio jornalístico. De acordo com estudo realizado por Nelson Werneck Sodré, os “grandes jornais continuaram os mesmos, com maior prestígio e força os republicanos, com mais combatividade os monarquistas”<sup>35</sup>.

Como a insatisfação de alguns escritores e jornalistas era uma constante, não era raro encontrar relatos de protestos contra o governo recém-estabelecido, em benefício de uma propaganda monarquista clara e sem retoques de belletrismo.

É claro que essa atitude tinha que fazer frente à mais destacada figura do jornalismo e da propaganda republicana, desde os seus primórdios: Quintino Bocaiúva (1836-1912). Este fez do jornalismo a sua principal atividade, vocação que já lhe era inerente desde os bancos escolares. Vale lembrar que a propaganda republicana nos faz concluir que a grande imprensa teve papel fundamental no advento dos novos ares que se instalaram no Brasil em fins do século XIX, ou

---

<sup>35</sup> SODRÉ, Nelson Werneck. *História da Imprensa no Brasil*. 4. ed. Rio de Janeiro: Mauad, 1999, p. 251.

seja, o periodismo foi um dos principais estimuladores da implantação da República, senão o mais evidente e importante, uma vez que reunia os principais articuladores do movimento republicano.

A instalação das ideias anarquistas e o desenvolvimento da imprensa libertária no Brasil estão diretamente ligados ao processo de modernização e de substituição da mão-de-obra escrava pela mão-de-obra livre e assalariada, no cenário da produção agrícola. Sabe-se que esse processo envolveu as duas classes antagônicas que formavam a sociedade brasileira como um todo: o trabalhador e o senhor de terras, sobretudo os grandes cafeicultores do Oeste paulista.

Como esses proprietários rurais não contavam com mão-de-obra suficiente para atender às necessidades do mercado, mercado esse de grande abrangência internacional, pois os maiores compradores do nosso café eram os europeus e os norte-americanos, a solução encontrada foi a importação de material humano. Assim, passou-se a empregar o braço estrangeiro, a princípio representado pelo imigrante italiano. Esse quadro começou a se esboçar ainda no final do século XIX, e ganhou força com o fim da escravidão negra, para, nas duas primeiras décadas do século seguinte, se consolidar juntamente com as ideias anarquistas. Por todo esse período de vinte anos, é possível observar uma evidência e um aprimoramento das ideias libertárias entre os brasileiros, com mais ênfase na capital federal, é claro, em detrimento dos vultos do socialismo.

Pode-se afirmar que a região cafeeira passou a ser ocupada por levas de italianos, vindos, ao contrário dos antigos escravos, com famílias estruturadas. Além disso, trouxeram para o Brasil, não só sua força de trabalho, imprescindível para o desenvolvimento da economia nesse momento, mas instrumentos agrícolas modernos, e as mais recentes ideias de liberdade em difusão pela Europa, e suas várias tendências e desdobramentos.

Entre os vários teóricos do anarquismo, que não são poucos, alguns merecem especial destaque aqui, visto terem sido suas ideias bastante difundidas entre os brasileiros e se destacado com frequência em nossa imprensa, além de constarem do acervo bibliográfico de Lima Barreto. Nesse conjunto temos: Max Stirner (1806-1856), Pierre-Joseph Proudhon (1809-1865), Mikhail Bakunin (1814-1876), Piotr Kropotkin (1842-1921), Errico Malatesta (1853-1932).

Além desses clássicos e consagrados teóricos libertários, não se pode deixar ainda de evocar a importância de Louis Lecoin (1888-1971) e de Jean Giono (1895-1970). O primeiro, grande defensor do movimento pacifista, notório antimilitarista, teve, por isso, considerável influência entre os líderes defensores da paz a partir de uma ação não violenta; o segundo, por ser totalmente contrário à guerra e seus horrores, também foi capaz de contar com um número considerável de admiradores.

Embora Pierre-Joseph Proudhon reivindique a alcunha de “pai do anarquismo”, outros pensadores que lhe foram contemporâneos podem ser incluídos na esteira de pensadores libertários. É o caso, por exemplo, de Max Stirner, considerado pelos críticos e historiadores do anarquismo como aquele que tem na apologia e incentivo ao individualismo a base de sua doutrina, como se encontra em sua mais famosa obra *O Único e sua Propriedade* (1844):

Eu sou *proprietário* do meu poder, e Eu o sou quando Me reconheço como *Único*. No *Único* o próprio proprietário de Mim, seja Deus, seja a História, debilita o sentimento de minha unicidade e só começa a empalidecer à luz desta consciência. Se Eu fundei minha causa sobre Mim, o Único, ela descansa então em seu criador mortal e perecível, seu criador que se consome a si mesmo, e posso então dizer: “Eu fundei Minha causa no nada”<sup>36</sup>.

Sua luta não visava à transformação do mundo; ele propunha sua neutralização, colocando-se contra, ou indiferente, até mesmo a uma ação revolucionária de caráter coletivo, pois em sua concepção, tal ação comprometeria a liberdade natural do indivíduo. Por isso, o poder atribuído ao Estado era visto como uma investida contra o indivíduo:

Todas as formas de governo estão fundadas no único princípio de que *todo o direito e todo o poder* pertence à *totalidade do povo*. Ninguém, com efeito, deixa de apelar a ela, tanto o déspota como o presidente ou a aristocracia etc., não atuando nem ordenando senão “em nome do Estado”. Eles estão na posse do “poder do Estado” e é completamente indiferente que seja o povo, *como conjunto dos indivíduos* (na medida do possível) ou somente representantes desta totalidade – vários, como nas aristocracias, ou um só como nas monarquias – que exercem o *poder do Estado*. É sempre a totalidade quem domina o indivíduo, possuindo um poder chamado *justificado*, isto é, o *direito*. Face ao caráter sagrado do Estado, o indivíduo nada mais é do que um poço de defeitos, no qual somente permanecem a arrogância, a mania do insulto, a frivolidade etc.<sup>37</sup>.

---

<sup>36</sup> STIRNER, Max. Seleção de Textos de *O Único e sua Propriedade*. In: DÍAZ, Carlos. *Max Stirner: Uma Filosofia Radical do Eu*. Tradução de Piero Angarano e Jorge E. Silva. São Paulo: Editora Imaginário, 2002, p. 77.

<sup>37</sup> *Ibidem*, p. 62.

Mas ele não se restringia a uma defesa aleatória do egoísmo; suas críticas iam além da moralidade pois estava sempre disposto a fazer frente aos pensadores do século XIX, criticando praticamente todo o pensamento contemporâneo. Nem mesmo Proudhon, à época já declarado anarquista, escapou de seus ataques. Tudo e todos eram alvos de suas críticas.

A julgar por seus ataques bastante incisivos contra o Estado, como no fragmento citado acima, pode-se concluir que Max Stirner, ao propor uma política individualista da sociedade, não o faz, na verdade, para valorizar o indivíduo em detrimento da coletividade, mas como precaução, uma vez que o Estado, corruptor das liberdades individuais, e a História estão aí para prová-lo, se vale de discursos humanitários para se apropriar da soberania que cada ser humano possui por natureza.

Na verdade, a busca pela individualidade não deve ser vista como uma ação que comprometa uma união entre indivíduos, desde que ela seja completamente espontânea e verdadeira. Como indivíduo, ele tem o direito de se unir a outros e se separar caso assim o deseje.

Quando Stirner se posiciona contra a sociedade e o Estado, ele o faz por observar que essas instituições anulam o ser como tal, e o colocam apenas como mais um elemento ou componente estruturante de tais instituições; o indivíduo perde, então, sua individualidade, como ser humano livre e só possui relevância a partir do momento em que tem serventia para o Estado. Eis a verdadeira razão pela qual o Estado é tão criticado por Max Stirner.

Assim como Max Stirner, Pierre-Joseph Proudhon tornou-se um dos maiores inspiradores das ideias anarquistas e principalmente exerceu grande influência nos movimentos libertários que se desenvolveram na Europa e em outros continentes. Embora de origem francesa, Proudhon foi, na verdade, um cidadão do mundo, além de ter influenciado e causado admiração em Charles Baudelaire (1821-1867), Gustave Flaubert (1821-1880), Liev Tolstói (1828-1910), este último, incluindo em sua obra muitas das ideias de Proudhon sobre a natureza da guerra e da história. Ao contrário de Max Stirner, implacável crítico de qualquer forma de organização que não fosse absolutamente espontânea, o anarquista francês pode ser apontado como um individualista social. Para ele, a comunhão entre os homens é imprescindível para a realização do indivíduo, pois o homem não pode viver isolado, em total solidão, sob pretexto de não conseguir atingir sua

completude. Por isso, atribui especial importância à família, núcleo básico, natural e universal a que todo homem deve se congrega.

Entretanto, apesar de sua apologia à sociedade organizada, Proudhon toma o cuidado de colocar em evidência sua defesa em relação às individualidades, as características de cada homem e mulher, salientando a existência de uma força atribuída a cada um dos componentes do grande conjunto chamado sociedade.

Uma vez organizada uma sociedade, Proudhon propõe, para sua manutenção, a aplicação plena e absoluta da “justiça”, válvula propulsora de toda ordem bem estabelecida. “A justiça é a estrela que governa a sociedade, o polo em torno do qual o mundo político gira, o princípio regulador de todas as transações. Nada acontece entre os homens salvo em nome do direito, sem a invocação da justiça”<sup>38</sup>, afirma Proudhon em um de seus escritos mais importantes *De la Justice dans la Revolution et dans l'Église* (1858)<sup>39</sup>. Com a aplicabilidade da justiça, todos os outros anseios serão conseqüentemente alcançados, pois sua ação tratará de garantir a cada indivíduo seus direitos e também serão estabelecidas suas obrigações em meio à coletividade.

Em uma de suas obras mais populares, e que tornaram a imagem de Proudhon um ícone dos protestos por toda a segunda metade do século XIX, *O que é a propriedade?* (1840), tem-se uma discussão detalhada sobre a propriedade. A princípio mal interpretada, essa obra na verdade foi e continua sendo uma denúncia não contra a propriedade em si, mas contra o modo como esta é adquirida, os trâmites nem sempre justos para a sua aquisição e, principalmente, um protesto contra o indivíduo que usa suas riquezas (propriedades) para explorar o seu igual através do trabalho mal remunerado. O inverso também é alvo da crítica de Proudhon, ou seja, aquele que explora o trabalho alheio para se tornar proprietário está cometendo um crime que pode ser intitulado de roubo.

Partindo desse princípio, é notório que Proudhon admite que todo homem tem certo direito sobre seu lar, suas ferramentas de trabalho, condições imprescindíveis para a sua sobrevivência e convivência com seu semelhante, bem como uma das bases que promovem e

---

<sup>38</sup> PROUDHON *apud* WOODCOCK, George. *História das Ideias e Movimentos Anarquistas: A Ideia*. Tradução de Júlia Tettamanzy. Porto alegre: L&PM, 2007, v.1, p. 120.

<sup>39</sup> Essa obra foi apreendida alguns dias após seu lançamento. (Ver a apresentação de PROUDHON, Pierre-Joseph. *Do Princípio Federativo*. Tradução de Francisco Trindade. São Paulo: Editora Imaginário, 2001, p. 30).

sustentam a liberdade. Em resumo, “o homem que trabalha tem direitos absolutos sobre aquilo que produz, mas não sobre os meios de produção”<sup>40</sup>.

Como Proudhon estabelece uma relação entre “individualismo” e “organização social”, observa-se em *Do Princípio Federativo* (1863), obra que estuda a organização do Estado a partir das contradições propostas por ele e identificadas em toda e qualquer sociedade, que “a ordem política repousa fundamentalmente em dois princípios contrários, a AUTORIDADE e a *Liberdade*: o primeiro iniciador, o segundo determinante; este tendo por corolário a liberdade de pensamento, aquele que obedece”<sup>41</sup>.

Para endossar sua teoria do equilíbrio de forças existentes no meio social, tem-se ainda em *Do Princípio Federativo*, algo que resume o pensamento de Proudhon acerca da autoridade e da liberdade existente entre os homens:

[...] em toda a sociedade, mesmo a mais autoritária, uma parte é necessariamente deixada à liberdade; igualmente em toda a sociedade, mesmo a mais liberal, uma parte é reservada à autoridade. Esta condição é absoluta; nenhuma combinação política lhe pode eximir. A despeito do entendimento cujo esforço leva incessantemente a resolver a diversidade na unidade, os dois princípios continuam presentes e sempre em oposição. O movimento político resulta da sua tendência inelutável e da sua mútua reação<sup>42</sup>.

Proudhon admite, portanto, que toda sociedade é pautada nessa realidade que experimenta, ao mesmo tempo, a ação da autoridade e os ideais de liberdade; e essa condição, confessa ainda o pensador, não é algo novo, mas características desde tempos bastante remotos, não importando as formas de governo que cada nação tem adotado; nelas haverá sempre o “*Equilíbrio da autoridade pela liberdade e vice-versa*”<sup>43</sup>, pois isso faz parte da natureza humana.

Aqui pode-se observar que Proudhon se opõe à dialética ternária de Hegel, depois adaptada por Marx, e estabelece uma dialética binária. A *síntese* hegeliana era descartada por Proudhon, pois ela culminava em uma reconciliação dos contrários, o que resultaria inútil e comprometedor para a efetivação da liberdade. A autoridade e a liberdade, bem como seu

<sup>40</sup> PROUDHON *apud* WOODCOCK, *op. cit.*, p. 125.

<sup>41</sup> PROUDHON, Pierre-Joseph. *Do Princípio Federativo*. Tradução de Francisco Trindade. São Paulo: Editora Imaginário, 2001, p. 46 (grifos do autor).

<sup>42</sup> *Ibidem*, p. 47.

<sup>43</sup> *Ibid.* (grifo do autor).



confronto dispensam um terceiro elemento. É nessa ideia que se alicerça o pensamento de Proudhon em relação ao Estado e sua instalação, como necessário para a sustentabilidade e luta pela liberdade.

Se Proudhon se dedicou quase que exclusivamente à teoria, Mikhail Alexandrovich Bakunin foi, com certeza, dos clássicos pensadores do anarquismo, aquele que mais pôs em prática suas ideias. Criado em um meio intelectual de base revolucionária, tornou-se o grande homem de ação do século XIX e o que mais chamou a atenção das autoridades e dos chefes de governo da Europa. Sempre envolvido em protestos e barricadas de forma intrépida e sem disfarces, foi, várias vezes, preso e condenado. Entretanto, muito bem articulado e envolvido com líderes revolucionários de várias nações, conseguiu sempre se livrar das penas. Nenhuma dessas prisões ou condenações, no entanto, o intimidaram, e só diminuiu sua participação em movimentos quando seu corpo, debilitado pela idade, não mais permitia certos excessos<sup>44</sup>.

Bakunin, como homem de ação, desenvolveu sua obra diretamente ligada aos acontecimentos políticos e históricos. A pouca habilidade com as palavras foi compensada pela autenticidade e força persuasiva de seu discurso em defesa da liberdade universal e seu eterno combate às forças que pudessem impedir o seu desenvolvimento e sua conquista. Conhecedor do pensamento de Hegel, mas não o seguindo completamente, admite a realidade política como um todo dialético que se concebe a partir da rivalidade entre os contrários, condicionada pelo efeito de uma força que vem da ação de negar sempre qualquer ordem estabelecida. Isso leva a compreender que Bakunin vê na ação destruidora um caráter criador, o que vai de encontro à ideia marxista da suspensão ou aniquilamento das contradições da sociedade capitalista, cujo objetivo é a instalação da sociedade de base comunista, com um fim nela mesma. Essas contradições, segundo o anarquismo russo, é que movem a história, para ele sem limites, e o Absoluto é simplesmente a vida em transformação.

Como a vida em sociedade faz parte da natureza humana, é somente em relação mútua com seu semelhante que o homem desenvolve a ideia de liberdade. Aliás, esse raciocínio se assemelha ao de Proudhon: só pode haver liberdade se existir o seu contrário, a autoridade. Em

---

<sup>44</sup> Para maiores informações sobre o assunto, ver PRÉPOSIET (2005).

um artigo de 1871, retirado de seus manuscritos, intitulado “Deus e o Estado”, Bakunin nos revela algo digno de nota a respeito do homem, da sociedade e da liberdade:

[...] Partindo do estado de gorila, é para o homem um processo muito difícil chegar à consciência de sua humanidade, ele não pode ter nem esta consciência, nem esta liberdade; ele nasce besta feroz e escrava, e só se humaniza e se emancipa progressivamente no seio da sociedade que é necessariamente anterior ao nascimento de seu pensamento, de sua palavra e de sua vontade; e ele só pode fazê-lo pelos esforços coletivos de todos os membros passados e presentes dessa sociedade que é, em consequência a base e o ponto de partida natural de sua existência humana. Resulta que o homem só realiza sua liberdade individual ou sua personalidade completando-se com todos os indivíduos que o cercam e somente graças ao trabalho e à força coletiva da sociedade, fora da qual, de todos os animais ferozes que existem na Terra, ele seria, sem dúvida e sempre, o mais estúpido e miserável<sup>45</sup>.

Concluindo, Bakunin só concebe o alcance da liberdade em meio a uma organização social, pois só o seu semelhante pode lhe conceder a liberdade através de seu reconhecimento. Esse reconhecimento é mutuamente necessário para o advento da liberdade entre todos os seres humanos; não há liberdade no isolamento. “Só posso considerar-me livre e sentir-me livre na presença e em relação a outros homens”<sup>46</sup>. Daí, pode-se concluir que a escravidão de um único homem compromete a liberdade dos demais, do todo. Tem-se aí a explicação para a incansável luta de Bakunin em prol da liberdade de seu semelhante; ela estava diretamente ligada à sua própria liberdade, e a luta deveria ser de todos.

Além de Bakunin, outro russo também se destacou entre os grandes pensadores da América. Este foi Piotr Alexeievich Kropotkin, filho da aristocracia, tendo por isso recebido educação esmerada e de excelente qualidade. Dessa forma, teve oportunidade de ingressar no mundo das ciências exatas. Porém, ao contrário do que imaginava seu pai, acabou por enveredar pelos estudos e problemas da sociedade e dos trabalhadores, bem como sua luta por melhores condições de trabalho. Assim como Proudhon e Bakunin, teve suas ideias disseminadas por quase todo o mundo ocidental, principalmente na Europa e na América.

Kropotkin, antes de se tornar um homem de ação, publicou um número considerável de obras, dentre as quais pode-se destacar: *Palavras de um Revoltado*<sup>47</sup> (1885), *A Conquista do Pão*

<sup>45</sup> BAKHUNIN, Mikhail. *Textos Anarquistas*. Tradução de Zilá Bernd. Porto Alegre: L&PM, 2006, p. 40.

<sup>46</sup> *Ibidem*, p. 42.

<sup>47</sup> Coletânea de artigos redigidos entre 1880 e 1882.

(1892), *A Moral anarquista* (1901), *O Estado e seu Papel Histórico* (1908), *O Apoio Mútuo, um Fator da evolução* (1902), *A Ciência Moderna e o anarquismo* (1913), além de vários artigos e panfletos publicados na imprensa internacional, principalmente a francesa e a russa.

Influenciado pelo cientificismo do século XIX, Kropotkin propunha um caráter científico à sua doutrina anarquista, a qual denominou de “Anarquismo Comunista”. De forma geral, Kropotkin se une a Proudhon a respeito da historicidade das organizações sociais, ou seja, os grupos humanos estão sempre em evolução rumo à conquista da liberdade. Essa evolução, em sua concepção, está diretamente ligada à necessidade de transformação em todos os setores da sociedade. Fica evidente o privilégio que Kropotkin concede aos fatos históricos e a importância que ele atribui às crises como fomentadoras de novas e melhores condições para as relações humanas e de trabalho, como se observa a seguir:

Há épocas na vida da humanidade em que se impõe a necessidade de um abalo formidável, de um cataclismo, que venha agitar a sociedade até as suas entranhas, sob todos os aspectos ao mesmo tempo. Nestas épocas, todo homem sincero começa a se dizer que as coisas não podem mais continuar assim; que é preciso que grandes acontecimentos venham romper, de forma brusca, o curso da história, arremessar a humanidade fora da rotina em que se atolou, e lançá-la em novos caminhos, rumo ao desconhecido, à procura do ideal. Sente-se a necessidade de uma revolução, imensa, implacável, que venha não só subverter o regime econômico, fundado na fria exploração, na especulação e na fraude, não só inverter a escala política, fundada na dominação de alguns pelo ardil, pela intriga e pela mentira, mas também agitar a sociedade em sua vida intelectual e moral, sacudir o torpor, refazer os costumes, trazer ao meio das paixões vis e mesquinhas atuais o sopro vivificante das paixões nobres, dos grandes arrebatamentos, das generosas dedicações<sup>48</sup>.

Essa ideia de turbulência vista como necessária para a construção de melhores condições de vida e de trabalho é que denuncia o caráter moderno do pensamento de Kropotkin e sua aproximação com o pensamento marxista e com a própria ideia de modernidade.

Pode-se observar, a partir do caráter dos artigos reunidos em *Palavras de um Revoltado*, que Kropotkin levanta uma bandeira em defesa de uma constante revolução em meio à sociedade humana e a condenação veemente de qualquer tipo de autoridade que possa acarretar em prejuízo do indivíduo como ser naturalmente livre.

---

<sup>48</sup> KROPOTKIN, Piotr. *Palavras de um Revoltado*. Tradução de Plínio Augusto Coêlho. São Paulo: Editora Imaginário, 2005, p. 33.

Para nós, anarquistas, a ditadura de um indivíduo ou de um partido – no fundo, é a mesma coisa – está em definitivo condenada. Sabemos que uma revolução social não é dirigida pelo espírito de um único homem ou de um grupo. Sabemos que revolução e governo são incompatíveis; um deve destruir o outro, pouco importando o nome que se dê ao governo: ditadura, monarquia ou parlamento. Sabemos que o que faz a força e a verdade de nosso partido reside em sua fórmula fundamental: “Nada se faz de bom e de durável senão pela livre iniciativa do povo e todo poder tende a matá-la”; é por isso que os melhores de nós, se suas ideias não mais tivessem que passar pelo crivo do povo para serem colocadas em execução, e se se tornassem senhores desta máquina formidável – o governo – que lhes permitisse agir por seu capricho, torna-se-iam em oito dias bons para se fazerem apunhalar. Sabemos para onde conduz cada ditadura, mesmo a mais bem intencionada: à morte da revolução. E sabemos, enfim, que esta ideia de ditadura é sempre um produto insano deste fetichismo governamental, que junto com o fetichismo religioso, sempre perpetuou a escravidão<sup>49</sup>.

Nesse ponto, Kropotkin endossa a ideia de Bakunin, ao afirmar que em todas as sociedades, desde a sua gênese, há uma luta constante entre o poder do Estado e o desejo de liberdade dos povos, sobretudo sob os auspícios da ideologia burguesa e as tendências da Modernidade.

Outro anarquista bastante referido pelos brasileiros foi o italiano Errico Malatesta. Com menos de vinte anos, Malatesta já se encontrava envolvido com os movimentos libertários de seu país e já mantinha relações de amizade com alguns homens de ação, como Bakunin. Essa entrada precoce na vida política de seu país e a participação em vários eventos internacionais ligados aos ideais libertários fez com que Malatesta desenvolvesse seu conhecimento das questões e dos problemas da humanidade de forma muito madura e segura; foi daqueles articuladores de ideias e conceitos bastante universais. Assim, não pensou o anarquismo e seus ideais de liberdade em um sentido localista, pois propunha que a anarquia deveria ser a grande finalidade das sociedades, sendo que os objetivos do movimento anarquista iam além dos interesses de uma classe e de uma nação; seu alvo era a libertação de toda a humanidade. Talvez por isso tenha se manifestado contra o movimento sindical, em sua concepção, “incapaz de fazer triunfar a revolução e permitir o advento de uma sociedade libertária”<sup>50</sup>. Para ele, o sindicato estava atrelado, de forma comprometedor, ao sistema econômico e político capitalista, pois sua legalidade dependia das instituições do Estado burguês. Por outro lado Malatesta nunca propôs que o movimento anarquista se desenvolvesse de forma aleatória; toda e qualquer união ou associação deveria ser apenas um meio para se atingir o objetivo mais sublimado que envolve a luta dos anarquistas.

---

<sup>49</sup> *Ibidem*, p. 191.

<sup>50</sup> PRÉPOSIET, Jean. *História do anarquismo*. Tradução de Pedro Elói Duarte. Lisboa: Edições 70, 2007, p. 344.

Esses, acima citados, foram, dentre os teóricos anarquistas, aqueles cujas ideias mais tiveram influências na América Latina e no Brasil, chegando aqui, principalmente, através de jornais e livros vindos da Europa.

Porém, ao contrário do que sugere o senso comum, embora tenham chegado via imigrante, a propaganda dessas ideias foi particularmente de responsabilidade dos artesãos e dos pequenos proprietários rurais. Isso porque a sua difusão acabava esbarrando nas reais aspirações dos estrangeiros, notadamente os italianos, cuja vinda ao Brasil tinha como principal objetivo o enriquecimento e a volta ao seu país de origem. Assim, não estava nos planos desses trabalhadores, os imigrantes, a realização de uma frente contestadora das condições sociais do país. As atitudes de insatisfação repousavam no seio da classe trabalhadora nascida no Brasil. Ademais, esses trabalhadores constituíam as maiores vítimas acometidas pelos danos provenientes do progresso.

Fazendo uma análise mais ousada da situação, pode-se arriscar em dizer que o cenário sócio-econômico brasileiro era plasmado por dois tempos: um, caminhando a passos largos rumo à modernidade, com seus limitados benefícios dirigidos a um número mais limitado ainda de pessoas; e outro, por assim dizer, retardatário e obsoleto, pois que não contava com as benesses da melhoria de vida, realidade constante de muitas grandes cidades do Ocidente, cujas características, o Rio de Janeiro, nossa capital federal, insistia em copiar, malgrado as mazelas que cresciam a olhos vistos e sequer eram notadas pelo poder público.

Com a gênese da industrialização do Brasil (vale ressaltar que esse surto de industrialização se restringia à região Sudeste) em princípios do século XX, havia um número considerável de imigrantes trabalhando nas lavouras de café. Mas, no Rio de Janeiro a grande maioria dos trabalhadores era brasileira. Não é à toa que foi na capital federal onde melhor se desenvolveram as ideias libertárias, voltadas para os interesses dos operários de uma indústria incipiente.

Como os bons ares da República não alcançavam a todos de igual maneira, e os empresários brasileiros assentavam suas atitudes de acordo com os preceitos do velho liberalismo, não admitindo quaisquer tipos de manifestação ou organização, os trabalhadores procuravam se unir em sindicatos. Esses, aos poucos, desenvolveram uma forte tendência

anarquista, e alguns colaboradores e escritores povoavam as páginas de muitos periódicos, cujo principal objetivo era a divulgação da ideologia anarquista. Entre esses colaboradores tem-se Domingos Ribeiro Filho, Lima Barreto, Fábio Luz, Benjamin Mota, entre outros.

A imprensa libertária brasileira também contou com nomes mais evidentes do ponto de vista internacional, como Neno Vasco, de nacionalidade portuguesa. Este era velho conhecido entre aqueles que lutavam pela igualdade e liberdade plena do indivíduo, e combatiam abertamente a truculência do Estado e outras instituições que pudessem comprometer a soberania do cidadão, como podemos ver a seguir:

Somos, pois, anarquistas, porque queremos uma sociedade sem governo, uma organização livre, indo do indivíduo ao grupo, do grupo à fadaração e à confederação, com desprezo de barreiras e fronteiras, sendo a associação baseada sobre o livre acordo e naturalmente determinada e regulada pelas necessidades, aptidões, ideias e sentimentos dos indivíduos. É para nós essa a organização correspondente ao socialismo: anarquia é o vaso que pode conter e garantir a igualdade de condições econômicas<sup>51</sup>.

Essa ressalva feita ao socialismo se justifica pela divergência de ideias entre anarquistas e socialistas a respeito da concepção de Estado. Enquanto os primeiros não admitiam qualquer forma de poder sobre o indivíduo, os segundos contavam com um Estado a serviço do bem comum, assentado na ditadura do proletariado; esta ditadura seria um momento de transição, rumo à instalação do comunismo, com a manutenção do Estado. Daí, Neno Vasco ter proposto algo correspondente ao socialismo, mas que em sua concepção iria garantir, realmente, a verdadeira soberania do indivíduo, que sempre fora tolhida pelo poder do Estado; este, ao ser valorizado e fortalecido ao extremo, acaba por comprometer a soberania dos cidadãos. Exemplo notório disso foi a ascensão de vários estados totalitários na Europa na primeira metade do século XX. Essa realidade levou o anarquista português a se posicionar contra a instalação e manutenção do poder estatal.

É verdade que socialistas e anarquistas sonhavam e lutavam por uma sociedade igualitária, justa, enfim, por um novo ambiente de convivência entre os homens. No entanto, as duas tendências divergiam quanto à maneira de se alcançar tal objetivo e quanto à organização operária, condição imprescindível para a derrubada do capitalismo e implantação de uma nova ordem. Os adeptos de Karl Marx propunham uma organização política centralizada. Em

---

<sup>51</sup> VASCO, Neno. *Concepção Anarquista do Sindicalismo*. Curitiba: TIE-Brasil, 2008, p. 36.

contrapartida, os adeptos da ideologia libertária combatiam veementemente qualquer forma autoritária de organização, uma vez que somente uma união voluntária, fruto da livre e espontânea vontade dos trabalhadores seria justo e válido. Qualquer outra forma de união era vista pelos anarquistas como uma afronta aos direitos naturais dos homens, conforme delibera Mikhail Bakunin em seu *Catecismo Revolucionário*, ítem 7 – “Exclusão absoluta de todo princípio de autoridade e de Razão de Estado”:

*A sociedade humana, tendo sido primitivamente um fato natural, anterior à liberdade e ao despertar do pensamento humano, tornada mais tarde um fato religioso, organizado segundo o princípio da autoridade divina e humana, deve hoje se reconstituir sobre a base da liberdade, que deve tornar-se doravante o único princípio constitutivo de sua organização política tanto quanto econômica. A ordem na sociedade deve ser a resultante do maior desenvolvimento possível de todas as liberdades locais, coletivas e individuais*<sup>52</sup>.

Por esse fragmento percebe-se que Bakunin fora um tanto quanto radical em seu pensamento. Para ele qualquer instituição de ordem que pudesse comprometer o que ele considerava o bem maior da humanidade, ou seja, a liberdade, deveria ser considerada ilegítima. Quaisquer que fossem as associações, grupos, alianças, organizações, jamais poderiam existir sem que a liberdade fosse mantida inalterada. Por seu forte comprometimento com as liberdades individuais é que as ideias de Bakunin foram tão divulgadas na imprensa libertária e na imprensa brasileira não oficial.

Nos primeiros anos do século XX, destaca-se no Brasil dois periódicos operários de tendência libertária: *Aurora* e *O Amigo do Povo*. Segundo Francisco Foot Hardman, “a leitura desses dois periódicos possibilita uma visão significativa da própria atividade de propaganda anarquista em seus inícios [...]”<sup>53</sup>. Esses periódicos estiveram sob a responsabilidade de Neno Vasco; a julgá-los por seu responsável pode-se auferir que tais cumpriam um papel de material ideológico, voltado para a defesa e divulgação da ideologia anarquista a partir de um viés internacional. Neno Vasco era um cidadão do mundo e, como tal, se preocupava com a difusão das ideias que defendia, não só em âmbito europeu, mas era seu objetivo fazer circular em todo o território brasileiro o que ocorria no Velho Continente: os avanços do movimento operário e suas consequentes conquistas, afinal “só com o estabelecimento de laços entre os trabalhadores dos

<sup>52</sup> BAKHUNIN, Mikhail. *Catecismo Revolucionário* – Programa da Sociedade da Revolução Internacional. Tradução de Plínio Augusto Coêlho. São Paulo: Editora Imaginário, 2009, p. 19-20 (grifo do autor).

<sup>53</sup> HARDMAN, 2002, *op. cit.*, p. 309.

vários países é que a classe laboral poderá libertar-se da autoridade e dos partidos burgueses das respectivas nações”<sup>54</sup>.

Apesar da preocupação dos vários homens de ação propagandista de cunho internacional, como Errico Malatesta, com a divulgação dos preceitos anárquicos, ainda no século XIX, foi somente a partir do início do século XX que essas ideias passaram a ser debatidas de forma sistemática em congressos ou reuniões especializadas como ocorreu no ano de 1907, em Amsterdã, onde se realizou o Primeiro Congresso Anarquista Internacional, tendo como órgão articulador a federação dos Comunistas Libertários da Holanda. A partir de então, houve uma grande divulgação, via imprensa, dos preceitos anarquistas, inclusive na imprensa brasileira não oficial. É nessa imprensa subversiva que se encontra com frequência o nome do escritor Lima Barreto; este fez do jornalismo um instrumento de divulgação não só de seu pensamento político, mas também foi através do contato com periódicos que deu início à sua carreira de ficcionista.

### **1.3. A crônica libertária de Lima Barreto**

Aqui serão trabalhados artigos e crônicas, cujos conteúdos mostram a existência de uma ligação de Lima Barreto com as ideias libertárias; além disso, sua contribuição para os jornais podem nos ajudar na compreensão de sua ficção, que tem muito da liberdade e do despreendimento dos escritores do cotidiano.

É da natureza da crônica a brevidade e um estilo composto por elementos do cotidiano; também acumula certo cunho pessoal; assim, é fácil, a partir de sua leitura identificar seu autor. Geralmente, a crônica veiculada em jornais ou revistas traz sempre uma característica singular: de veio político, social ou ideológico, bem como aqueles que apenas se prendem a relatar fatos corriqueiros da vida de pessoas simples. No início do século XX, havia uma grande preocupação por parte daqueles envolvidos com a luta dos trabalhadores e dos operários da incipiente indústria

---

<sup>54</sup> PRÉPOSIET, Jean. *História do Anarquismo*. Tradução de Pedro Elói Duarte. Lisboa: Edições 70, 2007, p. 334. – Pensamento de Malatesta comentado por Préposiet, grande propagandista da ideologia anarquista, e defensor da necessidade de difusão do anarquismo no ambiente internacional; pressupõe uma solidariedade entre os homens que vai além das fronteiras determinadas pelas leis do Estado.



brasileira em tornar públicos os problemas das classes menos favorecidas e, ao mesmo tempo, em promover a divulgação do pensamento libertário. Para tanto, fizeram dos pequenos jornais, certamente, a única maneira de difundir suas ideias e fortalecer seu movimento e garantir a sua união em todo o território nacional. Com isso já era uma realidade do Velho Mundo, essa prática teve bastante aceitação no Brasil. Se necessário, pode-se citar um número considerável de jovens e intelectuais que se dispuseram a ajudar a engrossar as fileiras do movimento operário. E muitos se destacaram, como Fabio Luz, Domingos Ribeiro Filho, entre outros.

No caso de Lima Barreto, encontram-se em suas crônicas, principalmente aquelas publicadas em pequenos jornais de cunho anarquista ou libertário, muito das suas concepções políticas e ideológicas. Esses periódicos eram principalmente *A Voz do Trabalhador*, o *A.B.C.*, a revista *Careta*, *Lanterna*, *A Lanterna*, *Gazeta da Tarde*, *Tagarela*, *Correio da Noite*, *O Debate*, etc.

Como o escritor tinha intenção de expor suas ideias, a crônica foi o veículo ideal de que ele se valeu, pois este gênero literário, mais do que qualquer outro, carrega em si ampla *liberdade* porque é de sua natureza possibilitar ao escritor o registro de emoções em suas mais variadas formas ou circunstâncias. Nesses periódicos, deparamo-nos com um Lima Barreto livre das amarras e das imposições da tradição e da estética da época. Ele, por exemplo, sempre que teve oportunidade, lançou farpas aos poetas de gabinete e fazedores de versos arrumadinhos, sem nenhuma utilidade social. Porém, suas críticas mais duras recaíam sobre aqueles que insistiam em usar de métodos obscuros e confusos.

A seriação natural dos pensamentos, a lucidez e a clareza não são os limites para que tendem as obras e os escritos dos nossos homens. Se começam lúcidos e claros, acabam confusos e obscuros. Há muitos exemplos práticos e teóricos. Nos seus primeiros trabalhos, entendia-se o Senhor Araripe Júnior; mas, depois, com a idade e o renome, ele se fez obscuro, confuso e ganhou fama de profundo, de transcendente, porque ninguém o decifrava. Para estudar Poe, começou e não acabou, falando em Ésquilo, etc., etc., ocupando páginas e páginas da *Revista Brasileira*<sup>55</sup>.

Ainda jovem, quando estudante da Politécnica, Lima Barreto já demonstrava sua insatisfação pela “ordem” estabelecida; através de um jornaleco organizado por estudantes mais dotados de espírito especulativo e crítico, conhecido como *A lanterna*, o futuro escritor ensaiava

---

<sup>55</sup> BARRETO, Lima. Feiras e Mafuás, *op. cit.*, p. 98.

os seus primeiros passos de grande crítico e ficcionista; isso de uma forma ousada e irônica; ironia essa que se faz praticamente em toda sua produção.

Segundo os dados de Francisco de Assis Barbosa, era esse um jornal destinado a representar os vários centros que compunham o ensino superior no Rio de Janeiro, e Lima Barreto, ao substituir Bastos Tigre, ficou responsável pela seção que representava a Politécnica.

Para contribuir com a imprensa menor, que tinha como objetivo a propaganda das ideias libertárias e anarquistas, ele deveria, pelo menos, compreender essa ideologia, o que de fato fez através da leitura de publicações que vinham da Europa pelas mãos de alguns amigos mais abastados que ele, sempre prestimosos em agradá-lo. Através deste intercâmbio, o autor das *Recordações do escrivão Isaías Caminha* teve acesso a títulos como: *O que é a arte?* (1888), de Tolstói; *Socialismo e anarquismo* (1905), de Augustín Hamon; *Filosofia do anarquismo* (1898), de Carlos Malato; *Teoria e prática da cooperação* (1911), de Sarandy Raboso; *O contrato social* (1762), e outros mais de Rousseau; *O Estado e seus limites* (1855), de Edouard Laboulaye; *Do livre arbítrio*, de Proudhon; *Ajuda mútua* (1902), de Kropotkin. Além dessas, que constam de sua biblioteca particular, é provável que Lima Barreto tivesse contato com outras obras de temática semelhante, uma vez que mantinha relações com outros jovens de sua época que eram engajados no movimento libertário, como Domingos Ribeiro Filho, Fábio Luz, Pausílipo da Fonseca, Fábio Luz e Gigi Damiani.

Convivendo com um universo de efervescência política e de manifestações literárias e ideológicas diversas, e influenciado por romancistas como Dostoiévski e Tolstói (este último considerado pela crítica com o maior dos escritores anarquistas), Lima Barreto assume um papel de destaque na imprensa e nas letras brasileiras; inclusive foi apontado com um escritor, divulgador e defensor das ideias anarquistas, como já foi aludido. Essas ideias não aparecem somente na ficção, mas sobretudo em suas crônicas e artigos escritos nas revistas e nos jornais da imprensa não oficial e libertária, como por exemplo *A Lanterna*, *O Suburbano*, *Tagarela*, *O Diabao*, *O Malho*, *Correio da Noite*, *Hoje*, *Careta*, *Gazeta da Tarde*, *O Baluarte*, *A Voz do Trabalhador* (este último, órgão da Confederação Operária Brasileira), conforme já nos informou Nelson Werneck Sodré.

Uma das suas mais claras defesas feitas em nome dos anarquistas foi dada em resposta a ataques realizados pela grande imprensa contra libertários que se organizavam para comemorar o 1º de maio, em 1913, no jornal *A Voz do trabalhador*, em artigo intitulado “Palavras de um *snob* anarquista”:

As condições, portanto, da civilização do Brasil, quer as econômicas, quer as morais, quer as de território, justificam que haja quem desinteressadamente, brasileiro ou não, seja anarquista. Se a de lá está carunchosa, a de aqui também; uma é tão antiga quanto a outra: e convém lembrar também que é inútil nesta questão indagar-se se se é ou não de tal país, quando os jornalistas não se indagam deles mesmos se são ou não brasileiros, para se fazerem pinheiristas ou dentistas.

E mais adiante no mesmo artigo:

Os anarquistas falam da humanidade para a humanidade, do gênero humano para o gênero humano, e não em nome de pequenas competências de personalidades políticas; e se há muitos que o são por ignorância ou “esnobismo” consoante o dizer do jornalista conservador, mesmo assim merecem simpatias dos desinteressados, porque não usam daquelas ignorâncias nem daqueles esnobismos que dão gordas sinecuras na política e sucessos sentimentais nos salões burgueses<sup>56</sup>.

É possível ver, nesse artigo, que Lima Barreto, semelhante aos pensadores anarquistas, em geral, atribui grande valor ao indivíduo do mundo, e não ao homem separado por fronteiras territoriais e culturais; assim como o Velho Mundo tem seus problemas no âmbito trabalhista, o Brasil, apesar de nação recém liberta, era tão decadente quanto as nações europeias. E tanto lá quanto cá, independentemente das divergências, o cidadão e o trabalhador são os mesmos. O anarquismo como ideologia que prima pela liberdade incondicional do homem no sentido universal, tem que existir onde houver necessidade.

Assim, além de enaltecer as ideias libertárias, o articulista não mede palavras para questionar a falta de compromisso das autoridades com o povo, com toda a gente do Brasil que construiu sua economia através do trabalho árduo de gerações, cujo sofrimento foi provocado pela classe dominante, preocupada somente com a manutenção de seu poder.

Em seus escritos para a imprensa libertária, observa-se, então, a sua indignação em relação ao poder do Estado, e principalmente sua inutilidade, uma vez que a autoridade

---

<sup>56</sup> *Ibid*, p. 218.

compromete o direito à liberdade e autonomia, naturalmente inerentes ao ser humano, de acordo com os preceitos anarquistas.

No *Correio da Noite*, em 28 de janeiro de 1915, Lima Barreto publicou um pequeno artigo intitulado “Não é possível”, no qual mostra sua visão em relação ao futuro do governo. Diz o artiguete: “O governo já deu o que tinha de dar; agora, é um agonizante, breve um cadáver a enterrar no panteão das nossas concepções”<sup>57</sup>. Na verdade, pode-se associar o “governo” aqui referido à ideia de Estado, à época no Brasil, atrelado às ideias positivistas que primavam pela soberania do poder estatal em detrimento da soberania do povo.

Mesmo em jornais não declaradamente libertários, Lima Barreto expõe sua opinião sobre a questão do poder, usando a imprensa como um veículo vivo para mostrar sua revolta e sua vontade de chamar a atenção da opinião pública para o valor do cidadão, de sua liberdade e de sua consciência política na construção da democracia, com é possível observar em um de seus escritos para o *A.B.C.*, em 19 de outubro de 1918:

A República no Brasil é o régimen da corrupção. Todas as opiniões devem, por esta ou aquela paga, ser estabelecidas pelos poderosos do dia. Ninguém admite que se divirja deles e, para que não haja divergências, há a “verba secreta”, os reservados deste ou daquele ministro e os empreguinhos que os medíocres não sabem conquistar por si e com independência<sup>58</sup>.

Ainda sobre as polêmicas que envolvem a política e seu verdadeiro papel e função na sociedade brasileira, sua descrença e decepção levam à composição de uma escrita irônica e ao mesmo tempo séria, de caráter notadamente debochado e direto, através da qual levanta a bandeira de um regime maximalista, como forma de resolver as mazelas da nação. É o que diz em “Palavras de um simples”, publicado no *Hoje*, em 20 de julho de 1922:

Nunca me meti em política, isto é, o que se chama política no Brasil. Para mim a política, conforme Bossuet, tem por fim tornar a vida cômoda e os pobres felizes. Desde menino, pobre e oprimido, que vejo a ‘política’ do Brasil ser justamente o contrário. Seria capaz de deixar-me matar, para implantar aqui o régimen maximalista<sup>59</sup>.

---

<sup>57</sup> BARRETO, Lima. Vida Urbana. In: *Obra completa*. São Paulo: Brasiliense, 1956, p. 86.

<sup>58</sup> BARRETO, Lima. Toda Crônica. Rio de Janeiro: Agir, 2004, p. 392.

<sup>59</sup> BARRETO, Lima. Marginalia. In: *Obra completa*. São Paulo: Brasiliense, 1956, p. 58-89.

Em outros artigos o autor de *Recordações do Escrivão Isaías Caminha* destaca e critica a atuação dos órgãos a serviço ou não do poder estatal, cujo objetivo era censurar e calar a opinião de elementos da sociedade que se utilizavam da imprensa menor para demonstrar sua insatisfação perante a ordem vigente. Muitas vezes, a polícia agia de forma violenta em relação à imprensa libertária; é claro que as ordens emanavam de cima, das instâncias superiores do poder estatal; isso era encarado pelas mentes mais esclarecidas como uma atitude arbitrária e coercitiva. Quem estivesse ligado ao pensamento anarquista de forma oficial, ou pelo menos que lhe dedicasse alguma simpatia, pegaria da pena para demonstrar sua revolta, com se vê no artigo “A Maçã e a Polícia”, publicado na *Careta*, em 11 de março de 1922, no Rio de Janeiro, numa referência ousada que o autor faz acerca da ação policial contra um semanário de Humberto de Campos:

A polícia, pela sua feição própria, é incapaz desse papel de censura de qualquer manifestação do pensamento. Ela é uma emanção do governo; e é da natureza dos governos não admitirem crítica. Quando se os critica, ela apela para a ordem e para a moralidade. Daí o perigo que há em se entregar à polícia, qualquer poder que incida sobre a liberdade de pensamento<sup>60</sup>.

A concepção de homem universal livre, já se encontrava no imaginário de homens como Proudhon, Bakunin, Kropotkin; daí sua preocupação em difundir seus trabalhos e artigos pelo maior número de países possível. A manutenção das liberdades individuais só seria garantida com a extensão dessas liberdades aos mais longínquos recantos do mundo. Assim concorda Bakunin ao pensar na instalação de uma Federação Internacional, a qual, dentre seus vários preceitos, pode-se destacar:

V. A prosperidade e a liberdade das nações, assim como os indivíduos, são absolutamente solidárias – e, por consequência, liberdade absoluta de comércio, transação e comunicação entre todos os países federados. Abolição das fronteiras, dos passaportes e das alfândegas. Cada cidadão de um país federado deve desfrutar de todos os direitos políticos em todos os outros países pertencentes à mesma federação.

VI. A liberdade de todos, indivíduos e corpos coletivos, sendo solidária, nenhuma nação, nenhuma província, nenhuma comuna e associação poderia ser oprimida sem que todas as outras não o fossem e se sentissem ameaçadas em sua liberdade. Cada um por todos, e todos por cada um, – tal deve ser a regra sagrada e fundamental da federação internacional<sup>61</sup>.

O sentido universal que o pensador anarquista defende parece relacionar-se diretamente aos seus direitos naturais; se um indivíduo tem, por natureza, determinados direitos, por que os

---

<sup>60</sup> *Ibidem*, p. 74.

<sup>61</sup> BAKHUNIN, 2009, *op. cit.*, p. 38.

demais, que são seus iguais não teriam? Sua luta consiste, assim, numa obrigação do indivíduo como ser social; e ele deve fazer isso sob pena de comprometer não só a sua liberdade e integridade como cidadão, individualmente falando, mas pode pôr em risco o bem de toda a comunidade da qual faz parte.

Max Stirner, como já foi ressaltado, é um dos teóricos anarquistas mais radicais e ficou conhecido na história como “o egoísta”. De maneira geral, ele defende a ideia de que o indivíduo, e somente esse, tem valor na sociedade; sem o indivíduo e seus interesses particulares a sociedade não tem sentido, pois esta é composta de seres humanos dotados de vontade própria sem os quais uma comunidade seria impossível; “única regra de conduta a ser seguida pelo indivíduo serão suas próprias necessidades e desejos”<sup>62</sup>. É evidente que essa é uma afirmação um tanto quanto radical. Ainda assim é possível encontrar laivos desse radicalismo no pensamento de Lima Barreto.

Nelson Werneck Sodré, em *História da Imprensa no Brasil* (1998), especificamente no item que diz respeito à imprensa proletária (vale ressaltar que a imprensa proletária no Brasil desse período era basicamente de ideologia anarquista), fala da participação de Lima Barreto na *Voz do Trabalhador*, quinzenário que representava a Confederação Operária Brasileira. O escritor carioca colaborava nesse jornal sob o pseudônimo de Isaías Caminha. Também colaborou com periódicos que se uniam à Comissão Internacional Contra a Guerra, como *A Lanterna*, sob o pseudônimo de Dr. Bogolof. Lima Barreto, unido a outros articulistas de veio anarquista, como Fábio Luz, desenvolveu uma discussão sobre a Revolução Russa em *O Debate* que começou a circular no Rio de Janeiro em 1917. Durante algum tempo esse periódico se dedicou bastante aos temas da Revolução e aos problemas que envolviam a classe operária em seus vários aspectos. Em resumo, comentou Nelson Werneck Sodré sobre o escritor e articulista carioca:

Em contraste com essa figura típica da imprensa industrial que foi João Laje, há que fixar essa outra figura típica – apesar de seus muitos aspectos singulares – que foi Lima Barreto, não apenas porque recolheu em páginas inesquecíveis a época, as personagens, a imprensa carioca, mas porque, em sua atividade de escritor e jornalista, acabou se constituindo um exemplo do antípoda da corrupção da inteligência, o caso marcante da vítima social. Colaborador circunstancial de revistas conhecidas e de grandes jornais, *A Notícia*, *O País*, o *Diário de Notícias*, o *Rio-Jornal*, recebendo cinquenta mil réis por artigo, redator efetivo da *Careta*, com salário mensal fixo, a parte principal de sua

---

<sup>62</sup> WOODCOCK, George. *História das ideias e movimentos anarquistas*. Tradução de Júlia Tettamanzy. Porto Alegre: L&PM, 2007, p. 109, vol. I.

colaboração vai para a pequena imprensa, para *O Debate*, para o *ABC*, em que escreveu de 1916 até sua morte, porque são as revistas e os jornais modestos que lhe permitem escrever com inteira liberdade, exteriorizar o seu pensamento. Sua palavra é sempre de protesto: protesta contra a apreensão de *A Folha*, de Medeiros de Albuquerque, como protesta contra a apreensão dos jornais anarquistas de S. Paulo, *Spartacus* e *A Plebe*; protesta contra a violência policial exercida sobre grevistas como contra os aproveitadores da guerra, que enriqueceram depressa, provocando a alta do custo devida; protesta contra todas as injustiças, até mesmo as literárias que a fase, propícia à mediocridade, proporciona com abundância, atingindo-o pessoalmente muitas vezes<sup>63</sup>.

Vê-se por essa longa, porém necessária citação, que o historiador faz jus àquele que foi um dos maiores articulistas da imprensa de protesto em nosso país do início da República. O historiador ainda expõe sua carreira como romancista através da imprensa, dedicando-lhe vários comentários e análises na sua *História da Imprensa no Brasil*, dignos de apreciação.

---

<sup>63</sup> SODRÉ, *op.cit.*, p. 335-336.

*Utilize, para se exprimir, as coisas de seu ambiente, as imagens de seus sonhos e os objetos de suas lembranças. Se a própria existência cotidiana lhe parece pobre, não a acuse.*

*Acuse a si mesmo, diga consigo que não é bastante poeta para extrair as suas riquezas.*

*Para o criador, com efeito, não há pobreza nem lugar mesquinho e indiferente.*

(Rainer Maria Rilke)



## 2 – A IDEIA DE PÁTRIA EM *TRISTE FIM DE POLICARPO QUARESMA*

*Triste fim de Policarpo Quaresma*, o mais popular e conhecido dos romances que compõem a obra do escritor carioca Lima Barreto, veio a público através da imprensa, mais precisamente no *Jornal do Comércio*, edição da tarde, em 1911, paulatinamente, em cinquenta e dois folhetins. Somente em 1916 é que foi publicado em forma de livro. Embora tenha sido composto em pouco mais de sessenta dias, representa um momento positivo em sua produção e é, segundo a crítica, seu romance mais bem elaborado e acabado.

Sua elaboração está ligada a um período da história do Brasil marcada pela acentuada insatisfação por parte de alguns intelectuais em relação à forma republicana de governo que se instalou no país e seus desdobramentos na vida social e econômica. Também se insere num contexto estético plasmado por intenções e desejos de mudança.

É importante lembrar que a maneira como se instalou a República no Brasil, com seus ares de aristocracia e pedantismo, apesar de inserida no mundo liberal, fez com que se frustrassem as primeiras expectativas, tornando-se o Brasil um terreno fértil onde germinaram e floresceram ideias de origem europeia, baseadas, principalmente, em pensadores como Pierre-Joseph Proudhon, Bakunin, Kropotkin, Stirner, entre outros. Isto de um ponto de vista ideológico e social. No que tange aos aspectos estéticos ou artísticos há uma avalanche de tendências que marcou o início do século XX, com suas vanguardas e obras polêmicas.

José Murilo de Carvalho dá uma ideia geral sobre a origem dos principais grupos inconformados com a nova forma de governo instalada no Brasil a partir de 1889:

A rigidez do sistema republicano, sua resistência em permitir a ampliação da cidadania, mesmo dentro da lógica liberal, fez com que o encanto inicial com a república rapidamente se esvaísse e desse origem à decepção e ao desânimo. O desencanto fica transparente no *Manifesto do Centro Socialista aos Operários e Proletários*, lançado em 9 de janeiro de 1899, no Rio de Janeiro. Aí se afirma que, se o Império vivera sob o monopólio dos donos de escravos, a República ‘vai vivendo à custa dos mais repugnantes sindicatos políticos e industriais, geradores de uma perigosa oligarquia plutocrática tão perniciosa como a oligarquia aristocrática’. Em consequência, prossegue o *Manifesto*, o Brasil se acha na mesma condição da Europa, onde os vícios do

capitalismo só deixam ao operário a opção entre o socialismo reformador e o anarquismo revolucionário<sup>64</sup>.

Com os problemas que permaneceram e se acentuaram com a República, que prometia tudo fazer para transformar o Brasil em uma nação digna, mas nada fez, a não ser reforçar os direitos e privilégios da elite, surge um grupo de intelectuais de pouca ou nenhuma projeção porque originários da classe menos favorecida, que usavam a imprensa para protestar contra a nova forma de governo, principalmente por esta não ser capaz de transformar a realidade social.

O Rio de Janeiro, capital do país, vivia a efervescência política e cultural da Primeira República e os anos de 1906 a 1911 registraram a insatisfação de intelectuais, inclusive os de classe média, com o regime. Marginalizada e ofendida, a ascendente classe média com seus escritores, jornalistas e até homens formados – os doutores – revoltava-se contra os alicerces tradicionais, pleiteando a democratização da República, além das propostas liberal e positivista.

A repressão a populares simultânea à intensa transgressão de costumes, expressa no incentivo ao enriquecimento sem esforço em contraposição ao ganho de vida pelo trabalho honesto, gerou o saudosismo de um governo autoritário para a regeneração dos costumes. É o retorno do lema da pátria comandada com honestidade e energia, voltado para o moralismo contra os políticos que haviam corrompido a nação, bem como objetivando colocar rédeas em um bacharelismo que se recusa a ser tutelado e conduzido.

[...] A classe pobre, perseguida e espoliada pela força republicana, vê-se num mundo excluído dos valores e ideias da elite e da classe média ascendente. Esses extremos se tocam, porém, na insatisfação – desde os intelectuais aos artesãos qualificados – e concretizam a impossibilidade de se formarem organizações capazes de transformar a realidade social<sup>65</sup>.

Dentre os vários pensadores indignados com esta situação pode-se destacar as figuras de Domingos Ribeiro Filho, Fábio Luz, Bastos Tigre e Lima Barreto. Este último se apropriou de um dos momentos mais controversos de nossa história para criar uma das mais comoventes personagens da literatura brasileira: o Major Quaresma.

Embora Lima Barreto seja dono de uma grande e variada produção artística e tenha publicado outros romances como *Numa e a Ninfa*, *Clara dos Anjos*, *Recordações do Escrivão Isaías Caminha* e *Vida e Morte de M. J. Gonzaga de Sá*, todos dotados de qualidades próprias da arte e do estilo do escritor carioca, nenhum outro assumiu igual projeção como *Triste Fim de Policarpo Quaresma*. O romance teve traduções em vários idiomas como o inglês, o francês, o

<sup>64</sup> CARVALHO, José Murilo de. *Os bestializados: o Rio de Janeiro e a República que não foi*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998, p. 56.

<sup>65</sup> FIGUEIREDO, Carmen Lúcia Negreiros de. Cotidiano e ficção: escrita de vida e de morte. In: BARRETO, Lima. *Triste fim de Policarpo Quaresma*. Edição crítica. São Paulo: Scipione Cultural, 1997, p. 276.

romeno, entre outros, além de ter sido adaptado para o cinema, como “Policarpo Quaresma, Herói do Brasil” (1998), sob a direção de Paulo Thiago.

Com a publicação de *Triste Fim de Policarpo Quaresma*, novos horizontes se abrem para o escritor carioca, pois a crítica da época logo percebeu o seu talento que, embora tímido, já se fazia presente em *Recordações do Escrivão Isaías Caminha*. Assim, críticos como Oliveira Viana, Jackson de Figueiredo, Gonzaga Duque, Monteiro Lobato, e até mesmo Coelho Neto, apesar de lhe ter apontado os defeitos, afirmou certa vez na Academia Brasileira de Letras, que Lima Barreto “não era uma figura comum, das que desaparecem na morte, mas uma dessas resistências que avultam e impõem-se acima do túmulo, como em pedestal, e ficam eternas representando o espírito de uma era e a glória de um povo”<sup>66</sup>.

Pela crítica que recebeu e pela boa recepção que teve por parte desses teóricos, pode-se arriscar em dizer que *Triste Fim de Policarpo Quaresma* tornou-se um dos momentos mais promissores da prosa moderna em nossa literatura.

## 2.1 – Policarpo Quaresma e a Pátria revisitada

O Major Quaresma é uma figura romântica e idealista, que se destaca como protagonista de uma narrativa não enquadrada no ideal Romântico e nem co-participativa das propostas de vanguarda da época. Na narrativa, “o tema do ufanismo é pensado de um modo contrastante com o espírito entusiástico dos primeiros anos da República”<sup>67</sup>. O romance *Triste fim de Policarpo Quaresma* pode, então, ser entendido como:

[...] um discurso metafórico da construção imaginária do Brasil e da sua gente. Por meio de uma linguagem irônica, num meio termo entre o trágico e o cômico, o autor pretende assinalar como a elaboração de categorias mentais tais como “pátria” e “nacionalismo” pode se transformar numa grande ilusão ou engodo. O percurso do herói Quaresma, que parte de uma visão patrioteira e utópica aprendida nos livros rumo a uma dolorosa consciência do Brasil concreto, ilustra o distanciamento das elites econômicas e

<sup>66</sup> NETO, Coelho. Sereia. In: BARRETO, Lima. *Triste fim de Policarpo Quaresma*. Edição crítica. São Paulo: Scipione Cultural, 1997, p. 428.

<sup>67</sup> GERMANO, Idilva Maria Pires. *Alegorias do Brasil – imagens de brasilidade em Triste fim de Policarpo Quaresma e Viva o povo brasileiro*. São Paulo: Annablume/Fortaleza: Secretaria de Cultura e Desporto do Estado do Ceará, 2000, p. 22.

intelectuais do cotidiano das massas despossuídas, bem como a necessidade de ultrapassar um nível ingênuo de percepção da realidade nacional<sup>68</sup>.

O romantismo de Policarpo Quaresma encontra-se deslocado, atemporal, fora de todo o padrão estético reivindicado pelo momento de sua produção, daí essa imagem diferenciada e pungente na qual ele se configurou dentro da narrativa.

Tem-se, em *Triste Fim de Policarpo Quaresma*, a construção imaginária do Brasil e de seu povo por meio de um discurso metafórico, cômico e trágico. O narrador põe em evidência o ufanismo da personagem, bem como deixa claro sua relação de dependência frente às tradições da cultura nacional, tradições essas cultuadas desde a infância pela personagem, ação que culmina com a criação de um mundo irreal.

Policarpo era patriota. Desde moço, aí pelos vinte anos, o amor da pátria tomou-o todo inteiro. Não fôra o amor comum, palrador e vazio; fôra um sentimento sério, grave e absorvente. Nada de ambições políticas ou administrativas; o que Quaresma pensou, ou melhor: o que o patriotismo o fêz pensar, foi um conhecimento inteiro do Brasil, levando-o a meditações sôbre os seus recursos, para depois então apontar os remédios, as medidas progressivas, com pleno conhecimento de causa<sup>69</sup>.

A trajetória do protagonista, orientado por suas leituras ufanistas, deságua em uma realidade, que por estar distante do seu mundo, coloca-o a par de seu deslocamento em relação àquilo que de fato compunha o universo econômico e intelectual das elites, e também em relação ao cotidiano das pessoas que formavam a leva de despossuídos na sociedade brasileira. Quando o protagonista transpõe o nível ingênuo de percepção da realidade que o cerca, consuma-se o seu fim triste. Antes mesmo de sua execução ele se vê diante de uma reviravolta, que o liberta da irrealidade, mas que o leva à morte.

Era prática do Major Quaresma, a julgar pelos volumes que compunham sua biblioteca, a leitura ou estudo sistemático dos principais formadores da historiografia brasileira; ele primava por uma exclusividade de autores nacionais. Até mesmo entre aqueles que não eram brasileiros, só entravam em sua casa os que defendiam ou colocavam em evidência nossos costumes e nossas tradições, como esclarece o narrador:

---

<sup>68</sup> *Ibidem*, p. 19.

<sup>69</sup> BARRETO, Lima. *Triste Fim de Policarpo Quaresma*. In: *Obra completa*. São Paulo: Brasiliense, 1956, p. 32.

De História do Brasil, era farta a messe: os cronistas, Gabriel Soares, Gandavo; e Rocha Pita, Frei Vicente do Salvador, Armitage, Aires do Casal, Pereira da Silva, Handelmann (*Geschichte von Brasilien*), Melo Moraes, Capistrano de Abreu, Southey, Varnhagen, além de outros mais vagos ou menos famosos. Então no tocante a viagens e explorações, que riqueza! Lá estavam Hans Staden, o Jean de Léry, o Saint-Hilaire, o Martius, o Príncipe de Neuwied, o John Mawe, o von Eschwege, o Agassiz, Couto de Magalhães e se se encontravam também Darwin, Freycinet, Cook, Bougainville e até o famoso Pigafetta, cronista da viagem de Magalhães, é porque todos esses últimos viajantes tocavam no Brasil, resumida ou amplamente<sup>70</sup>.

Todas as imagens que se tem do período de formação de nossa cultura devem muito a esses cronistas, narradores perspicazes do ponto de vista descritivo, embora pouco profundos em análises mais críticas, principalmente do ponto de vista social ou político. As imagens produzidas por tais autores se tornaram um referencial e uma mania no mundo do Major Quaresma, utilizando-as de modo exagerado na construção de sua pátria ideal.

Para dar mais consistência ao seu ufanismo, em se tratando de ficção, são elencados autores representantes do romantismo, e diretamente envolvidos com o ideal de nacionalidade, como José de Alencar e Gonçalves Dias. Esses jamais poderiam faltar, pois constituem a base para a consolidação do ideal patriótico, tão caro ao Romantismo. Repare-se que não consta da sua biblioteca particular, representantes de escritores realistas.

Na ficção, havia unicamente autores nacionais ou tidos como tais: O Bento Teixeira, da *Prosopopeia*; O Gregório de Matos, o Basílio da Gama, o Santa Rita Durão, o José de Alencar (todo), o Macedo, o Gonçalves Dias (todo), além de muitos outros. Podia-se afirmar que nem um dos autores nacionais ou nacionalizados de oitenta pra lá faltava nas estantes do Major.

O pensamento de Quaresma em relação ao Brasil é marcado por uma nota idílica e todas as suas atitudes o levam à efetivação de seus objetivos; assim, sua figura cerca-se de uma penumbra aos olhos das outras personagens, uma vez que estas, sob o peso da narrativa, vão tomando consciência das possíveis consequências dos atos ufanistas do Major. Essa nota idílica parece ser dotada de grande força, ao mesmo tempo como que turva a visão e a mente do protagonista ao ponto de impedir-lhe de perceber as clarezas de seus atos e de suas consequências.

O mundo no qual o Major Quaresma se insere é proveniente da realidade brasileira, realidade esta filtrada a partir de um olhar flagrantemente derrisório, beirando a ironia e o

---

<sup>70</sup> *Ibidem*, p. 31.

sarcasmo. A realidade, na narrativa, aos olhos do leitor mais atento fica como que dividida em dois blocos, cujas características não interferem na realidade que se lhe opõe. São dois mundos que não se misturam. Quando essas realidades se aglutinam, somente no fim da narrativa, há um comprometimento do pseudo-equilíbrio mental de Policarpo Quaresma.

Já é lugar-comum a comparação que se estabelece entre a personagem de Lima Barreto, o major Policarpo Quaresma, e o fidalgo Dom Quixote de la Mancha, de Miguel de Cervantes. A comparação já se encontra em Oliveira Lima, no prefácio à quarta edição do romance. Para Oliveira Lima, Policarpo Quaresma seria:

[...] como um Dom Quixote nacional. Ambos são tipos de optimistas incuráveis, porque acreditam que os males sociais e sofrimentos humanos podem ser curados pela mais simples e ao mesmo tempo mais difícil das terapêuticas, que é a aplicação da justiça da qual um e outro se arvoraram paladinos. Um levou sovas por querer proteger os fracos; o outro foi fuzilado por querer na sua bondade salvar inocentes. Visionários ambos: assim tratou o marechal de ferro o seu amigo Quaresma e trataria Dom Quixote, se houvesse lido Cervantes<sup>71</sup>.

A comparação, porém, tem consequências mais profundas, que incluem também as grandes diferenças entre as duas personagens. O que os une seria o seu estado alucinatório, o qual os levaria a eger um determinado ideal acima de todas as coisas, independente e muitas vezes contra a realidade que os cercava. O ideal de Policarpo Quaresma, como ressaltado acima, é a superioridade e o potencial de sua pátria, tão irreal, em contraponto com a realidade, quanto à permanência literal do legado de cavalaria na origem da Idade Moderna, como nota a prosa de Cervantes. Duas outras características curiosas tornam os tipos semelhantes: seu estado alucinatório seria derivado dos livros. Assim, já no início do Dom Quixote lê-se:

Es, pues, de saber que este sobredicho hidalgo, los ratos que estaba ocioso – que eran los más del año –, se daba a leer libros de caballerías, con tanta afición y gusto, que olvidó casi de todo punto el ejercicio de la caza y aun la administración de su hacienda; y llegó a tanto su curiosidad y destino en esto, que vendió muchas fanegas de tierra de sembradura para comprar libros de caballerías en que leer, y, así, llevó a su casa todos cuantos pudo haber de ellos, [...].  
Con estas razones perdía el pobre caballero el juicio, y desvelábase por entenderlas y desentrañarles el sentido [...] <sup>72</sup>.

<sup>71</sup> LIMA, Oliveira. Prefácio. In: BARRETO, Lima. Triste Fim de Policarpo Quaresma. In: *Obra completa*. São Paulo: Brasiliense, 1956, p. 9-10.

<sup>72</sup> CERVANTES, Miguel de. *Don Quijote de la Mancha*. San Pablo: Real Academia Española, 2004, p. 28-29.

De igual maneira, o primeiro capítulo do romance de Lima Barreto dá uma ideia do cotidiano da personagem principal antes dos fatos que precipitaram sua ruína, e da sua “mania” de leitor, já encontrando nesse cotidiano não só o desacordo do major com a realidade como também certa aversão da vizinhança. Por não compreender seu modo de vida como correto, ou por achá-lo pretensioso por possuir uma biblioteca em casa, não sendo um estudioso formado em nenhuma área, os vizinhos julgavam sem justificativa a posse dos livros.

Não recebia ninguém, vivia num isolamento monacal, embora fosse cortês com os vizinhos que o julgavam esquisito e misantropo. Se não tinha amigos na redondeza, não tinha inimigos, e a única desafeição que merecera, fora a do doutor Segadas, um clínico afamado no lugar, que não podia admitir que Quaresma tivesse livros: “Se não era formado, para que? Pedantismo!”

O subsecretário não mostrava os livros a ninguém, mas acontecia que, quando se abriam as janelas da sala de sua livraria, da rua poder-se-iam ver as estantes pejadas de cima abaixo<sup>73</sup>.

Também a curiosa simpatia que as personagens inspiram pode aventar alguns questionamentos. Erich Auerbach afirma que a simpatia que o Quixote de Cervantes desperta nos leitores se deve a um engano de natureza “filológica”, ou seja, à recepção da personagem, sobretudo no século XIX, que, com o romantismo, teria ultrapassado os limites da própria narrativa que o contém. O Quixote espelharia, à revelia do seu autor, o ser humano ideal de outra era, o qual se tornaria um herói trágico – cujas características Auerbach nega existirem plenamente no romance de Cervantes – ao se contrapor a uma realidade que o esmaga.

Deve haver poucos amantes da arte literária que não liguem a Dom Quixote a concepção da grandeza idealista; embora absurda, aventureira e grotesca, não deixa de ser idealista, incondicional e heróica. Sobretudo depois do Romantismo, esta ideia tornou-se quase generalizada, mantendo-se mesmo contra a crítica filológica, na medida em que esta pretende demonstrar que Cervantes não tinha a intenção de despertar tal impressão<sup>74</sup>.

Para Auerbach, essa atribuição de heroísmo à personagem, pelo menos se se for estritamente fiel à visão do autor, cai por terra quando se considera justamente o choque entre o real e o ideal. Dom Quixote não se bate contra a realidade de um modo tal que pudesse tornar possível uma mudança efetiva, porque nem sequer consegue enxergar de forma clara essa realidade. Sua “nobreza”, nesse sentido, não teria razão de ser na medida mesma em que se trata, na verdade, de uma nobreza absurda. Não se trata da derrota, não é ela que inviabiliza o heroísmo

<sup>73</sup> BARRETO, Lima. *Triste Fim de Policarpo Quaresma*, op. cit., p. 28.

<sup>74</sup> AUERBACH, Erich. *Dulcinéia encantada*. In.: *Mimeses – a representação da realidade na literatura ocidental*. 5.ed. São Paulo: Perspectiva, 2007, p. 307.

da personagem, mas da impossibilidade da vitória (o mesmo que acontece com Policarpo Quaresma, como se verá um pouco mais adiante).

A dificuldade reside no fato de que na ideia fixa de Dom Quixote, o nobre, o puro e o redentor estão ligados com o absolutamente insensato. Uma luta trágica pelo ideal e pelo desejável em primeiro lugar só pode ser representada, de tal modo que intervenha de forma sensata no estado real das coisas, estremecendo-o e importunando-o; de tal maneira que, contra o sensatamente ideal, surja uma oposição igualmente sensata, seja proveniente da inércia, da maldade mesquinha e da inveja, quer de uma visão mais conservadora. A vontade idealista deve estar de acordo com a realidade existente pelo menos até o ponto de poder atingi-la, de tal forma que uma penetre na outra e surja um verdadeiro conflito. O idealismo de Dom Quixote não é desta espécie. Não se baseia numa visão das circunstâncias fatuais da vida; embora Dom Quixote tenha uma tal visão, ela o abandona tão logo o idealismo da ideia fixa dele se apodera. Tudo o que faz depois é totalmente carente de sentido e tão inconciliável com o mundo existente que a única coisa que resulta disso é uma cômica confusão. Não só não tem possibilidade de êxito, mas não encontra nenhum apoio na realidade; atinge o vazio<sup>75</sup>.

O que Cervantes naturalmente não poderia prever era que essa atitude desesperada diante do mundo fosse se tornar uma moeda corrente e valorizada pelo ideário romântico: ir contra a sociedade mesmo sem possibilidade de vitória, ou já para abraçar a derrota, seria o maior ato de heroísmo possível.<sup>76</sup> E, para os românticos, mesmo a loucura seria preferível a adotar, condescendentemente, o modo de vida burguês. A “solução” que propõe Auerbach para que se possa considerar a nobreza do louco como tal e a própria personagem do louco como um herói possível é usar a personagem para fazer uma crítica à realidade, embora a própria personagem, que deseja a transformação de uma estrutura que na verdade ele enxerga mal (ou seja, deseja que a realidade se enquadre na sua ideia, daí a sua insanidade, a sua idiotia), não possa fazer muito nesse sentido. Mas Auerbach descarta a possibilidade de que isso aconteça no romance de Cervantes.

O mesmo pensamento pode ainda ser desenvolvido de outra forma, de maneira a tornar visíveis outras conclusões. O tema do doido nobre e audaz, que sai em campanha para tornar realidade o seu ideal e melhorar o mundo, poderia ser considerado de forma tal que os problemas e conflitos existentes no mundo pudessem aparecer e ser questionados. A própria pureza e imediatez do doido poderia, sem intenção nem efeito concretos, ser de uma espécie tal que em toda parte onde aparecesse atingisse espontânea e involutariamente o cerne das coisas, de tal forma que o conflitos suspensos e ocultos se tornassem atuais; lembre-se o *Idiota* de Dostoiévski. Com isso, poderia acontecer que o próprio louco se envolvesse em responsabilidades e culpas, tornando-se, desta forma, trágico. Nada disso acontece no romance de Cervantes<sup>77</sup>.

<sup>75</sup> *Ibidem*, p. 307.

<sup>76</sup> HAUSER, *História Social da Arte e da Literatura*. Tradução de Álvaro Cabral. São Paulo: Martins Fontes, 2000, p. 580-595.

<sup>77</sup> AUERBACH, *op. cit.*, p. 307.



Não obstante, essas características podem ajudar a compreender o Policarpo Quaresma de Lima Barreto, embora o major também seja bastante diferente do príncipe Míchkin, do romance de Dostoiévski, o qual, é provável, guarda semelhanças com o protótipo de Cervantes. Segundo Paulo Bezerra, tradutor de Dostoiévski:

É bem conhecida a paixão de Dostoiévski pela imagem do Dom Quixote, que ele via como a consumação das melhores qualidades da pessoa humana – o apego à justiça e à bondade. Além do Cristo em que Dostoiévski se baseia – o Cristo homem, capaz de imensa ternura e também de grande indignação –, a esses protótipos ele ainda acrescenta em Míchkin outros traços como o de esquisito e *iuród*; o esquisito é aquele que se desvia acentuadamente do papel social que lhe destinaram, o *iuród* tanto pode ser um indivíduo atoleimado, juridicamente irresponsável, como um mendigo e louco com dons proféticos. E note-se que Míchkin tem uma capacidade excepcional de penetrar na interioridade das pessoas<sup>78</sup>.

Policarpo Quaresma, nesse sentido, é bastante diferente do príncipe Míchkin, dado ser constantemente trapaceado por não ser absolutamente capaz de prever o comportamento humano. Sendo bom exemplo disso, a cena em que ele é pego de surpresa pela retaliação do doutor Campos: já habitando o sítio Sossego, depois de ter alta do hospício, o major é procurado pelo doutor Campos que, para beneficiar o seu partido, pede a Policarpo, desinformado e desinteressado do assunto, que responda a “uma carta do Neves”<sup>79</sup> afirmando não ter ainda havido eleições; o major, naturalmente, recusa, mas poucos dias depois recebe intimação, assinada pelo próprio Campos, que o obrigaria absurdamente, “sob as penas das mesmas posturas e leis, a roçar e capinar as testadas do referido sítio que confrontavam com as vias públicas”<sup>80</sup>.

A crítica à sociedade, de que fala Auerbach, não se encontraria, portanto, no curioso poder de penetração de uma personagem inusitada como um doido, como acontece no romance de Dostoiévski, mas, antes, pela maneira como o narrador a mostra, e pelo modo como se dá o choque de Policarpo Quaresma com a realidade. O major é, por um lado, uma figura quixotesca por ter construído uma ideia da realidade baseada em leituras, mas se aproxima da visão que Dostoiévski tem do mito, ao não dar razão à realidade.

Assim como o Quixote, nem o príncipe Míchkin nem Policarpo Quaresma são exemplos a ser seguidos, mas os seus respectivos narradores não conseguem dar uma visão da personagem

<sup>78</sup> BEZERRA, Paulo. “A vida como leitmotiv.” In.: DOSTOIÉVSKI, Fiódor. *O idiota*. 2.ed. Tradução de Paulo Bezerra, São Paulo: Editora 34, 2005, p. 10.

<sup>79</sup> BARRETO, Lima. *Triste Fim de Policarpo Quaresma*, op. cit., p. 181.

<sup>80</sup> *Ibidem*.

como a que Auerbach flagra em Cervantes. As personagens são plenamente construídas para despertar a simpatia do leitor, dados o seu bom caráter e as suas boas intenções, malgrado a sua ingenuidade, isto é, se não se perceber, especificamente na construção dessas personagens, a própria ingenuidade como condição das qualidades anteriormente citadas. O narrador de *Triste fim de Policarpo Quaresma* deixa explícita essa simpatia, justificando as atitudes da personagem e explicando a razão de seu deslocamento do mundo real:

Êsse encerramento em si mesmo deu-lhe não sei que ar de estranho a tudo, às competições, às ambições, pois nada dessas cousas que fazem os ódios e as lutas tinha entrado no seu temperamento.

Desinteressado de dinheiro, de glória e posição, vivendo numa reserva de sonho, adquirira a candura e a pureza d'alma que vão habitar êsses homens de uma ideia fixa, os grandes estudiosos, os sábios, e os inventores, gente que fica mais terna, mais ingênua, mais inocente que as donzelas das poesias de outras épocas.

É raro encontrar homens assim, mas os há e, quando se os encontra, mesmo tocados de um grão de loucura, a gente sente mais simpatia pela nossa espécie, mais orgulho de ser homem e mais esperança na felicidade da raça<sup>81</sup>.

Policarpo Quaresma seria desses espíritos sábios, mas não teria encontrado um direcionamento possível dentro da sociedade que o cercava. Apesar da simpatia, que até mesmo o narrador procura atribuir à personagem, não significa que o seu modo de agir seja elogiado. Mesmo porque Lima Barreto é o crítico das contradições sociais que Policarpo Quaresma, inicialmente, não consegue enxergar.

Lima Barreto exalta a rebeldia implícita em todo processo de ruptura com as regras, ao mesmo tempo que lamenta a ilusão de se ir contra a crua realidade dos fatos. Os olhos do sonho não são o instrumento ótico adequado para mirar a realidade social, particularmente a complexa realidade cultural brasileira. Os olhos do sonho, porém, comovem. Policarpo Quaresma é compreendido pelo narrador de forma ambígua. O major é “superior” porque é capaz de opor-se ao modo rotineiro de ver e fazer as coisas, bem como de subverter a ordem estabelecida e o poder constituído. Por outro lado, como todo sonhador, seus ideais o conduzem à inadaptação, ao sofrimento e, por fim, à morte<sup>82</sup>.

Toda essa sua idealização, como observado a princípio, se devia muito às leituras as quais se dedicava e que não tinham outro tema senão a pátria. Sua obsessão tem inegável parentesco, assim, com a de Dom Quixote – que tem sua insanidade explicada e atribuída, pelo narrador, diretamente ao seu hábito da leitura. Diferem as leituras, mas a raiz da “loucura” das personagens viria do hábito em si e do descuido de considerar que os livros e a realidade estariam, ou

<sup>81</sup> *Ibidem*, p. 82-83.

<sup>82</sup> GERMANO, *op. cit.*, p. 46.

deveriam estar, em pleno acordo. Assim, Policarpo se aproxima, também, do estereótipo do sábio que enlouquece devido aos próprios estudos, sendo que sua insanidade reside na impossibilidade de a sua sabedoria acumulada encontrar um reflexo na realidade da qual o protagonista passou muito tempo protegido, pois que se deixara inebriar pelo universo de suas leituras.

É fácil aqui, na imagem do personagem Policarpo Quaresma, a ressonância daquele mito do sábio louco, misto de dedicação a uma ideia e introversão doentia. Seu apego aos livros aparece de forma insistente e, na seleção das leituras e no enfoque por ele dado aos assuntos de sua preferência, reside a causa do seu problema. Seu patriotismo, que foi germinado na medida em que ele se debruçava sobre os textos ufanistas da História do Brasil, tomava corpo e se aproximava da completa alienação justamente pelo equívoco, não só do texto, mas também da recepção do mesmo. Se a obra é recriada no encontro com o leitor, se o seu sentido se constrói no silêncio da leitura, trata-se então de um duplo equívoco. Não apenas a realidade apresentada pelos textos não coincide com a realidade brasileira [...] como também o modo de recepção do texto, por Policarpo, acontece de forma radical e, portanto, inadequada<sup>83</sup>.

As leituras de Policarpo Quaresma não eram, como as de Dom Quixote, de novelas de cavalaria, mas também eram obsessivamente monotemáticas: os livros de Policarpo Quaresma estavam necessariamente ligados ao Brasil. A literatura que ele consumia era exclusivamente brasileira – sendo que, sintomaticamente, dentre os títulos citados, nenhum pertence à escola realista.

Retiram os escritores românticos desse primeiro quadro, registrado pelos cronistas, o caráter aventureiro, predatório e mercantil das ações dos colonizadores e as suas consequências. Com base nesse recorte de dados documentais, o intelectual, da primeira metade do século XIX, principia sua pintura da gênese da nação brasileira, privilegiando a paisagem, a natureza para suprir as limitações dos heróis dessa história, ainda rijos, inteiros, sem poços psicológicos porque nascidos num conjunto social precário, obscuro e dúbio. Este caráter dúbio dos valores na sociedade, pela imprecisão do perfil das instituições, é francamente evitado pelo escritor romântico, que prefere a certeza, o absoluto, o afirmativo nos traços nos quais delineia a cultura do seu país.

[...] o narrador romântico concilia todos os valores criando com a linguagem um mundo novo, aos olhos do leitor, a partir de certezas inabaláveis, personagens sem contradições, recortes no tempo rigidamente delimitados cujo resultado será a imagem inequívoca de um país de vastas terras, com uma natureza exuberante, utopicamente ligada ao homem – gentil, afável, alegre –, cultivando relações em que o conflito para a sobrevivência atenua-se pelo gesto cordial, capaz de extremos de dádiva e violência.

Esse país, criado pelos românticos embala o imaginário do brasileiro que acredita nessas convenções para a explicação das origens do nacionalismo; são imagens que suprem a carência de ideais e valores estabilizados e correntes<sup>84</sup>.

<sup>83</sup> MARIA, Luzia de. *Sortilégios do Avesso – razão e loucura na literatura brasileira*. São Paulo: Escrituras, 2005, p. 275.

<sup>84</sup> FIGUEIREDO, Carmen Lúcia Negreiros de. Introdução. In: BARRETO, Lima. *Triste fim de Policarpo Quaresma*. Edição crítica. São Paulo: Scipione Cultural, 1997, p. XIX-XX.

A geografia, a qual deslumbrava os viajantes estrangeiros pela variedade e grandiosidade, e a história que ele estudava, também eram sempre sobre o Brasil. E nenhum outro assunto lhe interessava se não estivesse ligado ao seu país. À exceção dos literários, tratam-se de livros científicos ou, pelo menos, de pretensão científica, diferentes de uma narrativa como a consumida vorazmente por Dom Quixote. Portanto, no caso de Quaresma seria, à primeira vista, a transposição para o papel da realidade observada, como os relatos de viagem dos exploradores estrangeiros. E daí surgem os primeiros questionamentos. Como esse tipo de leitura poderia levar a personagem à alienação? E por que não se pode pensar o ideário de Policarpo Quaresma sem considerar o possível estado de insanidade mental da personagem?

Essas leituras, ingenuamente consideradas pelo Major como o que havia de mais científico e correto sobre o nosso território e nossa cultura, o haviam transformado, ao longo de tantos anos de contato, em verdadeiro visionário e ufanista até mesmo em questões pueris e que não redundavam em nenhuma forma prática de realmente contribuir para a projeção do Brasil frente a outras nações. É comovente, por exemplo, a mania que o herói tinha em defender a superioridade do Rio Amazonas face ao Rio Nilo, bem como sua preocupação, estendida a outros aspectos naturais da sua Pátria, como relata o narrador:

Durante os lazes burocráticos, estudou, mas estudou a Pátria, nas suas riquezas naturais, na sua história, na sua geografia, na sua literatura e na sua política. Quaresma sabia as espécies de minerais, vegetais e animais, que o Brasil continha; sabia o valor do ouro, dos diamantes exportados por Minas, as guerras holandesas, as batalhas do Paraguai, as nascentes e o curso de todos os rios. Defendia com azedume e paixão a proeminência do Amazonas sobre todos os demais rios do mundo. Para isso ia até ao crime de amputar alguns quilômetros ao Nilo e era com este rival do “seu” rio que ele mais implicava. Ai de quem o citasse na sua frente! Em geral, calmo e delicado, o major ficava agitado e malcriado, quando se discutia a extensão do Amazonas em face do Nilo<sup>85</sup>.

Não se pode afirmar que sua alienação está calcada na leitura em si; os conteúdos dos livros que costumava ler não podem ou não têm o poder de levá-lo à loucura. Na verdade, a personagem, envolta em uma aura promovida por ela mesma, torna-se figura frágil quando se vê diante da realidade em contraste com a ideia de paraíso existente num mundo só dela; a realidade lhe aparece violentamente, para maculá-la e levá-la à alienação. Em certo sentido, sobretudo com a ascensão do positivismo no Brasil, o objetivo desse discurso era, justamente, o de obliterar a

---

<sup>85</sup> BARRETO, Lima. Triste Fim de Policarpo Quaresma, *op. cit.*, p. 33.

realidade. Ocorre também que as leituras continuadas afastam Policarpo Quaresma do convívio social até que, completamente despreparado, ele vai confrontar suas ideias com a realidade. Pode-se pensar que a personagem é mais ingênua do que propriamente louca, dado também o narrador, especificamente no episódio da internação, se concentrar mais na descrição da instituição que a encarcera do que no próprio Policarpo. Sua insanidade fica, de certo modo, relegada a segundo plano. Perceba-se, também, que, de início, esse isolamento da personagem em relação à realidade pode ser uma forma de proteger suas ideias e a si mesma:

[...] no confronto entre o idealismo e o padrão de normas instituído, encontramos como resultado a intensificação do processo de isolamento e de alienação de Policarpo. Exatamente como tantos outros textos que questionam a loucura, aqui também ela está em discussão, mas trata-se de loucura narrada. O delírio de Policarpo, aquele *falar que não se sabia donde vinha*, é, no entanto, o grande ausente. A loucura de Policarpo é tão discreta quanto ele próprio. O que temos é uma visão de fora, perplexa, mas contudo sintética. O que temos é a denúncia do caráter carcereiro da instituição psiquiátrica, a denúncia trágica da insegurança do homem, frente à própria precariedade do seu ser e frente aos mecanismos reguladores das relações humanas no mundo moderno [...]<sup>86</sup>.

O conflito de Policarpo Quaresma está em não enxergar a contradição na própria ideologia, ou melhor, na função ideológica desempenhada pelo discurso ufanista sobre o Brasil.

Assim, quando se repara o caminho da personagem, percebe-se que o seu descompasso se deve, muito, a não encontrar na realidade o que os livros predicam, sobretudo na segunda e na terceira parte do romance. É depois de ter alta no hospício que Policarpo Quaresma tem os mais duros choques com a realidade de que os livros não falavam. O primeiro choque se dá no sítio Sossego, quando, apesar da afamada fertilidade do solo brasileiro, sua pequena empresa como agricultor redundava em fracasso. A segunda, na terceira parte, com a própria república, e essa decepção culmina tragicamente com seu “triste fim”.

A disparidade, porém, começa nos próprios discursos, no seu efetivo desacordo com a realidade, e como esses discursos se desdobram no discurso do herói e este assume um caráter ufanista. Em tudo o herói via uma oportunidade de elevar a Pátria às alturas; quando se referia às canções, às comidas, às bebidas etc. Numa dessas ocasiões ele faz menção aos produtos nacionais:

---

<sup>86</sup> MARIA, *op. cit.*, p. 277.

[...] de tudo que há nacional, eu não uso estrangeiro. Visto-me com pano nacional, calço botas nacionais e assim por diante. [...] Agora tu vais ver que magnífico vinho do Rio Grande temos... Qual Borgonha! Qual Bordeaux! Temos no Sul muito melhores...<sup>87</sup>.

E mais, dirigindo-se a uma das suas interlocutoras, por ocasião de uma reunião em sua casa, comenta: “A nossa terra, que tem todos os climas do mundo, é capaz de produzir tudo que é necessário para o estômago mais exigente”<sup>88</sup>.

Nesses fragmentos nota-se as semelhanças de seu discurso com aquele que serviu de base para a formação da visão que tiveram os primeiros exploradores de nosso território. O Major Quaresma incorpora e faz desse discurso o seu próprio, e é com ele que passa a contar para a efetivação do seu projeto. Tudo em Policarpo é bem organizado; ele projeta tudo, passa um longo tempo amadurecendo suas ideias até começar a colocar o seu plano em prática como os costumes dos silvícolas. É tanto que na forma como escolhe para pôr em prática essas ideias, como no seu método minucioso, pode-se perceber mais claramente os sintomas do que seria a sua insanidade. Observa-se, porém, como essa meticulosidade e sobriedade obsessiva o aproximam do modo de vida típico do exército, onde ele trabalha – característica que deveria aproximá-lo da ideologia positivista, da qual, porém, ele acaba por se afastar, embora apoie, a princípio, um presidente militar, antes de se decepcionar gravemente com ele e receber seu último golpe; esse ambiente tipicamente militar era ideal para a prática do patriotismo como expõe o narrador:

Era onde estava bem. No meio de soldados, de canhões, de veteranos, de papelada inçada de quilos de pólvora, de nomes de fuzis e têrmos técnicos de artilharia, aspirava diàriamente aquêlo hálito de guerra, de bravura, de vitória, de triunfo, que é bem o hálito da Pátria<sup>89</sup>.

No entanto, esse ambiente totalmente desfalcado da realidade era, por isso, uma ameaça a um coração visionário como o do major Quaresma. Quando viesse a ruína, essa seria absoluta, não haveria meio termo. A fronteira entre o mundo ideal da personagem e o mundo real assentado em um Brasil de contrastes, exigiria de quem o quisesse transpor uma força hercúlea. O major Quaresma carecia dessa força e sem ela estava fadado ao fracasso.

<sup>87</sup> BARRETO, Lima. Triste Fim de Policarpo Quaresma, *op. cit.*, p. 39.

<sup>88</sup> *Ibidem.*

<sup>89</sup> *Ibid*, p. 33.

Com Policarpo Quaresma, o desacordo ultrapassa a própria disparidade entre discurso e realidade. Passa pela necessidade de se ler esse discurso criticamente, o que a personagem não faz, ou mesmo pela utilização desses mesmos discursos como forma de suplantar a própria realidade, como faziam os positivistas. Falando sobre como nasceram essas “visões do paraíso”, comenta Sérgio Buarque de Holanda:

Não admira se, em contraste com o antigo cenário familiar de paisagens decrépitas e homens afanosos, sempre a debater-se contra uma áspera pobreza, a primavera incessante das terras recém-descobertas devesse surgir aos seus primeiros visitantes como uma cópia do Éden. Enquanto no Velho Mundo a natureza avaramente regateava suas dádivas, repartindo-as por estações e só beneficiando os previdentes, os diligentes, os pacientes, no paraíso americano ela se entregava de imediato em sua plenitude, sem a dura necessidade – sinal de imperfeição – de ter de apelar para o trabalho dos homens. Como nos primeiros dias da Criação, tudo aqui era dom de Deus, não era obra do arador, do ceifador ou do moleiro<sup>90</sup>.

Foi mais ou menos assim que se gerou o discurso que encantava Policarpo Quaresma. Nascia, esse discurso, do exotismo e da grandiosidade da terra brasileira, em oposição à escassez conhecida do Velho Mundo. O outro lado da moeda, porém, já podia ser descoberto nas análises de Montesquieu: são as terras menos gratas, os climas frios, que levam as sociedades a se desenvolver. Lugares paradisíacos, onde, à primeira vista, “em se plantando tudo dá”, por isso mesmo acabariam, na visão do pensador francês, redundando em povos quebrantados e de fácil dominação, sendo que, lê-se nas entrelinhas, ser dominado era o seu destino. O que não pode deixar de ser lido, mas leia-se com cuidado, como uma justificativa ideológica para a colonização já em andamento.

É possível que um dos textos que melhor dê a entender a visão de Policarpo Quaresma sobre o seu país seja, na verdade, bem posterior ao seu período histórico. Trata-se, também, da visão embevecida de um estrangeiro com pouco senso histórico. Falando sobre o Brasil, diz Stephan Zweig: “êsse país que, indubitavelmente, está destinado a ser um dos mais importantes fatores do desenvolvimento do mundo”<sup>91</sup>. O escritor austríaco confessa que a chegada ao Brasil desvaneceu velhos preconceitos que, na Europa, tinha acumulado sobre o país:

---

<sup>90</sup> HOLANDA, Sérgio Buarque. *Visão do Paraíso*. 6.ed. São Paulo: Brasiliense, 2007, p. X.

<sup>91</sup> ZWEIG, Stefan. *Brasil, país do futuro*. In.: Obras completas. Rio de Janeiro: Editora Delta, 1960, p. 4.

Um país em desenvolvimento rápido, mas apenas incipiente e, apesar de toda atividade operante, construtiva, criadora, organizadora, um país cuja importância para as gerações vindouras não podemos calcular, mesmo fazendo as mais ousadas combinações. E com surpreendente velocidade desvaneceu-se a presunção européia que muito supérfluamente trouxera como bagagem. Percebi que havia lançado um olhar para o futuro do mundo<sup>92</sup>.

E, mesmo assim, não consegue se desvincular de uma imagem exótica do lugar, uma imagem de certa forma paradisíaca, como a dos antigos viajantes. Para ele, também, trata-se de uma terra plena de felicidade e paz.

Aqui havia colorido e movimento; os olhos não se cansavam de olhar e, para onde quer que os dirigisse, sentia-me feliz. Apoderava-se de mim uma ebriedade de beleza e de gozo que excitava os sentidos, estimulava os nervos, dilatava o coração e, por mais que visse, ainda queria ver mais<sup>93</sup>.

Zweig ainda vê como pontos positivos e pacíficos a ilusória democracia racial brasileira e as transições de regime relativamente pacíficas, realidade e elementos sociais inéditos para um europeu. Esse ineditismo é o que mais colabora para o otimismo do autor quanto ao Brasil.

E agora se sabe por que o indivíduo sente a alma tão aliviada logo que pisa esta terra. Primeiramente, pensa que esse efeito calmante é apenas alegria dos olhos e gozo dessa beleza sem-par que, por assim dizer, dos braços abertos chama a si o indivíduo que acaba de chegar. Mas em breve se reconhece que essa disposição harmônica da natureza aqui se transmitiu ao modo de vida de uma nação inteira. Alguém que acabou de fugir da exaltação da Europa, saúda aqui a ausência completa de qualquer odiosidade na vida pública e particular, primeiramente como coisa inverossímil e depois como imenso benefício. A terrível tensão que há um decênio repuxa os vossos nervos, aqui desaparece quase completamente; todos os antagonismos, mesmo os sociais, aqui são muitíssimo menos acentuados e não têm uma seta envenenada. Aqui a política, com todas as perfídias, ainda não é o ponto cardeal da vida privada, não é o centro de todo pensar e sentir. Logo que alguém chega a essa terra, sua primeira surpresa, que depois todos os dias felizmente se renova, é a de ver a maneira amistosa, e não fanática, pela qual os entes humanos convivem neste gigantesco território. Sem querer, respira ele de novo, sente-se bem por haver saído do ar mefítico do ódio entre raças e classes inimigas, e do se achar nesta atmosfera humana<sup>94</sup>.

O que Stephan Zweig não percebeu é o quanto de preconceito permaneceu na sua visão. O Brasil para ele ainda se assemelhava, em vários aspectos, ao dos antigos cronistas da colonização, embora os objetivos não fossem os mesmos. Os aspectos que o autor mais julga positivos – para não dizer já deslumbrantes – podem ser lidos, também, como problemas da sociedade brasileira. Ou, mesmo, como ilusões compensatórias. O tempo tornou irônico o título do ensaio de Stephan

---

<sup>92</sup> *Ibidem*, p. 4.

<sup>93</sup> *Ibid.*

<sup>94</sup> *Ibdi.*, p. 9-10.



Zweig e mostrou como era ingênua a sua visão do Brasil. Essa ingenuidade é semelhante à de Policarpo Quaresma, na defesa que a personagem faz da grandiosidade geral do seu país a partir da grandiosidade fatural de aspectos isolados.

Tinha todos os climas, todos os frutos, todos os minerais e animais úteis, as melhores terras de cultura, a gente mais valente, mais hospitaleira, mais inteligente e mais doce do mundo – o que precisava mais? Tempo e um pouco de originalidade. Portanto, dúvidas não flutuavam mais no seu espírito, mas no que se referia à originalidade dos costumes e usanças, não se tinham elas dissipado, antes se transformaram em certeza após tomar parte na folia do “Tangolomango”, numa festa que o general dera em casa<sup>95</sup>.

É importante perceber que o que destaca Policarpo Quaresma não é tanto a defesa que faz desse tipo de discurso, mas a ambição não só de vê-lo concretizado na vida real como de buscar encontrá-lo já instalado nessa mesma realidade. Daí os choques que vai tendo ao longo da narrativa. Sua atitude patriótica difere, por exemplo, da dos militares positivistas, os quais, na narrativa como na vida real, também afirmavam o discurso progressista sobre a pátria brasileira muito à revelia da realidade. A diferença reside em que o discurso positivista era reforçado e imposto autoritariamente no lugar da própria realidade, ou seja, o discurso positivista do progresso visava suplantar, à força, a própria impossibilidade de o país se concretizar enquanto nação desenvolvida, no auge do aproveitamento de suas potencialidades. Enquanto isso Policarpo, com as ilusões já amadurecidas e prestes a empurrá-lo rumo à ruína, deseja a concretização imediata desse discurso.

Para melhor se compreender o motivo disso, é preciso não esquecer que o major, depois de trinta anos de meditação patriótica, de estudos e de reflexões, chegava agora ao período de frutificação. A convicção que sempre tivera de ser o Brasil o primeiro país do mundo e o seu grande amor à pátria, eram agora ativos e impeliram-no a grandes cometimentos. Ele sentia dentro de si impulsos imperiosos de agir, de obrar e de concretizar suas ideias. Eram pequenos melhoramentos, simples retoques, porque em si mesma (era a sua opinião), a grande pátria do Cruzeiro só precisava de tempo para ser superior à Inglaterra<sup>96</sup>.

A falta de senso de Policarpo Quaresma está em ter acreditado veementemente em discursos de representação do Brasil, os quais tinham servido, durante a colonização, como propaganda para atrair para nossas terras o colono português. Mas, como no título do ensaio de Stephan Zweig, a grandeza do Brasil era empurrada continuamente num futuro que não precisava ser alcançado, mas resistia como consolo ou como capa ideológica que, numa análise mais

<sup>95</sup> BARRETO, Lima. *Triste Fim de Policarpo Quaresma*. São Paulo: Brasiliense, 1956, p. 45.

<sup>96</sup> *Ibidem*.

apurada, a qual o próprio discurso visava impedir, mais expunha do que ocultava os paradoxos da sociedade brasileira.

Confrontando-se, enfim, com a realidade, Policarpo Quaresma desmorona e passa a acreditar que o único caminho possível é a inação, o que a própria personagem revela na carta que escreve à irmã, do cárcere:

Esta vida é absurda e ilógica; eu já não tenho medo de viver, Adelaide. Tenho medo, porque não sabemos para onde vamos, o que faremos amanhã, de que maneira havemos de nos contradizer de sol a sol...

O melhor é não agir, Adelaide; e desde que o meu dever me dêstes encargos, irei viver na quietude, na quietude mais absoluta possível, para que do fundo de mim mesmo ou do mistério das cousas não provoque a minha ação o aparecimento de energias estranhas à minha vontade, que mais me façam sofrer e tirem o doce sabor de viver<sup>97</sup>.

Policarpo acaba, mesmo assim, condenado à morte por causa do seu altruísmo. Embora pregue a inação pouco antes de morrer, esta não pode mais salvá-lo. Nem ele é capaz de se omitir diante da injustiça, pois, protesta contra a morte e os maus tratos aos condenados, os derrotados da Revolta da Armada. Só então, Policarpo se dá conta dos ridículos momentos por que passou e dos erros que cometeu em vida.

Iria morrer, quem sabe se naquela noite mesmo? E que tinha êle feito de sua vida? Nada. Levava tôda ela atrás da miragem de estudar a pátria, por amá-la e querê-la muito, no intuito de contribuir para a sua felicidade e prosperidade. Gastara a sua mocidade nisso, a sua virilidade também; e, agora que estava na velhice, como ela o recompensava, como ela o premiava, como ela o condecorava? Matando-o. E o que não deixara de ver, de gozar, de fruir, na sua vida? Tudo. Não brincara, não padegara, não amara – todo êsse lado da existência que parece fugir um pouco à sua tristeza necessária, êle não vira, êle não provara, êle não experimentara.

Desde dezoito anos que o tal patriotismo lhe absorvia e por êle fizera a tolice de estudar inutilidades. Que lhe importavam os rios? Eram grandes? Pois que fossem... Em que lhe contribuira para a felicidade saber o nome dos heróis do Brasil? Em nada... O importante é que êle tivesse sido feliz. Foi? Não. Lembrou-se das suas cousas de tupi, do *folk-lore*, das suas tentativas agrícolas... Restava disso tudo em sua alma uma satisfação? Nenhuma! Nenhuma!

O tupi encontrou a incredulidade geral, o riso, a mofa, o escárnio; e levou-o à loucura. Uma decepção. E a agricultura? Nada. As terras não eram ferazes e ela não era fácil como diziam os livros. Outra decepção. E, quando o seu patriotismo se fizera combatente, o que achara? Decepções. Onde estava a doçura de nossa gente? Pois êle não a viu combater como feras? Pois não a via matar prisioneiros, inúmeros? Outra decepção. A sua vida era uma decepção, uma série, melhor, um encadeamento de decepções.

A pátria que quisera ter era um mito; era um fantasma criado por êle no silêncio do seu gabinete. Nem a física, nem a moral, nem a intelectual, nem a política que julgava

---

<sup>97</sup> *Ibid*, p. 271.

existir, havia. A que existia de fato, era a do Tenente Antonino, a do doutor Campos, a do homem do Itamarati<sup>98</sup>.

A mudança não lhe parece possível quando a realidade se torna impossível de ignorar. A opção de Policarpo, então, também é criticável, principalmente pela desistência. Não se pode ignorar, é claro, todos os sofrimentos por que passou a personagem. Mais uma vez em semelhança ao Dom Quixote, Policarpo se arrepende das suas leituras. A ocasião da morte das duas personagens é bem diversa. Enquanto Dom Quixote, assumindo-se agora inimigo de Amadis de Gaula e não mais o Cavaleiro da Triste Figura, mas antes o humilde e medíocre Alonso Quijano, perece por doença, Policarpo será dramaticamente fuzilado sem que seus amigos consigam evitar a sua execução. Mas o modo como se expressa a decepção com os caminhos tomados se assemelha muito ao da personagem de Cervantes:

Dadme albricias, buenos señores, de que ya yo no soy don Quijote de la Mancha, sino Alonso Quijano, a quien mis costumbres me dieron renombre de “bueno”. Ya soy enemigo de Amadís de Gaula y de toda la infinita caterva de su linaje; ya me son odiosas todas las historias profanas de andante caballería; ya conozco mi necedad y el peligro en que me pusieron haberlas leído; ya, por misericordia de Dios escarmentando en cabeza própria, las abomino<sup>99</sup>.

A decepção generalizada de Policarpo Quaresma, a qual o conduz à inação, se aproxima à de Isaías Caminha. A incapacidade de ação por parte do cidadão brasileiro é um tema recorrente na obra de Lima Barreto, mas, é possível que os dois romances sejam aqueles em que esse aspecto mais se encontra presente. Isaías Caminha e Policarpo Quaresma são pares mínimos: ambos partem de conceitos intelectuais desligados da realidade – mas com objetivos diversos: Isaías Caminha é, sem ser perverso, egoísta, enquanto Policarpo Quaresma é desprendido – e têm o mesmo destino de desilusão, mais trágico no segundo caso. As duas personagens são bastante diferentes, sobretudo nos seus objetivos e no fim que acabam tendo, mas as premissas de que partem e as conclusões a que chegam são bastante semelhantes.

À personagem Isaías Caminha em nenhum momento se chega a atribuir a loucura, mas, assim como Policarpo Quaresma, o que o move é a crença no poder redentor do intelecto. A grande diferença reside no maior egoísmo de Isaías Caminha, ainda que não chegue a redundar em mau-caratismo da parte deste. Seja como for, Isaías, desde o princípio, ambiciona galgar

<sup>98</sup> *Ibid*, p. 284-285.

<sup>99</sup> CERVANTES, *op. cit.*, p. 1100-1101.

posições sociais através do favor, elemento da estrutura social do Brasil não só estranho à ideologia inicial de Policarpo Quaresma, embora convivesse com ele de perto, quanto impossível de ser praticado por ele. O conflito de Isaías começa quando ele depara com interdições, ou seja, quando o próprio acesso ao favor não parece mais tão fácil quanto no início.

Segundo boa parte da crítica especializada, em *Triste fim de Policarpo Quaresma*, “embora Lima Barreto tenha se esquivado do tom confessional”, geralmente atribuído às *Recordações do escrivão Isaías Caminha*, “não eliminou o espírito de desabafo pessoal”<sup>100</sup>. Mas ainda há outras semelhanças entre os dois romances: são, ao mesmo tempo, alegóricos, mas têm incorporadas, na narrativa, aspectos bastante específicos da realidade: nas *Recordações do escrivão Isaías Caminha*, uma crítica social que se assemelha à crônica e torna o romance acidentado e fragmentário; no *Triste fim de Policarpo Quaresma* a presidência de Floriano Peixoto, duramente incorporado na narrativa. A segunda narrativa gira mais concentradamente ao redor de um eixo central, embora o romance não trate apenas da vida do major Quaresma, mas, nesse aspecto, chega a ser bem organizada o bastante para suportar uma trama paralela, como acontece com as histórias de casamento. A necessidade da crítica social, porém, ainda leva o autor a praticamente incorporar crônicas na narrativa.

O mais importante, porém, o maior traço de união entre as duas obras, está no insulamento das personagens. Segundo Osman Lins, à semelhança do que ocorre em *Recordações do escrivão Isaías Caminha*, em *Triste fim de Policarpo Quaresma* se repete “o fenômeno já registrado no primeiro romance, onde as personagens se encontram e separam-se sem que nenhuma delas aparente sofrer qualquer mudança”. Para Osman Lins, *Triste Fim de Policarpo Quaresma* retoma a temática, revisando-a:

[...] variação notável do tema que vamos procurando delimitar e identificar, Policarpo Quaresma “sentia dentro de si impulsos imperiosos de agir”; num esforço que contraria o seu modo de ser, ele vai experimentar romper o isolamento e atuar sobre o meio. [...] A ingênua tentativa de Policarpo Quaresma expressaria apenas uma reação à estrutura da obra de estréia, e, conseqüentemente, uma mudança radical na visão do romancista, se não viesse a configurar-se como uma infração. A incursão do herói no mundo da influência, mundo onde se procura atuar sobre indivíduos ou grupos, seu inofensivo e tímido ensaio no sentido de romper o alvéolo, deflagra uma pressão tão impiedosa e generalizada que o leva ao hospício<sup>101</sup>.

<sup>100</sup> GERMANO, *op. cit.*, p. 24.

<sup>101</sup> LINS, Osman. *Lima Barreto e o espaço romanesco*. São Paulo: Ática, 1976, p. 38.

Ainda para esse crítico, as personagens são isoladas entre si, no sentido de não conseguirem mudar os destinos uns dos outros. Um bom exemplo disso é a relação de Olga e Policarpo, afilhada e padrinho. Pois nem Policarpo consegue intervir para que ela não se case contra a vontade (e a própria Olga se mostra conformada quanto a isso) nem Olga consegue evitar que Policarpo seja massacrado.

Nesse sentido, reencontra-se a loucura atribuída a Policarpo para se ver com outros olhos, ou mesmo para chegar a um paradoxo sobre a situação social espelhada ficcionalmente por Lima Barreto. A normalidade, no caso, é a aceitação da realidade tal qual ela é, como acontece com Olga, mesmo ela tendo certo espírito crítico. Pensa-se se a única forma de ação estaria no devaneio, como no caso de Policarpo, e na incapacidade de ver a realidade em si. Policarpo, porém, não se pode dizer que se revolte: defrontado com a realidade, ele a aceita, embora triste, e descobre a inação como princípio ordenador do mundo. Embora tarde demais, no caso dele.

## **2.2. Lima Barreto e o patriotismo**

Não foi sem pretensão que Lima Barreto compôs uma narrativa na qual o ideal de Pátria ultrapassa o caráter coadjuvante e se aproxima do protagonista com igual relevância. Também não foi por acaso que o escritor pincelou com ironia e sarcasmo as ações do Major Quaresma, reforçadas por um idealismo que chega ao absurdo, culminando com um fim tragicômico. O romance todo é uma metáfora irônica ao patriotismo, apesar da simpatia que pode despertar seu ingênuo herói. Também em outras situações pode-se constatar no homem Lima Barreto a aversão à ideia de Pátria e ao ufanismo que se desenvolveu no Brasil nos primeiros anos do republicanismo.

Nas várias crônicas e artigos que escreveu para a imprensa da época, bem como em sua correspondência, encontram-se críticas severas a todo e qualquer assunto ligado ao Patriotismo, como Nacionalismo, Militarismo, Ufanismo, etc. Ligado aos ideais libertários e, de certa forma, contra os ideais positivistas presentes na vida política brasileira, Lima Barreto não poupou esforços no sentido de engrossar as fileiras do antipatriotismo presente na imprensa libertária.

Segundo Francisco de Assis Barbosa, Lima Barreto, mesmo antes de ingressar na Escola Politécnica, quando ainda estava nos preparatórios no colégio Paula Freitas, já tinha contato com as ideias positivistas, empreendendo discussões sobre o assunto com um de seus colegas, Carlos Costa, que se dizia positivista. Chegou, inclusive, a participar dos cultos da Igreja Positivista, juntamente com alguns amigos, como descreve o biógrafo:

Bem outra seria a atitude de Lima Barreto, em face do positivismo. No Paula Freitas, já vimos como discutia com o colega Carlos Costa, rebatendo os argumentos do jovem iniciado na filosofia comtista. Fora do colégio, de quando em quando, se ia assistir ao culto na igreja da Rua Benjamin Constant, em companhia de amigos, era por simples desfastio ou curiosidade de adolescente letrado. Na verdade, achava tudo aquilo sumamente ridículo<sup>102</sup>.

Esses contatos esporádicos com o Positivismo, durante sua juventude, proporcionaram a Lima Barreto a oportunidade de conhecer na prática a sua evolução no Brasil e suas relações com o patriotismo. Embora não partilhasse das ideias expostas pelo apostolado, foi frequentando suas reuniões que teve contato com outras leituras e teóricos, como René Descartes. Ele mesmo o afirma em um de seus depoimentos encontrados em *O Cemitério dos vivos*:

A minha passagem pelo positivismo foi breve e ligeira. Frequentei o apostolado cerca de um ano; mas, apesar de me ter convencido de muita cousa da escola, eu, até hoje, nunca pude acreditar que aquele conjunto de doutrinas, capazes de falar e seduzir inteligências, fosse capaz de arrebatrar corações com o ardor e o fogo de uma fé religiosa. Deu-me, entretanto, a frequencia daquela curiosa igreja, o gosto pelas leituras de autores antigos, dos mestres que todos nós, em geral, só conhecemos de nome ou por citações de citações. Lembro-me bem que lá adquiri uma brochura do *Discours de la Méthode*, de Descartes, em tradução. Lia-a com atenção, sem fadiga, antes com prazer. O que me encantou no livrinho do filósofo francês foi preconizar ele a dúvida metódica, senão sistemática, a tábuza raza preliminar, para se chegar à certeza. Quando, mais tarde, pude ler, nos resumos, as suas *Meditações Metafísicas*, a minha admiração cresceu ainda muito, aumentou sobremaneira, não tanto que o seguisse tão rápido quanto ele, dá análise e da crítica, à construção final... Demorava-me na análise...<sup>103</sup>.

Sua passagem pelo apostolado, então, não foi de todo inútil; se não aderiu as suas ideias, pelo menos adquiriu conhecimento suficiente para, num futuro bem próximo, se posicionar contra seus fundamentos em relação ao patriotismo e à filosofia comtiana; suas ressalvas em relação a ambos encontram-se espalhadas por toda a sua obra: crônica, correspondência, memórias e ficção.

<sup>102</sup> BARBOSA, Francisco de Assis. *A vida de Lima Barreto*. 9.ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2003, p. 89.

<sup>103</sup> BARRETO, Lima. *O Cemitério dos vivos*. In: *Obra completa*. São Paulo: Brasiliense, 1956, p. 132.

Os militares foram os maiores e mais numerosos adeptos do positivismo, daí terem sido esses primeiros severamente criticados pelo escritor carioca, que estava ciente da aliança entre os dois setores, militar e ideológico, como se vê em *Triste Fim de Policarpo Quaresma*:

Eram os adeptos dêsse nefasto e hipócrita positivismo, um pedantismo tirânico, limitado e estreito, que justificava tôdas as violências, todos os assassínios, tôdas as ferocidades em nome da manutenção da ordem, condição necessária, lá diz êle, ao progresso e também ao advento do regímen normal, com fanhosas músicas de cornetins e versos detestáveis, o paraíso enfim, com inscrições em escritura fonética e eleitos calçados com sapatos de sola de borracha!...

Os positivistas discutiam e citavam teoremas de mecânica para justificar as suas ideias de governo, em tudo semelhantes aos canatos e emirados orientais.

A matemática do positivismo foi sempre um puro falatório que, naqueles tempos, amedrontava tôda a gente. Havia mesmo quem estivesse convencido de que a matemática tinha sido feita e criada para o positivismo, como se a Bíblia tivesse sido criada unicamente para a Igreja Católica e não também para a Anglicana. O prestígio dêle era, portanto, enorme<sup>104</sup>.

As discussões que se desenvolveram no Brasil a respeito de Pátria e patriotismo podem coincidir com o advento da República, mas é certo que, por todo o século XIX já era lugar comum se abordar o assunto. Portanto, a ideia de Pátria, como é entendida hoje, está diretamente ligada ao termo nacionalismo, e ambos se tornaram frequentes no vocabulário dos teóricos da ciência política, notadamente a partir do século XIX. Foi nesse período também que começaram a se embrionar aqueles que se tornaram os grandes estados totalitários do século XX.

Embora não seja possível o estabelecimento de critérios nitidamente objetivos para se chegar a um conceito absoluto de nação e o que a diferencia de outras entidades ou agrupamentos humanos, é certo que o século XIX comporta mais respostas do que questionamentos para esse assunto. O conceito é, portanto, construído de subjetivismos que nem sempre são totalmente convincentes.

1870 é uma data atraente e pode-se até arriscar, sem grandes possibilidades de equívocos, em dizê-la um divisor de águas sobre a prática do nacionalismo. Historicamente, esse ano coloca o mundo diante de um acontecimento ímpar: a Guerra Franco-Prussiana, da qual nasceu o estado alemão, território até então, formado pelos Estados da Confederação Germânica. O episódio marca, portanto, a origem do Estado Nacional Alemão, com todas as características reivindicadas pelo termo nacionalismo, que se definiu do final do século XIX para a primeira metade do século

<sup>104</sup> BARRETO, Lima. *Triste fim de Policarpo Quaresma*, *op. cit.*, p. 192-193.

XX, com seus critérios étnicos e linguísticos, o estabelecimento de fronteiras políticas e geográficas, laços culturais bem definidos e tradição literária estabelecida.

Alguns desses critérios, principalmente os de tendências étnicas, se fortaleceram bastante no século XIX reforçados pelo pensamento de Darwin. Aqueles que desejavam uma segregação racial em extensão mundial não poupavam esforços e foram bastante habilidosos em adequar as ideias do naturalista inglês aos seus interesses próprios; e não tardaram a estabelecer uma relação bastante íntima entre nação e raça, nacional e racial.

Em um dos estudos mais bem elaborados sobre o tema, Hobsbawm dá uma ideia geral dessa relação nacional-racial, que foi uma das bases mais resistentes e importantes da campanha nazista que deu origem do Terceiro Reich. No fragmento abaixo, informa o historiador inglês:

[...] o nacionalismo étnico recebeu reforços enormes; em termos práticos através da crescente e maciça migração geográfica; na teoria, pela transformação da “raça” em conceito central das ciências sociais do século XIX. Por um lado, a velha e estabelecida divisão da humanidade em algumas poucas “raças” que se diferenciavam pela cor da pele passou a ser elaborada agora em um conjunto de diferenciações “raciais” que separavam pessoas que tinham aproximadamente a mesma pele clara, como “arianos” e “semitas” ou, entre os “arianos”, os nórdicos, os alpinos e os mediterrâneos. Por outro lado, o evolucionismo darwinista, suplementado pelo que seria depois conhecido como genética, alimentou o racismo com aquilo que parecia ser um conjunto poderoso de razões “científicas” para afastar ou mesmo, como aconteceu de fato, expulsar e assassinar estranhos<sup>105</sup>.

Essa ideia de diferenciação racial defendida por alguns pensadores e que compõe os pressupostos do nacionalismo teve também seus detratores. Se, de um lado, havia entre os intelectuais aqueles que acreditavam numa raça superior e que por isso deveriam se impor em relação às demais, e seguindo esse mesmo raciocínio, nações consideradas mais evoluídas deveriam comandar as menos evoluídas, havia também um número considerável de homens sensíveis lutando contra toda e qualquer forma de dominação de uns sobre outros seres humanos, como os pensadores socialistas e anarquistas, os quais propunham não várias pátrias isoladas, individuais, mas um mundo onde todos pudessem se sentir igualmente cidadãos e irmãos. É a ideia do universal para garantir o bem individual, como deixa claro Bakunin no *Catecismo Revolucionário* (1870):

---

<sup>105</sup> HOBBSAWM, Eric J. *Nações e nacionalismo – desde 1780*. 5.ed. Tradução de Ana Célia Paoli e Anna Maria Quirino. São Paulo: Paz e Terra, 2008, p.131.



I. Cada país, cada nação, cada povo, pequenos ou grandes, fracos ou fortes, cada região, cada província, cada comuna tem o direito absoluto de dispor de seu destino, determinar sua própria existência, escolher suas alianças, unir-se e separar-se segundo suas vontades e necessidades, sem qualquer consideração pelos pretensos direitos históricos e pelas necessidades políticas, comerciais ou estratégicas dos Estados. – A união das partes num todo, para ser verdadeira, fecunda e forte, deve ser absolutamente livre. Deve unicamente resultar das necessidades locais internas da atração mútua das partes – atração e necessidades das quais só as partes são juízes<sup>106</sup>.

O anarquista russo só endossa a ideia de nação caso ela venha fortalecer e enaltecer o indivíduo; o nacionalismo, assim, só tem sentido quando acompanhado de total liberdade daqueles que unidos em benefício de cada um, garanta seus direitos e privilégios.

Como muitos se deram ao trabalho de fazer a defesa da soberania do indivíduo, independente de sua raça ou origem, na Europa e na Rússia, também no Brasil houve alguns com essa preocupação, como é o caso de Lima Barreto. Este era contra qualquer instituição ou ação que pudesse comprometer a liberdade, fosse ela política, social ou de cunho artístico. E não é somente em *Triste Fim de Policarpo Quaresma* que aparecem os problemas pertinentes à Pátria e às questões que envolvem o nacionalismo. Lima Barreto considerava-se um cidadão do mundo, pois quando se referia a questões polêmicas não se limitava a apontar o brasileiro ou o carioca e seu conviva, mas o homem do mundo.

Ao ingressar na Politécnica, apoiado em um grupo seleta de amigos, começou a amadurecer suas opiniões que envolviam questões de Patriotismo e Nacionalismo. Embora reservado, passou a compor os quadros da Federação de Estudantes dessa instituição e só se desligou por discordar de alguns membros claramente favoráveis ao serviço militar obrigatório, que considerava absurdo, como se vê na crônica abaixo, “A minha Alemanha”\*, publicada no *A.B.C.* em 20 de setembro de 1919:

Não houve homem que mais odiasse o espírito da Alemanha, isto é, da Prússia militar e da Baviera soldado, do que eu.

Pus-me à frente de todos os movimentos, com o meu nome humilde, mas honesto, contra tudo que foi guerra contra a Alemanha. Quis mesmo ir além; mas certos deveres de família a que eu deveria ceder me obrigaram a ficar.

Hoje, a Alemanha estrangulada, amarrada, esbodegada, eu a amo. Eu a amo, porque ela é pátria do sonho, da bondade e do amor.

---

<sup>106</sup> BAKHUNIN, Mikhail. *Catecismo revolucionário* – Programa da Sociedade da Revolução Internacional. Tradução de Plínio Augusto Coelho. São Paulo: Editora Imaginário, 2009.

Eu a amo, porque ela não pode ser militar; ela é o gênero humano e o gênero humano não é militar. O gênero humano é amor de um pelos outros, sejam de que raça forem; e a Alemanha foi quem fez praça disso, apesar de tudo.

O que ela queria era domínio político; mas isso não é mais do nosso tempo.

A Alemanha, pelo seu pensamento e pelo grande amor por toda a humanidade, está destinada a dirigir esta própria humanidade, mas sem força nem chicote.

Uns gritadores por aqui levam a berrar contra os alemães de Santa Catarina. Pois olhem eles: eu sou mulato, tenho três gerações de homens nascidos no Brasil; eu amo semelhantes alemães.

A verdade é que a farinha de mandioca que comemos, herança ainda dos índios, é fabricada por esses alemães.

O Brasil tem quase nove milhões de quilômetros quadrados, e não pode ficar entregue a 25 milhões de homens. O Brasil é de todo o mundo. O que é preciso é que nós nos entendamos, com a boa vontade de homens.

Alemães, negros, caboclos, italianos, portugueses, gregos e vagabundos, nós todos somos homens e nos devemos entender na vasta e ampla terra do Brasil.

Não sou nacionalista<sup>107</sup>.

Além da questão militar, o articulista expõe sua loquaz crítica e indignação a toda e qualquer ideologia que possa segregar os seres humanos, como as diferenças étnicas, políticas e culturais. A união, também, deveria se consolidar sem uso da força, de qualquer espécie. Essa crônica é um dos relatos mais abrangentes que Lima Barreto compôs para expressar seus sentimentos e sua opinião sobre Patriotismo e Nacionalismo. Pode-se perceber também que seus golpes são desferidos não contra a nação alemã em si, mas contra suas atitudes imbuídas de espírito militar, como a Prússia e a Baviera, duas das várias regiões que formavam a Confederação Germânica, transformada na Alemanha após a Guerra Franco-Prussiana. A defesa que Lima Barreto empreende a favor da Alemanha se justifica por ter sido essa nação sancionada de forma exacerbada pelos tratados de paz assinados após a Primeira Guerra Mundial. Ele não poderia prever que tal nação se tornaria, num futuro bem próximo, o maior exemplo de Estado totalitário até a Segunda Guerra Mundial, levando ao extremo as suas ideias racistas e nacionalistas, a ponto de realizar o maior genocídio da História. Afinal de contas, Lima Barreto não era nacionalista.

Em outro momento, tem-se o mesmo tema exposto de forma diferente, ou seja, nota-se um ar de ironia nas palavras do articulista, quando faz menção sobre a atitude do governo em promover a defesa da Pátria. Publicada em 21 de agosto de 1915, na revista *Careta*, no Rio de Janeiro, diz a crônica, “Defesa da Pátria”:

---

<sup>107</sup> Esta crônica permaneceu inédita até 2004, quando saiu em livro juntamente com as demais crônicas do escritor. (Ver em: BARRETO, Lima. *Toda crônica*: Lima Barreto. Organização de Rachel Valença. Rio de Janeiro: Agir, 2004, v. II, p.19.)

O govêrno, o sábio govêrno, tendo em vista que a Pátria, o solo sagrado da Pátria, o chão onde estão os ossos dos nossos avós, precisa de defesa eficiente contra os inimigos prováveis, resolveu muito acertadamente criar linhas de tiro, onde os jovens, nas horas de lazer, se exercitassem de modo cabal no manejo das armas de guerra, formando assim economicamente uma reserva do Exército, aguerrida e hábil<sup>108</sup>.

O final da crônica é todo ironia e sarcasmo. Na conclusão tem-se até um ar de zombaria a respeito do serviço militar, cujo principal objetivo é garantir a ordem e a segurança dos oficiais que devem defender a Pátria. Na narrativa, a personagem que se diz preocupada com a segurança da nação, acaba por convidar um dos aspirantes a defensor, a fazer sua defesa particular. Dessa forma ele defenderia a Pátria.

Em outra crônica, publicada no Rio de Janeiro, no *Correio da Noite*, em 21 de dezembro de 1914, Lima Barreto, além do Patriotismo, também destaca temas que lhes são diretamente ligados, e que são frutos das ideias dos naturalistas como Lamark, um dos precursores de Charles Darwin nas pesquisas sobre a evolução das espécies:

Nota-se, de uns tempos a esta parte, graças à crítica histórica, difundida por todas as formas e meios, que o patriotismo é um sentimento que vai morrendo, e, se ainda é mantido e cultuado, em certas partes do mundo, é devido unicamente à necessidade de defesa contra a vizinhança de países arrogantes, em que os charlatães do Estado, em nome da pátria e de estúpida teoria de raças, instilaram na massa ignara das populações sentimentos guerreiros de agressão contra os quais nos devemos precaver, como se de cães danados fossem.

A pátria é uma ideia religiosa e de religião que morreu, desde muito. Ela nasceu da crença de que os nossos mortos continuavam vivos de certa forma, nos lugares em que habitaram, e precisavam de que os alimentássemos e lhes fizéssemos sacrifícios expiatórios para que não perturbassem os nosso trabalhos vivos.

Quanto à raça, os repetidores das estúpidas teorias alemãs são completamente destituídos das mais elementares noções da ciência, senão saberiam perfeitamente que a raça é uma abstração, uma criação lógica, cujo fim é fazer o inventário da natureza viva, dos homens, dos animais, das plantas e que, saindo do campo da história natural, não tem mais razão de ser.

Lamarck, que entendi muito bem dessas coisas, e não tratou nunca de vender a sua *camelote*, diz, na sua *Filosofia Zoológica*, que a natureza não formou realmente nem classes, nem ordens, nem espécies constantes, mas unicamente indivíduos, que se sucedem uns aos outros, e que assemelham àqueles que o têm produzido.

Essas duas ideias não podem, pois, de modo algum, justificar a existência do Deus-Pátria, que, como todos os deuses, vai morrendo lenta e mansamente, de uma morte sem dor nem agonia<sup>109</sup>.

<sup>108</sup> BARRETO, Lima. Coisas do Reino do Jambon: crítica. In: *Obra completa*. São Paulo: Brasiliense, 1956, p. 31.

<sup>109</sup> *Ibidem*, p. 75.

Nota-se aqui, com destaque para o primeiro parágrafo, a visão atualizada do escritor quanto à crítica histórica. Apesar de no início do século XX, o pensamento de muitos ainda estivesse plasmado pelas teorias evolucionistas, Lima Barreto não ficou preso aos seus preceitos, talvez porque se considerasse vítima do preconceito racial e desafortunado por isso. O certo é que seu juízo não era formado aleatoriamente, pois, como se vê acima, tinha um poder de articular as ideias, denotando conhecimento profundo sobre os teóricos e suas obras, fazendo, sempre que necessário, citações e referências, conforme citado acima.

É provável que essas polêmicas tenham chegado às mãos de Lima Barreto, uma vez que sempre que podia comprava livros e periódicos impressos na Europa e, quando não, pegava os livros emprestados com os amigos. Daí o tema recorrente do Patriotismo e das ideias que lhe são acessórias, como os debates sobre a superioridade e inferioridade das raças, o nacionalismo e o militarismo. Pode-se ainda elencar algumas crônicas que trataram o assunto com mais expressividade: “Meia página do Renan”, publicada na *Revista Contemporânea*, em 03 de julho de 1919; “Após a Guerra”, publicada no *A.B.C.*, em dezembro de 1919; “A Missão dos Utopistas”, publicada em *A Notícia*, em 06 de julho de 1919; “As Lições da Grande Guerra”, publicada no *Hoje*, em 03 de julho de 1919; “A Guerra Faliu”, publicada no (a) *Argos*, em 01 de maio de 1919; “Sobre Guerra”, publicada no *Correio da Noite*, em 19 de dezembro de 1919; “Memórias da Guerra”, publicada em 17 de abril de 1920<sup>110</sup>. Essas crônicas são as que estão diretamente ligadas ao Patriotismo. No entanto, pode-se asseverar que há um número maior, pronunciando-se sobre o assunto de forma mais discreta, porque produzidas num momento anterior, quando o escritor ainda não tinha amadurecido totalmente seus pensamentos sobre o tema.

Conclui-se, então, que no intervalo de 1919 a 1922, é que sua participação na Imprensa se estabelece de forma mais assídua. Essa sua grande produção coincide com um período de considerável crescimento no movimento operário, com a criação de alguns órgãos anarquistas, de greves de grandes repercussões, enfim, de reais conquistas das classes trabalhistas, principalmente no que diz respeito à jornada de trabalho.

---

<sup>110</sup> Segundo Beatriz Resende e Raquel Valença, não foi possível localizar o veículo de publicação dessa crônica, mas, é, provável, ainda segundo elas, que tenha aparecido no *A.B.C.*, pois este era o periódico no qual Lima Barreto mais publicava e fazia críticas ao *Correio da Manhã*.

A imprensa, nesse período, também, não ficou afastada dos fatos que faziam notícias na Europa, como a Grande Guerra e suas consequências. Aliás, foram várias as vezes que Lima Barreto se expressou sobre os inconvenientes do conflito, como a seguir: “A orgia militar, a que a Alemanha desde muito se vinha entregando, tirava o sono ao mundo, era o seu constante pesadelo”<sup>111</sup>. Foi o que disse certa vez a respeito das atitudes dos germânicos em supervalorizar o serviço militar, em vez de se voltarem para outros problemas urgentes, uma vez que só se preocupavam em dominar o mundo.

A guerra se tornou assunto corriqueiro entre os vários que eram relatados e estudados por Lima Barreto. Suas análises iam desde pequenas e aparentemente insignificantes impressões como o simples fato de se posicionar contra, usando palavras corriqueiras, até discussões mais acirradas ou compostas com laivos de lirismo, chegando a constar num mesmo artigo, além dessas características já citadas, termos bastante técnicos e dotados de cientificismo, como constata-se nos fragmentos a seguir, retirados de “Após a Guerra”:

Decididamente os homens não tomam juízo e mesmo a Morte, que dever ser a soberana mestra de todos nós, é impotente para nos pôr na cachola um pouco de bom-senso elementar.

Há um ano que as hostilidades entre povos e diversos feitios e estágios de civilização foram suspensas, após uma carnificina nunca vista nos anais da história escrita.

[...]

O espetáculo após a guerra é de uma tristeza sem limites. Não é daquela grandiosa tristeza do Oceano que nos leva a grandes pensamentos; é o de uma tristeza que nos arrasta a pensar na imensa maldade da espécie humana.

[...]

Não são só os engenhos de guerra antigos que são imitados e amplificados de poder com as conquistas da indústria moderna. Com os *tanks* eles imitam os famosos carros de guerra da antiguidade e do medievo, mas com as tais trincheiras-valas é em Políbio que vão buscar inspiração<sup>112</sup>.

E ainda usa o espaço dessa crônica para expor, mais uma vez, sua ojeriza ao Patriotismo desmedido, porque sedutor de homens que chegam a dar a vida por tal ideal, alienante e sem escrúpulos.

Como acabará tudo isto? Onde iremos para com essa nossa megalomania militar e patriótica? Que sairá desse delírio de grandezas dos nosso dirigentes, exaltando a simplicidade das massas nesse fervor pela pátria política, cousa obsoleta na Europa e sem motivo de ser aqui, entre nós?

<sup>111</sup> BARRETO, Lima. Marginália: crítica. In: *Obra completa*. São Paulo: Brasiliense, 1956, p. 46.

<sup>112</sup> BARRETO, Lima. Bagatelas: crítica. In: *Obra completa*. São Paulo: Brasiliense, 1956, p. 285-286.

Eu não digo nada, pois sou doido; mas, aparece-me, que os cadáveres dos milhares de alemães que morreram na guerra, não foram sepultados. Estão se decompondo ao ar livre e infeccionando a Terra tôda, com os ideais que tinham, quando vivos, de violência, de brutalidade, de carnagem, em nome da Pátria, pelos quais morreram...<sup>113</sup>.

Essa crônica, no seu todo, mostra a fluência do escritor no trato com o texto e com o assunto, ou seja, a guerra; esta, veterana na imprensa mundial e por isso alvo de observações de todo cidadão intelectual ou não, mas que se preocupavam com o futuro da humanidade.

Por saber terminada a Primeira Guerra Mundial e unirem-se as nações vencedoras para assinar tratados de paz, o escrito carioca percebeu que as arbitrariedades de tais tratados levariam às guerras futuras. Isso era perfeitamente observável por parte de espíritos mais pertinazes. A guerra, embora na visão de alguns seja necessária para se garantir a paz futura, sempre foi encarada por Lima Barreto como algo abominável, porque pautada principalmente nos extremos do Patriotismo e do racismo. Qualquer conflito de âmbito mundial, nos seus mais variados aspectos, nesse período, trazia, subjacente, a ideia de superioridade de raça e de auto-afirmação de uma nação sobre outra. Por isso, a guerra sempre resultou inútil e abria precedentes para novos conflitos, conforme o pensamento do escritor:

Graças a Deus, depois não sei de quantas peripécias de várias ordens, fazendo trabalhar o telégrafo e as gazetas, durante mais de seis meses, a paz foi assinada entre os beligerantes que levaram cinco anos a bombardear-se mutuamente, para, afinal, nada resolverem ou, antes, resolverem um tratado de paz, cujas condições e cláusulas trazem no bôjo outras guerras futuras<sup>114</sup>.

Além de consistir uma ação inútil e comprometedora das relações de paz entre os homens, era também encarada por ele como um ato que se contrapõe à natureza humana, à sua essência. Mesmo que a humanidade tenha presenciado, ao longo da história, uma leva de eventos beligerantes, o homem sempre busca a paz; é o seu objetivo final. O seu destino sempre vai de encontro à harmonia mundial. Essa é a natureza humana, pois, “a guerra tem sido até agora, ou foi, um dos *processus*, como dizem os filósofos, da evolução civilizadora e um estímulo para a atividade humana no nosso globo; mas, não é o destino da espécie. O seu destino, repito, é a paz”<sup>115</sup>.

---

<sup>113</sup> *Ibidem*, p. 288.

<sup>114</sup> *Ibid*, p. 249.

<sup>115</sup> *Ibid*.

Por mais que o homem, devido às imposições do meio, desenvolva um desejo de poder, o autor do *Triste Fim de Policarpo Quaresma* sempre tentou colocar em evidência seu caráter de solidariedade e de cooperação. Certamente encontrou no anarquista russo Piotr Kropotkin, a base para esse raciocínio; não é por acaso que faz menção a uma de suas principais obras: *Ajuda Mútua*, a qual se refere como excepcional:

É o que Kropótkine, no seu excepcional livro *L'Entr'aide*, com uma abundância de argumentos, de “exemplos” e “observações”, tirados da história e da natureza, demonstra com uma fôrça igual à empregada por Darwin, nas *Origens das Espécies*, para elucidar a tese da luta<sup>116</sup>.

Tem-se então, que Lima Barreto, ao comungar do pensamento de Kropotkin, sobretudo no que concerne às imposições do meio sobre o comportamento humano e sua sorte, defende que as diferenças encontradas entre os homens em sociedade, são criadas pela ação exploradora destes e seu desejo de poder, e não pela natureza. Não há comprovações científicas que atestem o impacto do meio sobre o caráter, ou sobre a capacidade intelectual para a criação artística.

Em “As Lições da Grande Guerra”, crônica que faz referência a Renan e Taine, Lima Barreto desenvolve uma discussão em torno da Grande Guerra e do patriotismo a partir das considerações desses dois pensadores. Ele reafirma o pressuposto segundo o qual o conflito só contribuía para outros no futuro, e a paz assinada em Versalhes apenas endossava as antigas ideias que levaram à Segunda Guerra Mundial, ou seja, a insistente mania que algumas nações poderosas tinham de querer se impor em relação às demais, alegando superioridade e que, por isso, deveriam levar seus benefícios ao resto do mundo.

Essa Conferência da Paz, em Versalhes e a paz que dela sair, não resolvem coisa alguma, porque lá nada é feito de boa fé e num sentido largo e humano, de acôrdo com as grandes aspirações do nosso tempo, que não quer mais resolver o monturo do passado e a podridão das finanças, sendo, por isso, uma paz precária, acabando por se dar aquilo que o grande histologista espanhol Ramon y Cajal, citado por Gustave Le Bon, disse: “os vencidos terão apenas como fito imitar os métodos dos vencedores e experimentar vencer por seu turno. Quando os órfãos de hoje atingirem á maioria, a terrível chacina recomeçará”<sup>117</sup>.

Nessa crônica, Lima Barreto justifica sua descrença no estabelecimento da paz prometida pelos acordos que, teoricamente, tinham aquele objetivo. Isso, porque, segundo seu raciocínio,

---

<sup>116</sup> *Ibid.*, p.251.

<sup>117</sup> *Ibid.*, p. 261.

todas as decisões tomadas na Conferência não representavam uma unanimidade; ao contrário, as nações subjogadas iriam precisar apenas de tempo para iniciar sua revanche contra as injustiças que se encontravam nos acordos de paz, até mesmo porque após o conflito os blocos de poder continuaram existindo e até se fortaleceram.

Ao chamar a atenção do leitor para a certeza de um futuro conflito, o articulista usa o termo “órfãos” para se referir às nações que certamente poderiam se levantar contra as arbitrariedades das grandes potências, fortalecidas com os espólios da guerra recém-extinta. Os governos, isolados no seu nacionalismo e no seu patriotismo, são incapazes de promover a paz; essa atitude é incompatível com sua natureza; “os sábios e pensadores só acreditam em paz durável, se ela fôr feita, não pelos governos, mas pelos povos”<sup>118</sup>.

Em “Meia página de Renan”, além dos episódios da Grande Guerra em si, o escritor envereda por outros termos ligados ao nacionalismo, como o Patriotismo que, uma vez levado ao extremo pode se constituir numa ideia tão inebriante, que é capaz de turvar as mentes mais saudáveis e imparciais, a ponto de pensadores como Taine e Renan comprometerem suas obras, adornando-as com argumentos ufanistas e de defesa da superioridade das raças ou povos, como se vê nesse trecho da crônica acima referida:

A sua obra (de Taine) que devia ressumar a imparcialidade do grande historiador que êle era, do grande sábio que foi, do grande artista que é, ficou assim tisonada de uma paixão mesquinha, a que só se pode atribuir à dor de ver sua pátria derrotada e humilhada, culpando disso o grande movimento revolucionário dos fins do século. Com Renan devia ter-se dado a mesma coisa: e até o título da obra de que esta revista deu a tradução de alguns trechos, indica isso. O autor do *Marc-Aurèle*, que, como eu, adorava em Minerva, Nossa Senhora da Glória, afirma que uma raça de dominadores e soldados, como é a européia – não pode suportar o trabalho manual da terra<sup>119</sup>.

Observa-se nas várias referências retiradas de suas crônicas e do romance *Triste Fim de Policarpo Quaresma*, bem como de suas análises, que Lima Barreto não escapa de seu passado recente; pelo contrário, esse passado está entranhado em suas narrativas, sendo indispensável para sua construção. Se esses elementos obtidos da realidade saírem de seu contexto estrutural sobrar uma lacuna a ponto de comprometer seu estilo. Esses elementos já fazem parte de seu universo ficcional desde o início de sua atuação como escritor. Os elementos da realidade

---

<sup>118</sup> *Ibid.*, p. 262.

<sup>119</sup> *Ibid.*, p. 256.



encontraram na obra de Lima Barreto uma forma de se perenizar, o que se contrapõe à ideia de se considerar a obra menos valorosa por conter esses elementos. Suas obras têm sobrevivido, também, graças a críticas negativas, porque foi a partir delas que alguns teóricos passaram a deitar um olhar menos preconceituoso e lhe fazer justiça.

Há em sua obra uma franqueza em estado bruto, um livre-pensar generalizado, evidente principalmente nas crônicas e artigos de jornal. Essa tônica que enfatiza objetividade e espelha bem o seu pensamento libertário e a sua forma livre de compor, também pode ser percebida em seu romance de estréia, *Recordações do escrivão Isaías Caminha*, obra estudada na próxima fase dessa pesquisa.

*Poeta, antes da poesia, eu devo ter as paixões, as emoções para exprimi-las em verso. Dramaturgo, comediógrafo, romancista, da mesma forma: os costumes, as paixões, os sofrimentos, as emoções, o entrechoque delas no cenário do mundo. O estilo, na frase de alguém, é um acompanhamento.*

(Lima Barreto)

### 3 – LIMA BARRETO: ANARQUISMO E FORMA LITERÁRIA

Já foi esclarecido nesse trabalho as inclinações que o escritor carioca Lima Barreto tinha com os ideais libertários e sua participação como articulista na imprensa anarquista. Ficou claro também que ele considerou a sua arte não só como elemento estético, mas fez dela um veículo de divulgação das suas posições políticas frente à ordem estabelecida no Brasil e, ao mesmo tempo, chamou a atenção do leitor para os problemas de ordem social por que passava a jovem República.

É necessário mostrar, agora, como esses elementos extrínsecos à literatura, as ideias anarquistas e os problemas sociais da jovem República, foram filtrados pela visão do artista e se configuraram na estrutura narrativa de sua obra, tornando-se muito mais relevantes como elementos estéticos do que como simples fatos sociais. Os primeiros, as ideias anarquistas, por terem como elemento básico a liberdade, condição indispensável em qualquer sociedade, para a garantia da felicidade. Essa mesma liberdade do ponto de vista artístico, para Lima Barreto, é imprescindível, sob pena de tirar do artista a possibilidade da construção de uma obra sincera e autêntica, pois ele é contra “uma literatura de clube, imbecil, de palavrinhas, de coisinhas”<sup>120</sup>.

Os problemas sociais também plasmam a obra do escritor; eles estão presentes em, praticamente, todos os seus gêneros, desde romances até artigos de jornal. Através da sua *Correspondência*, pode-se observar a trajetória não só do homem, mas do artista e sua preocupação com sua arte e com a necessidade de poder contar com a liberdade na construção do seu estilo. Tem-se ali um verdadeiro roteiro literário.

Embora grande parte dessa *Correspondência* tenha se perdido, o que restou dela diz muito do interesse e preocupação do escritor em promover uma arte que possa contribuir para a harmonia entre os homens, independente de sua condição. Também constam dessa *Correspondência* muitos rascunhos de romances, como *Triste Fim de Policarpo Quaresma* e *Vida e Morte de M. J. Gonzaga de Sá*, que permitem constatar que sua obra foi feita com esmero; que a aparente falta de estilo, constitui seu estilo; que tudo foi feito meticulosamente, e tudo tinha

---

<sup>120</sup> BARRETO, *Diário Íntimo*, op. cit., p.100.

um objetivo. É nessas cartas que ele confessa a sua expectativa com relação ao seu romance de estreia, quando responde à crítica de Medeiros e Albuquerque, que diz ser a obra “um mau romance e um mau panfleto”. O que parece é que o autor tinha como objetivo provocar e chamar a atenção da crítica. O crítico também questiona o fato de o escritor usar uma obra literária para abordar problemas extraliterários. Mas essa era uma das intenções de Lima Barreto, fazer de sua produção artística um momento de revolta. Embora, a princípio ou comumente, aos olhos do crítico esse tipo de atitude não deva fazer parte da construção de uma narrativa sob pena de comprometer-lhe a qualidade, “há, entretanto, alguma coisa que a justifique, dentro mesmo dos motivos. Se a revolta foi além dos limites, ela tem, contudo, motivos sérios e poderosos”<sup>121</sup>.

Esses motivos, o próprio autor os expõe em uma outra carta, agora enviada a Gonzaga Duque, um de seus amigos mais próximos. Em resposta às considerações que este fez sobre seu romance de estreia, encontra-se o motivo de Lima Barreto não ter iniciado sua carreira de romancista com a publicação de *Vida e Morte de M. J. Gonzaga de Sá*, à época já acabado, e ter enviado os manuscritos de *Recordações do Escrivão Isaías Caminha*, pelas mãos de Antônio Noronha Santos, a Portugal:

Era um tanto cerebrino, o Gonzaga de Sá, muito calmo e solene, pouco acessível, portanto. Mandeí as *Recordações do Escrivão Isaías Caminha*, um livro desigual, propositalmente mal feito, brutal por vezes, mas sincero sempre. Espero muito nele para escandalizar e desagradar, e temo, não que ele te escandalize, mas que te desagrade. Como contigo, eu terei grande desgosto que isso aconteça a outros amigos. Espero que esse primeiro movimento, muito natural, seja seguido de um outro de reflexão em que vocês considerem bem que não foi só o escândalo, o egotismo e a *charge* que pus ali<sup>122</sup>.

Pode-se asseverar com isso que no *Isaías Caminha*, Lima Barreto já ensaia uma linguagem tipicamente nacional, autenticamente brasileira; isso faz de sua obra como que uma antecipação do que propôs o Movimento de 22. Ele desenvolve um discurso extemporâneo em se tratando de estilo, talvez mais ousado que alguns que fizeram parte da Semana de Arte Moderna.

O que também torna curioso o discurso de Lima Barreto é que ele, de um lado, opõe-se a todas as tendências que o antecedem, aos estilos vazios e só aparentemente consistentes; de outro, por mais vanguardista que seja, também escapa às novas tendências ditas inovadoras do estilo; Lima Barreto cria seu próprio estilo. Seu romance de estreia se é mal estruturado não é por falta

---

<sup>121</sup> BARRETO, *Correspondência*, op. cit., p.198.

<sup>122</sup> *Ibidem*, p.169.

de habilidade; pode-se encarar essa característica como mais uma regra quebrada pelo estilo do autor. Isso reflete ou está de acordo com o ideal de liberdade defendido pelo pensamento anarquista, de tudo contestar e fazer valer a sua autonomia não só no que se diz respeito aos aspectos sociais, mas também aos de estrutura do romance; e não é falta de zelo com a escrita, pois o Policarpo e o Gonzaga de Sá são exemplos de seu cuidado com a escrita, e nessas obras também encontram-se entrelaçados o social e o estético, culminando em uma única forma. Como bem esclarece Peter Gay,

o estilo é um centauro, reunindo o que a natureza como decretou que se mantivesse apartado. É forma, e é conteúdo, entrelaçados para formar a tessitura de toda arte e todo ofício. [...] Salvo por alguns artifícios mecânicos de retórica, a maneira se encontra indissolúvelmente ligada à matéria; o estilo molda e é por sua vez moldado pelo conteúdo<sup>123</sup>.

Essa mútua contribuição entre estilo e conteúdo parece estar presente na obra de Lima Barreto, não aleatoriamente, mas muito bem pensado e articulado, pois, empregando um estilo à sua maneira, percebe-se a sua finalidade tanto social quanto estética: chocar pelo conteúdo social no caso do romance de Isaías, a redação de um grande jornal; e pelo estilo livre, como a aparente desordem do romance.

Talvez o escritor quisesse mostrar que não há padronização absoluta em se tratando de estilo; a vida moderna requer dinâmica; os modelos só existem a partir do momento em que surgem outros exemplos de comparação, do contrário não seriam notados. Tolher o estilo é também tolher o homem, impedir dinamização de seu pensamento e a diferenciação de sua arte. Lima Barreto, por seu natural temperamento, jamais se coadunaria aos modelos empalhados e rotos; uma atitude assim seria uma afronta em relação a sua verve anarquista. Que tenha ou não suas falhas, a verdade é que essa diferença no fazer literário resultou em um instrutivo diálogo e suscitou questões profundas, gerando dois tipos de críticas: as de oposição e as de apoio ao escritor.

Austregésilo de Ataíde, por exemplo, espírito mais lúcido que a crítica conservadora, compõe o conjunto daqueles que viram em Lima Barreto mais que um escritor pouco afeito a estilos rebuscados. Afirmar ter conhecido o escritor pela leitura do Isaías. Em carta aberta a ele, em 1919, expõe uma gama de opiniões e críticas, que redundam numa comparação entre a

<sup>123</sup> GAY, Peter. *O estilo na história*. Tradução de Denise Bottman. São Paulo: companhia das Letras, 1990, p. 17.

estética de Machado de Assis e a do autor de *Histórias e Sonhos*. Não deixando de reconhecer as qualidades já consagradas do autor de *Brás Cubas*, não é menos fervoroso ao se referir à grandiosidade de seu oponente em estilo. Propõe, inclusive, que a imperfeição é uma boa qualidade e que “a linguagem discorre-lhe, sem tropeços do precioso: à vontade da pena, sem medida nem retoques, ainda que, de ordinário, muito de bem com as regras da gramática”<sup>124</sup>.

O crítico, sensível, pôde ver entre acordos e desacordos de sua escrita, muito mais que falta de estilo ou esmero; observou, nessa propositada fuga às regras, o modo de expressar a sua liberdade, ideal por que tanto lutou ao longo de sua vida como homem e como artista. Ainda segundo o crítico, Lima Barreto ultrapassa com superioridade o grande Machado de Assis, no trato dos eventos do cotidiano, das coisas simples e irregulares que fazem parte da vida. Diz o crítico:

As suas criações trazem todas as lacunas da sua vida, refletem a sua personalidade. Os seus tipos são variáveis, incertos, humanos, ilógicos, e traduzem, com perfeição, o caleidoscópio da existência, rebelde a leis, insubmissa a traçados, indo e vindo à mercê dos fatos, como estes galos de torre de igreja móveis com o sopro dos ventos de todas as direções<sup>125</sup>.

Essa liberdade, essa rebeldia diante das leis, é um traço recorrente na obra de Lima Barreto, provavelmente consequência de sua simpatia pelas ideias anarquistas. Essa atitude não se limita à estética, como já se observa; trilha praticamente toda a vida do artista e acaba por se refletir em sua obra, principalmente em *Recordações do Escrivão Isaías Caminha*.

Lima Barreto tinha plena consciência das limitações de seu romance, mas apostava na linguagem para fazer a diferença e alcançar o que pretendia: transformar a literatura em um elo entre os homens. Assim é que, ao mesmo tempo em que se configura o escritor, o artista, configura-se também o homem envolto com os problemas da humanidade; essa coalizão de atividades gera o escritor militante, engajado. Ele, porém, não é o primeiro com essas características. Ainda no século XIX, quando a arte esteve ligada às ideias anarquistas, muitos dos grandes escritores europeus como Lucien Descaves, Georges Darien e Rémy de Gourmont, foram atraídos pelas ideias e pelo discurso inflamado de Kropotkin, quando por ocasião do

---

<sup>124</sup> BARRETO, *Correspondência*, op. cit., p. 254.

<sup>125</sup> *Ibidem*.

lançamento do seu célebre apelo “Aos Jovens”, convida os artistas, de um modo geral, a usarem sua arte em benefício da sociedade, contrapondo-se à arte pela arte.

De igual maneira Lima Barreto aparece no meio artístico e literário oficial como militante das letras envolvido com as ideias da liberdade defendida pelos anarquistas, por corresponderem estes às exigências de independência daqueles artistas orgulhosos de sua autonomia e receosos de não ser sua arte um objeto de libertação. No entanto, exigir a anarquia para a arte, não significava dizer que um artista escrevesse em vácuo, desprovido de estilo; exigia apenas que se criasse com plena autonomia, e com outras regras, divergentes das já consagradas. Não tinha que ser necessariamente uma arte partidária, tendenciosa do ponto de vista político; mas que fosse útil à sociedade de alguma forma.

Tem-se, no entanto, aqui no Brasil, exemplos de escritores que tentaram fazer de sua arte uma divulgação das ideias anarquistas. Antônio Arnoni Prado e Francisco Foot Hardman organizaram um volume publicado pela Brasiliense, em 1985, contendo alguns dos principais contos anarquistas que circularam pelo Brasil no mesmo período em que Lima Barreto compunha sua obra. Destacam-se entre esses escritores Neno Vasco, José Oiticica, Gigi Damiani, Fábio Luz, Avelino Fóscolo, entre outros. Todos esses contos, é verdade, trazem a temática libertária, no entanto, do ponto de vista estético, não passam de panfletos e sequer podem ser comparados à produção artística do autor de *Recordações do Escrivão Isaías Caminha*, que produziu um universo composto por uma série de objetos de apreciação estética, e não se utilizou da arte somente para escandalizar e polemizar a situação política e social do Brasil; foi, antes de tudo, um verdadeiro artista na acepção mais ampla da palavra, porém preocupado em fazer de sua arte algo útil, como afirma Antônio Arnoni Prado no ensaio, “Lima Barreto: o crítico e a crise”:

Começamos lembrando que a posição de Lima Barreto perante a arte é claramente uma posição de compromisso. Como ele mesmo escreve em carta a Albertina Berta, a arte para ele era um perfeito sacerdócio, e confessa que desde que lera isso não se sentava mais para escrever sem que o seu pensamento estivesse voltado para os outros. Mas não é tudo: mais do que um compromisso, a arte para ele se revestia ainda de uma espécie de aura intransferível inspirada na renúncia e na coragem, tanto que já no diário de 1908 alude a missão heroica do escritor tal qual vira no *Hero Worship*, de Carlyle, obra de cuja leitura ficaria a impressão que marcou todo o seu trabalho literário – a de que a primeira condição para escrever era “a profunda, a grande, a genuína sinceridade” que aproximava o escritor de todos os homens de algum modo heroicos<sup>126</sup>.

---

<sup>126</sup> PRADO, Antonio Arnoni. *Trincheira, palco e letras: crítica, literatura e utopia no Brasil*. São Paulo: Cosac & Naify, 2004.

Partindo do raciocínio do crítico, que vê em Lima Barreto um escritor militante, observa-se no seu romance de estreia um aparente descuido no estilo a ponto de fazer com que a obra se transformasse num romance estruturalmente mal sucedido, aos olhos de alguns críticos, porém, bastante original e digno de elogios por parte de outros como se pode perceber no ponto a seguir.

### **3.1 *Recordações do Escrivão Isaías Caminha: um estilo que gerou polêmica***

O romance *Recordações do escrivão Isaías Caminha* apareceu pela primeira vez em livro no ano de 1909; segundo Francisco de Assis Barbosa, publicado em Portugal pela Livraria Clássica, de A. M. Teixeira & Cia. Já aparecera parcialmente na revista *Floreal*, dirigida pelo próprio Lima Barreto, a qual publicou o início do romance em 1907. Não se trata do primeiro romance escrito por Lima Barreto, mas, ainda segundo Francisco de Assis Barbosa<sup>127</sup>, o autor o teria escolhido propositalmente para publicar primeiro, antes de *Vida e morte de M. J. Gonzaga de Sá* e de *Triste fim de Policarpo Quaresma*. Mas as *Recordações do escrivão Isaías Caminha* ocupavam um ponto central no projeto literário do escritor, o qual pretendia estreitar causando um choque no meio literário, o que parece ter conseguido, cristalizando-se para a crítica e o público de sua época “sempre o autor de um romance de escândalo”<sup>128</sup>. O romance de que, segundo Monteiro Lobato, “pouco falou a imprensa ofendida nas pessoas de eminentes jornalistas postos em cena com inaudita irreverência”<sup>129</sup>, teria, para Jackson de Figueiredo, “feito uma época se acaso não fosse, ele todo, como que um desafio ao nosso jornalismo, e por melhor que fosse a boa vontade de dois ou três desabusados das letras, a conspiração do silêncio fez-se em redor daquela obra vigorosa e sincera”<sup>130</sup>.

Isaías seria, a princípio, o oposto de Policarpo Quaresma. As ambições de Isaías são egoístas, quase pragmáticas. Não chegam a ser pragmáticas pelo desconhecimento que a personagem tem do mundo, no início da narrativa, quando ele é, embora de modo diverso, também um sonhador. Mas, enquanto o Major Quaresma desejava o reconhecimento da grandeza

<sup>127</sup> BARBOSA, 1956, *op. cit.*, p. 12.

<sup>128</sup> *Ibidem*, p. 14.

<sup>129</sup> LOBATO, *op. cit.*, p. 425.

<sup>130</sup> FIGUEIREDO, *op. cit.*, p. 420.



da nação e a concretização de suas potencialidades, Caminha almeja o engrandecimento pessoal e o reconhecimento da sua própria pessoa. Uma análise mais profunda, porém, mostra que há mais semelhanças do que diferenças entre as duas personagens. Ambas partem de princípios semelhantes, embora passem a agir de maneiras diversas. Tanto Isaías quanto Policarpo são idealizadores que negam o Brasil real, Policarpo suplantando a própria realidade substituindo-a pela sua idealização livresca, Isaías acreditando na possibilidade de se afastar dessa mesma realidade, isolar-se da sua origem, ser reconhecido como diferente e, assim, se salvar. E tanto a idealização de Policarpo quanto a de Isaías terminam por receber um duro golpe: Policarpo não encontra em nenhuma instância o país com o qual sonhara e vota, horrorizado, pela inação; Isaías depara-se com uma estratificação social rígida que não lhe permite o acesso ao poder e a ascensão social que ele desejava. Termina, também, como um desistente.

*Recordações do escrivo Isaías Caminha*, apesar do seu conhecido e comentado aspecto fragmentário, pode ser resumido em linhas gerais como a história do jovem mulato pobre, vindo, cheio de ilusões, da sua província, que encontra no Rio de Janeiro uma cruel e invencível oposição aos seus sonhos ingênuos de sucesso e salvação individual. Dito assim, pode ficar a impressão de que se trata de um romance de formação que conclui pelo pessimismo, o que, no entanto, acaba contradito por características estruturais peculiares que tornam mais complexa a análise da obra.

Isaías sai de sua pequena cidade confiante numa carta de apresentação que lhe permitirá trabalhar e concluir os estudos. Sua consciência de classe, até então, era um fator meramente interno: o jovem Isaías deseja fugir do meio em que vive tanto por não se identificar com a pobreza geral que o cerca quanto pelo desejo de “desrecalcar” o que dessa pobreza seria a parte oculta e negada ao máximo de sua própria personalidade. No Rio de Janeiro, na sua época ainda a maior cidade do Brasil e capital federal, onde por um lado ele espera encontrar uma cultura meritocrática e a indiferença pela cor da sua pele e mesmo pela sua origem social (ou seja, onde espera encontrar uma estrutura social mais adiantada) e onde também deseja, por outro lado, ingressar através da chave pré-moderna do favor, as duas ilusões são duramente desmascaradas: é na Cidade que lhe lembram o tempo todo a cor da pele e a origem social (características que ele mesmo pode não ter superado internamente); e lá o sucesso ainda depende, sim, do favor dos poderosos, o qual, porém, é disputado de tal forma que acaba vedado às camadas inferiores da

sociedade. O mérito, no caso, é o que menos importa. Os medíocres prosperam através da bajulação; e dos favores espúrios. Favores tão espúrios quanto aqueles de que Caminha deseja usufruir, com a diferença de que não precisou – ou acha que não precisou – sujar as mãos.

Mas até que ponto se pode dizer que tudo isso se deu na cidade? O início do romance, bem analisado, aponta para características de Isaías que podem fazer ver a sua narrativa e o sua própria personagem de um modo diferente. Pelo desejo de grandeza e superação do modo de vida que o cerca, seu projeto, embora bem menos ousado – talvez por uma visão de mundo limitada –, aproxima a personagem de Lima Barreto ao de Stendhal, Julien Sörel.

A natureza apaixonada e fantasiosa de Julien entusiasmou-se, desde muito jovem, pelas grandes ideias da Revolução e de Rousseau, pelos grandes acontecimentos da época napoleônica. Desde a sua primeira juventude, não sente outra coisa senão repugnância e desprezo pela mesquinha hipocrisia e pela corrupção mentirosa das classes que dominam o país desde a queda de Napoleão. É demasiadamente fantasioso, demasiado ambicioso e sequioso de domínio, para se satisfazer com uma existência medíocre no seio da burguesia [...]<sup>131</sup>.

Da mesma forma, também, Isaías Caminha compartilha de uma “sentimental vaidade;”<sup>132</sup>, sente, como Julien Sörel, “o mal-estar no mundo dado e a incapacidade de se incorporar a ele”<sup>133</sup>, mas age de um modo diverso. Sörel não só é mais ativo como chega bem mais longe que Isaías Caminha – longe a ponto de quase inviabilizar qualquer comparação entre as duas personagens –, mas paga, por isso, um preço bem mais caro, como o sabem os leitores de *O vermelho e o negro*. Isaías, na verdade, encontra-se nas qualidades que o distinguem de Julien, e que ficam bem claras no início do romance, quando Caminha fala, ou, de certa forma, evita falar, da sua infância.

A tristeza, a compressão e a desigualdade de nível mental do meu meio familiar, agiram sobre mim de um modo curioso: deram-me anseios de inteligência. Meu pai, que era fortemente inteligente e ilustrado, em comêço, na minha primeira infância, estimulou-me pela obscuridade de suas exortações. [...]

O espetáculo do saber de meu pai, realçado pela ignorância de minha mãe e de outros parentes dela, surgiu aos meus olhos de criança, como um deslumbramento.

Pareceu-me então que aquela sua faculdade de explicar tudo, aquêle seu desembaraço de linguagem, a sua capacidade de ler línguas diversas e compreendê-las, constituíam, não só uma razão de ser de felicidade, de abundância e riqueza, mas também um título para o superior respeito dos homens e para a superior consideração de tôda a gente.

<sup>131</sup> AUERBACH, 2007, *op. cit.*, p. 407.

<sup>132</sup> *Ibidem*, p. 410.

<sup>133</sup> *Ibid.*, p. 411.

Sabendo, ficávamos de alguma maneira sagrados, deificados... Se minha mãe me aparecia triste e humilde – pensava eu naquele tempo – era porque não sabia, como meu pai, dizer os nomes das estrelas do céu e explicar a natureza da chuva<sup>134</sup>.

Isaías deseja se destacar, antes de mais nada, pela “necessidade de ser diferente”<sup>135</sup> que, de fato, molda seus atos na infância, não só tornando-o uma figura anti-social no seu meio: o fator mais importante que revela sua relação com a sociedade ao seu redor está na maneira como, em adulto, o descreve: toda a realidade triste de que ele não deseja participar é contada como se se encontrasse fora dele; Isaías descreve essa realidade em oposição a si mesmo. Os primeiros capítulos do romance são, por isso, mais intimistas do que boa parte dos capítulos seguintes, os que contam da sua experiência no Rio de Janeiro. Isaías se identifica com o pai – do qual pouco fala também, por se tratar de um padre e não ter podido, inicialmente por isso, assumir a paternidade –, o qual pertence a um estrato social superior ao de sua mãe, que o cria. Essa identificação, porém, é conflituosa no nível mesmo em que Isaías é o fruto de uma ligação ilegítima e anômala. A identificação com o pai é o seu maior desejo, e a identificação com a mãe, em compensação, é o pesadelo que o prende num mundo atávico e atrasado. A mãe e os parentes dela, dos quais ele fala tão pouco, representam o mundo do qual Isaías deseja fugir.

O meio familiar e social da infância de Isaías é brumoso, mais insinuado do que lembrança propriamente dita. A obsessão do jovem já é a cidade do Rio de Janeiro, embora ele já tenha a ideia de que se trate de “uma cidade grande, cheia de riqueza, abarrotada de egoísmo, onde eu não tinha conhecimentos, relações, protetores que me pudessem valer”<sup>136</sup>. Isaías tem certo receio da cidade grande, mas se anima depois que sabe, pelos jornais, que um antigo colega de escola, que ele considerava medíocre, teve o sucesso que ele mesmo almejava para si. Mas isso não obsta a narrativa; não há um paradoxo entre o realismo e o idealismo. O realismo do relato está em que ele conduz a uma leitura pelo avesso, ou seja, que busca aquilo que a personagem deseja, a todo custo, omitir. Apesar de se encontrar mergulhado em “uma doce e medíocre vida roceira”<sup>137</sup>, o narrador se concentra mais nos planos e no sonho – e, nós, leitores, no que ele pode significar. É como se tanto o jovem Isaías quanto o narrador maduro que conta sua história desejassem sair dali o mais rápido possível: o jovem Isaías saindo da sua pequena

---

<sup>134</sup> BARRETO, *Recordações do Escrivão Isaías Caminha*, op. cit., p. 45-46.

<sup>135</sup> *Ibidem*, p. 46.

<sup>136</sup> *Ibid.*, p. 47.

<sup>137</sup> *Ibid.*, p. 51.

cidade, o Isaías maduro, que conta sua história, contando a sua origem a partir dos fatos que lhe parecem mais importantes, e mesmo assim da maneira mais sucinta – e o tempo todo apontando para o que não diz.

O jovem Isaías depende da ajuda do Valentim, amigo da família e “esteio do partido liberal”<sup>138</sup>, o qual pede ao Coronel Belmiro uma carta de apresentação para Isaías. A carta está endereçada ao Castro, que estaria em dívida política com o Valentim. “Você tem direito, Seu Valentim... É... Você trabalhou pelo Castro... Aqui para nós: se êle está eleito, deve-o a mim e aos defuntos, e você desenterrou alguns”<sup>139</sup>. Isaías está plenamente consciente da ilegitimidade em que se baseia o favor de que vai precisar, e aceita o acordo, “apesar das minhas idiotas exigências de moral inflexível”<sup>140</sup>. O que lhe interessa obsessivamente é o seu plano de sucesso e destaque. Queria concluir a sua formação, o que na sua pequena cidade era impossível.

Ah! Seria doutor! Resgataria o pecado original do meu nascimento humilde, amaciaria o suplício premente, cruciante e omnímmodo de minha côr... Nas dobras do pergaminho da carta, traria prêsa a consideração de tôda a gente. Seguro do respeito à minha majestade de homem, andaria com ela mais firme pela vida em fora. Não titubearia, não hesitaria, livremente poderia falar, dizer bem alto os pensamentos que se estorciam no meu cérebro<sup>141</sup>.

O sonho de Isaías mostra-se na sua real dimensão, na verdade medíocre. Apesar de todo seu esforço para vencer com mérito, o que lhe interessa mais é a pompa e a distinção do título que ele deseja.

Ah! Doutor! Doutor!... Era mágico o título, tinha poderes e alcance múltiplos, vários, polimórficos... Era um *pallium*, era alguma coisa como clâmide sagrada, tecida com um fio tênue e quase imponderável, mas a cujo encontro os elementos, os maus olhares, os exorcismos se quebravam. De posse dela, as gotas da chuva afastar-se-iam transidas do meu corpo, não se animariam a tocar-me nas roupas, no calçado sequer. O invisível distribuidor dos raios solares escolheria os mais meigos para me aquecer, e gastaria os fortes, os inexoráveis, com o comum dos homens que não é doutor. Oh! Ser formado, de anel no dedo, sobrecasaca e cartola, inflado e grosso, como um sapo-entanha antes de ferir a martelada à beira do brejo; andar assim pelas ruas, pelas praças, pelas estradas, pelas salas, recebendo cumprimentos: Doutor, como passou? Como está, doutor? Era sôbre-humano!...<sup>142</sup>.

---

<sup>138</sup> *Ibid.*, p. 50.

<sup>139</sup> *Ibid.*, p. 52.

<sup>140</sup> *Ibid.*, p. 50.

<sup>141</sup> *Ibid.*, p. 53

<sup>142</sup> *Ibid.*, p. 54.

A ironia é dupla quando se pensa na posição do narrador diante da narrativa. Isaías relembra o passado de um tempo mais afastado, bem depois de sucedidos esses acontecimentos. Patenteia-se, para o narrador e para o leitor, o patético dos planos do jovem Isaías, mas o Isaías maduro parece compreensivo: para o jovem que ele era, parece dizer, toda aquela pompa não poderia deixar de fazer sentido e de ser desejável.

Mas é na relação com a mãe que o caráter de Isaías mais se omite no primeiro capítulo. As duas personagens parecem inacessíveis uma à outra, como se vivessem realidades completamente distantes. Isaías relata a última vez em que a viu de uma maneira ambígua, mudando de opinião mais de uma vez, mais adivinhando o que ela pensava do que deixando que ela expressasse o seu pensamento, e procurando mais ver como ela o via do que vê-la a ela mesma.

De quando em quando, ela lançava-me os seus olhos aveludados, redondos, passivamente bons, onde havia raias de temor ao encarar-me. Supus que adivinhava os perigos que eu tinha de passar; sofrimentos e dores que a educação e inteligência, qualidades a mais na minha frágil consistência social, haviam de atrair fatalmente. Não sei que de raro, excepcional e delicado, e ao mesmo tempo perigoso, ela via em mim, para me deitar aqueles olhares de amor e espanto, de piedade e orgulho. Aos seus olhos – muitas vezes se me veio a afigurar – eu era como uma rapariga, do meu nascimento e condição, extraordinariamente bonita, vivaz e perturbadora... Seria demais tudo isso; cerca-la-ia logo o ambiente de sedução e corrupção, e havia de acabar por aí, por essas ruas...<sup>143</sup>.

Quando chegar ao Rio de Janeiro, a cidade com que tanto sonhou e desejava como ponte para o seu sucesso, Isaías será vítima de preconceito e exclusão social, como chega mesmo a temer antes de partir. Mas Isaías parece, antes de partir, identificar-se um pouco com aqueles que podem excluir, já que o seu projeto de salvação é estritamente individual. Como se verá mais adiante, a vivência no Rio fará com que o leitor tenha a impressão de que uma mudança mais profunda ocorreu na personagem, que o mesmo teria, depois de tantas decepções, se tornado mais humano e capaz de compreender a situação da própria mãe, o que as contradições da narrativa – que também serão analisadas mais adiante – não permitem dizer com toda certeza.

A mãe de Isaías, na sua narrativa, parece inspirar-lhe mais horror do que propriamente pena, e o mais chocante, para ele, é identificar uma reação parecida nela, ao tentar ler o que ela estaria tentando lhe dizer através do olhar. Quando não acontece isso, ele simplesmente não

---

<sup>143</sup> *Ibid.*, p. 56.

consegue atribuir àquele olhar qualquer significado, como se a mãe fosse completamente desprovida da capacidade de sentir. “Por vezes, também acreditei que ela nada quisesse exprimir com eles (seus olhos); que tinha por mim a indiferença da máquina pelo seu produto”<sup>144</sup>, “aquêlê olhar que me lançava sempre, fôsse em que circunstância fôsse, onde havia mesclados, terror, pena, admiração e amor”<sup>145</sup>.

Dali adiante, os sofrimentos por que passa a personagem, que não pode se defender, sozinha na cidade grande, tendem a despertar simpatia. Isaías é inicialmente um rapaz ingênuo, o que corrobora essa sensação de desamparo; mas a sua bondade não é imaculada: Isaías é mesquinho, individualista e envergonhado da sua origem de classe – vergonha que ele tenta o tempo todo transformar em orgulho.

Desde a viagem até a chegada, Isaías já depara com o choque social. Sua origem se faz sentir desde que é preterido no atendimento até que alguns poucos colegas condescendentes que arranja durante a viagem e na hospedaria começam a tratá-lo ironicamente por “doutor”. O doutor verdadeiro da narrativa, o deputado Castro, revela-se inacessível. Isaías perambula sem destino, sem auxílio e sem possibilidade (e curiosamente talvez sem vontade) de retorno. Até que arranja um emprego subalterno na redação do *O Globo*. Para muitos analistas, o choque com a realidade reafirma o conflito social posto desde o início do livro, só que o põe em termos ainda mais claros. Isaías não seria capaz de vencer na cidade grande porque teria, para esses críticos, a decência de recuar diante de certas propostas.

O lucro de uns correspondia à escassez de outros. O importante, entretanto, a seu ver, era a avidez corrupta com que a manifestava a tendência histórica em favor dos que possuíam a hegemonia do processo. E uma corrupção que não se localizava aqui ou ali, em personagens típicos, sempre presentes em todo sistema. Todos, de alguma forma, sujavam as mãos. Em *Recordações do escrivão Isaías Caminha*, neste e outros sentidos um romance de aprendizado, mostra-se patente a análise de um processo que, em nome de um lugar ao sol, passa pela conivência dos subalternos. A apropriação da riqueza está ali combinada à degeneração moral<sup>146</sup>.

A análise da narrativa se complica nesse ponto. O romance deixa de lado a figura do Isaías para que o narrador faça o relato das coisas que vê. Um resumo breve desse período seria

---

<sup>144</sup> *Ibid.*

<sup>145</sup> *Ibid.*, p. 57.

<sup>146</sup> LINS, Ronaldo Lima. O “destino errado” de Lima Barreto. In: BARRETO, Lima. *Triste fim de Policarpo Quaresma*. Edição crítica. São Paulo: Scipione Cultural, 1997, p. 302.

muito redundante, ou melhor, seria feito de vários resumos, cobrindo, episódio por episódio, as cenas que Isaías descreve. Toda crítica que a personagem faz à imprensa de sua época e aos escritores que a rodeavam pode ser resumida pelo próprio narrador quando o mesmo repensa, no tempo presente, o projeto do livro e o que esse projeto pode estar fazendo com sua vida.

Eu não sou literato, detesto com tãda paixão essa espécie de animal. O que observei nêles, no tempo em que estive na redação do *O Globo*, foi o bastante para não os amar, nem os imitar. São em geral de uma lastimável limitação de ideias, cheios de fórmulas, de receitas, só capazes de colhêr fatos detalhados e impotentes para generalizar, curvados aos fortes e às ideias vencedoras, e antigas, adstritos a um infantil fetichismo do estilo e guiados por conceitos obsoletos e um pueril e errôneo critério de beleza<sup>147</sup>.

A redação do jornal é o lugar em que todos esses vícios terão vez e voz. E cada um de seus fatos e de suas personagens são episodicamente descrito pelo narrador. Carmem Lúcia Negreiros de Figueiredo (1997) encontra, nessas cenas, uma representação das relações sociais em que ocorreria “uma combinação esdrúxula de grandeza e subserviência, como um capricho grotesco orientando a ordem na representação do progresso”<sup>148</sup>. O jornal seria o ponto em que esse tipo de relação espúria ocorreria, mas relatá-la ficcionalmente não visaria apenas atingir especificamente o meio jornalístico.

Se, por um lado, o romance *Recordações do escrívão Isaías Caminha* revela-nos, de forma artística, os motivos que alicerçaram a imprensa brasileira, no início do século, por outro, apresenta a grande contradição da atividade do intelectual: num mesmo contexto, escritores, jornalistas, artistas propõem reformas em seus discursos, divulgam-nas, porém, em instituições que matizam os princípios democráticos de conteúdos tradicionais, como os valores pessoais e oligárquicos<sup>149</sup>.

O que se confirma com as impressões gerais que o próprio narrador dá. A experiência no jornal, junto com a experiência da marginalidade e da exclusão, consistiria na formação de Isaías, de um modo que ele podia temer, antes de sair de sua pequena cidade, mas que não podia imaginar. Desejara ser doutor realmente apenas pela pompa que o título conferia e pela distinção social, mas não imaginava como agiam, como eram verdadeiramente aqueles que ostentavam esse título. Isaías os enxerga sob a aparência e não gosta do que vê.

Nesse ponto também a análise do romance se torna mais complexa. Isaías deixa de ser um problema em si: pequeno funcionário de jornal, invisível para os demais, ele passa a fazer

<sup>147</sup> BARRETO, *Recordações do escrívão Isaías Caminha*, op. cit., p. 119-120.

<sup>148</sup> FIGUEIREDO, op. cit., p. 379.

<sup>149</sup> *Ibidem*, p. 382.

narrativa tecnicamente de terceira pessoa. O tom também muda do intimismo para o expressionismo violento: as personagens são reduzidas a uma exterioridade grotesca. O romance se iniciara semelhante ao romance de formação, e Osman Lins confirma essa impressão ao afirmar que:

[...] a história de Isaías apresenta-se como uma aprendizagem em terra estranha. Curiosamente, e aqui iniciamos o acesso à camada mais enigmática da obra, Isaías, embora assumindo a narrativa, tem algo de um narrador invisível: mais contemplador que atuante, relaciona-se pouco e esporadicamente com as demais personagens, nunca chegando essas relações a perturbar ou a modificar os destinos alheios. As figuras do romance surgem e desaparecem, morre a mãe de Isaías Caminha, morre o cronista Floc, enlouquece Lobo por causa da Gramática, fatos políticos ou individuais abalam a cidade, mas o narrador em nada interfere<sup>150</sup>.

Rompem-se, aqui, as semelhanças estruturais com o romance de formação e começa a semelhança (em termos de procedimento técnico) com o romance picaresco. Frise-se que não há maiores semelhanças entre o próprio Isaías e o pícaro além da origem social humilde, da perda brutal da ingenuidade e da necessidade de buscar um expediente humilhante para sobreviver. A semelhança está no procedimento narrativo. *Lazarilho de Tormes*, símbolo máximo da picaresca tradicional, também dá a descrição caricata dos muitos padrões por que passa, mudando de foco a ponto de se tornar mais um observador (um narrador em terceira pessoa) do que uma personagem envolvido diretamente na trama que ele mesmo narra. Os padrões do *Lazarilho* variavam de tipo e posição social para a narrativa poder traçar um painel amplo – inclusive em termos geográficos – da Espanha em que viveu. Isaías Caminha, pelo contrário, se concentra num micro-cosmos reduzido ao mínimo: a redação de um jornal. Em compensação, Isaías é de um orgulho empedernido, machucado desde a origem, e ainda mais dolorido ao longo do seu aprendizado. Sua personalidade é o avesso da do pícaro: o pícaro é de um pragmatismo chocante que elimina todos os escrúpulos como coisa supérflua e, tendo atravessado toda uma vida de necessidades, é capaz de aceitar de bom-grado a salvação mais medíocre e humilhante. A necessidade do pícaro é sobreviver. Isaías se sai com uma salvação semelhante, no final cronológico da narrativa: pede o cargo de escrivão, mesmo podendo conseguir ainda mais desde que mais sacrifique. Mas, nesse ponto, Isaías parece desgastado demais com o tipo de relações que teve de travar para chegar a esse ponto. Para Ronaldo Lima Lins:

---

<sup>150</sup> LINS, Osman. *Lima Barreto e o espaço romanesco*. São Paulo: Ática, 1976, p. 34.



O “sucesso” que deflagra para Isaías a nova fase em sua existência (de contínuo elevado a repórter, com funções de cobrir as figuras da República), não sufoca, de todo, no meio da euforia afirmativa, a angústia de se saber derrotado. Em semelhante contexto, nenhuma alegria conseguirá transmitir-lhe a paz interior. Este é um caso, entre outros, na obra do escritor, de um “destino errado”. O ridículo das cenas que eventualmente assiste na rua (vide o conflito das galinhas, quando na delegacia), sua dimensão pequena, recupera à memória a sensação de solidariedade contra uma opressão que amesquinha e reduz as pessoas à insignificância<sup>151</sup>.

A renúncia faz com que se acabe tendo uma impressão positiva da personagem, apesar de tudo, o que confirmaria a tese de Antonio Houaiss, segundo a qual as *Recordações do escrivão Isaías Caminha* se tratariam de “confissões de derrotado sempre disposto a aceitar a luta”<sup>152</sup>. Mas, voltando ao aspecto estrutural da narrativa, aqui, outro ponto diferencial se impõe entre *Recordações do escrivão Isaías Caminha* e *Triste fim de Policarpo Quaresma*. Enquanto a crítica social direta, de caráter quase dissertativo, aparece no *Triste fim de Policarpo Quaresma* como comentários à margem, interrompendo a própria narrativa – mas não a ponto de prejudicar o seu caráter formal e equilibrado ao modo clássico, como ressaltam os críticos –, os capítulos das *Recordações do escrivão Isaías Caminha* já se encontram seccionados e fazem essa crítica de maneira metafórica – mas dando à metáfora um caráter bastante claro. A crítica localizada que ele faz a cada tipo humano adere a cada episódio com perfeição, porque a própria crítica se encontra no ato da caricatura. Sairia prejudicada a estrutura geral do romance, feita toda de partes soltas. Enquanto isso, para Isaías, o jornal – quando não lhe resta nada a não ser a sobrevivência – se torna a própria estagnação: não lhe resta senão dar o relato do que ocorre ao seu redor. Sua própria vida não pode ser feita senão de repetições. O que se repete na sua ausência em sua própria narrativa.

Para Osman Lins, o distanciamento do narrador em relação ao meio que se encontra, na fase em que começa a trabalhar no jornal, deve-se a motivos inerentes à dinâmica e à estrutura da própria narrativa. No jornal, Isaías Caminha estaria respondendo antissocialmente a tudo por que passara.

A atitude de Isaías Caminha é frontalmente oposta à sociedade que retrata; e o mundo do jornal, reproduzido com tintas fortes e mão sem complacência, vem a ser um microcosmos onde se concentram ou ecoam os aspectos mais negativos dessa sociedade.

<sup>151</sup> *Ibidem*, p. 303.

<sup>152</sup> HOUAISS, Antonio. Liminar. In: BARRETO, Lima. *Triste fim de Policarpo Quaresma*. Edição crítica. São Paulo: Scipione Cultural, 1997, p. XVII.

O tom muitas vezes irreverente do livro (panfletário a ponto de ser recebido com grande discrição pela imprensa), desagradaria na época ao crítico Medeiros e Albuquerque; e Olívio Montenegro, fiel à sua concepção purista da arte romanesca, escreveria mais tarde que o grande pecado da obra de Lima Barreto era “querer transformar o romance, que deve ser obra de imaginação, e com todas as qualidades emocionais e poeticamente sensíveis da ficção, em instrumento de ação.” Mas, justamente, estabelecendo-se o conflito, em *Isaías Caminha*, entre o pseudo-narrador e a sociedade, até a inépcia com que investe contra homens e fatos o memorialista, sublinha a intensidade de sua inadequação, a incontrolável exasperação nele causada pelo embate com o meio, embate de que sai mais ou menos destroçado, pelo menos em face das suas expectativas juvenis e que, mesmo na época em que “recorda”, não consegue ver com isenção<sup>153</sup>.

A história de Isaías Caminha, propriamente dita, acaba sendo retomada quase ao final da narrativa, e é conduzida pelo acaso. Isaías consegue adentrar na esfera do favor de um modo semelhante ao de Leonardo Pataca, em *Memórias de um sargento de milícias*, em nome de que segredos de alcova permaneçam ocultos. Com a diferença radical de que, no romance de Manuel Antônio de Almeida, tudo se desenvolve de uma maneira leve, e a culpa acaba excluída. Isaías Caminha pretendia chegar aonde queria através dessa porta do favor, mas, como já se disse antes, sem ter que sujar diretamente as mãos. A maneira como finalmente o consegue se mostra na sua face verdadeira, sem ilusões nem distanciamentos.

A formação negativa e pessimista de Isaías Caminha chega ao fim, mas o próprio prefere dar um passo para trás e se aproveita do favor para conseguir uma ocupação mais humilde. De uma outra forma, mais amarga do que desesperada, Isaías Caminha opta pela desistência também, como já o fizera Policarpo Quaresma. Mas – e nisso reside a maior contradição de Isaías – continua vivo e, de certa forma, ativo. A personagem Lima Barreto, que se faz seu “editor”, informa numa “Breve notícia”, constante nas edições em livro, que Isaías teria superado seus antigos ressentimentos e se tornado candidato a deputado federal.

A cisão que ocorre com Isaías Caminha se mostra bastante diferente da do Homem do Subterrâneo, de Dostoiévski, para citar mais um escritor que influenciava Lima Barreto, e mais um que o próprio Isaías Caminha confessava como um de seus favoritos. Mas o confronto das duas atitudes diante do mundo, sobretudo diante das desigualdades e dos limites de uma situação social inferior, mais uma vez, pode ser muito proveitosa; o contraste pode revelar mais do que se poderia julgar possível, a princípio.

---

<sup>153</sup> LINS, *op. cit.*, p. 58-59.

Do mesmo modo, o Homem do Subterrâneo parte do pressuposto de que é injustiçado, não compreendido e não aceito em seu potencial pleno. Sua condição social, porém, permanece a mesma do princípio ao fim da narrativa, o que não acontece com Isaías Caminha. Parece-nos que o “relato do subterrâneo” é o que o narrador evita, ao parar de falar dos seus sentimentos para dar o seu testemunho. O Homem do Subterrâneo, pelo contrário, já parte da desilusão: o ponto em que as personagens de Lima Barreto chegam. Em compensação, o Homem do Subterrâneo é capaz de um enfrentamento do qual Isaías nem sequer seria capaz de pensar. A personagem de Dostoiévski concentra-se na figura do oficial que o ignora, e passa vários meses planejando a desforra por isso. Nas suas meditações, as contradições mais profundas veem à tona, como o desejo revelador de se igualar ao oficial e ser considerado, por este, um amigo.

Mas o Homem do Subterrâneo sabe que isso não é possível; não há outra opção que não seja o enfrentamento direito. Trata-se apenas de não se desviar ao passar na calçada em sentido oposto; parece bem pouco, mas o próprio Isaías Caminha não se mostra capaz disso. Sua incapacidade de comunicação profunda com os demais indivíduos, independente de estar no meio familiar ou entre estranhos, reflete-se também na sua incapacidade de encarnar, realmente, a revolta dos indivíduos e voltá-la, abstratamente, para o que ela representa, ao contrário do que faz o Homem do Subterrâneo, que parte para o embate direto para ser visto para alguém que o ignora, alguém que ele não logra conhecer intimamente, mas que ocupa sua mente com insistência. No caso de Isaías, à exceção da figura do pai, distante e inacessível, ele não se identifica com mais ninguém em pessoa. É possível dizer que se identifique mais com a posição de “doutor” do que com qualquer doutor que tenha visto ou conhecido. A comparação se complica um pouco quando se pensa na conclusão que não está na conclusão, ou seja, nas informações sobre o destino da personagem que se encontram na “Breve notícia”, publicada como prefácio desde a primeira edição do romance em livro, na qual diz Lima Barreto, fingindo-se o editor do livro:

[...] após dez anos, tantos são os que vão da composição das *Recordações* aos dias que correm, o meu amigo perdeu muito da sua amargura, tem passeado pelo Rio com belas fatiotas, já foi ao Municipal, frequenta as casas de chá; e, segundo me escreveu, vai deixar de ser representante do Espírito Santo, na Assembleia Estadual, para ser, na próxima legislatura, deputado federal. Ele não se incomoda mais com o livro; tomou outro rumo. Hei de vê-lo em breve entre as encantadoras, fazendo o tal *footing* domingueiro, no Flamengo, e figurando nas notícias elegantes dos jornais. Isaías deixou de ser escrivão. Enviuvou sem filhos, enriqueceu e será deputado. Basta<sup>154</sup>.

<sup>154</sup> BARRETO, *Recordações do escrivão Isaías Caminha*, op. cit., 43.

Mais do que a crítica social direta e mesmo do que os aspectos biográficos que identificariam Isaías Caminha com o seu criador, o aspecto fragmentário e contraditório da estrutura do romance chama atenção sobremaneira. Sendo que essa informação da “Breve notícia” é uma das mais polêmicas contradições do livro, que muitas vezes parece ignorado pelos críticos que apoiam o livro. Em nota de rodapé, Osman Lins retoma a insatisfação de Lúcia Miguel-Pereira com essa estranha e, para a crítica, desnecessária reviravolta da personagem<sup>155</sup>. Osman Lins atribui a contradição à ironia do autor, mas também questiona o que esse efeito cômico teria prejudicado na economia do livro.

Foi provavelmente o que empurrou boa parte da crítica especializada das primeiras décadas após a publicação do romance a preferir o *Triste fim de Policarpo Quaresma*, bem mais equilibrado em termos estruturais. O fato, também, de que a identificação de Policarpo com Lima Barreto não ser tão óbvia contribuiu para essa preferência. As *Recordações do escrivão Isaías Caminha* teriam o defeito de uma visão mais estreita do mundo por estarem presas demais ao seu próprio autor, a problemas pessoais, enquanto o *Triste fim de Policarpo Quaresma* revelaria um autor mais maduro e mais voltado para problemas mais gerais.

Lúcia Miguel-Pereira foi uma das vozes que mais levantou questionamentos sobre esses aspectos problemáticos das *Recordações do escrivão Isaías Caminha*. O que mais incomoda a crítica, a ponto de fazê-la dedicar-se ao romance, a analisá-lo mais detidamente, são as qualidades que ele demonstra no início, as quais denunciariam no autor:

[...] a autêntica vocação de romancistas, que outra coisa não é, afinal, senão a capacidade de extrair a essência da vida, de penetrar-lhe no mistério. Dom que se patenteia nos admiráveis capítulos iniciais do *Isaías Caminha* [...] embora fosse depois sufocado pela torção violenta sofrida pelo livro, repentinamente desviado de seu curso para transformar-se em panfleto caricatural. Mas bastava o começo para provar que um romancista surgira, rompendo a estagnação reinante<sup>156</sup>.

---

<sup>155</sup> *Ibidem*, p. 59.

<sup>156</sup> MIGUEL-PEREIRA, Lúcia. Lima Barreto. In: BARRETO, Lima. *Triste fim de Policarpo Quaresma*. Edição crítica. São Paulo: Scipione Cultural, 1997, p. 438.

Lúcia Miguel-Pereira, reconhece que “Lima Barreto, como Machado de Assis, fala exclusivamente em termos de ficção, é através das suas criaturas que interroga a existência”<sup>157</sup>, mas acredita que Lima Barreto perde-se muito da ficção para dar o relato de suas ideias pessoais, e cita, como exemplo, outro romance, *Vida e morte de M. J. Gonzaga de Sá*.

Afinal, *Vida e morte de M. J. Gonzaga de Sá* é menos um romance do que um pretexto para, através das conversas de Gonzaga, expor Lima Barreto muitas das ideias que debateu incansavelmente; [...] A fonte de vida do livro é todavia não o velho filósofo que tem algo de convencional, mas o narrador – ou o autor? – o mulato que se sente flutuar, sem saber ao certo a que meio pertencia, acusando a formação intelectual de o haver desenraizado<sup>158</sup>.

No caso específico das *Recordações do escrívão Isaías Caminha*, Lúcia Miguel-Pereira encontra uma tese, da qual discorda parcialmente, e acrescenta que a tese, sendo o eixo da obra de ficção, tende apenas a prejudicá-la. Para a crítica, o romance teria sido “escrito para provar que os mestiços fracassam sempre, pois mesmo os que parecem triunfar só o fazem à custa do sacrifício da dignidade e da compostura moral, não por intrínseca inferioridade, mas por gastarem na luta todas as energias”<sup>159</sup>, o que efetivamente corresponde ao projeto inicial de Lima Barreto, e até se encontra registrado em outros documentos.

Atentar para esse problema torna-se um ponto problemático na análise. Pois, apesar da afirmativa do próprio autor, seu romance não se limita nem a uma tese nem a um *microcosmos* específico. Se fosse assim, o mais provável era que, para os leitores modernos, a obra se mostrasse enfadonha ou mesmo inacessível. Também ocorre de não se poderem procurar confirmações diretamente factuais, de cunho histórico e/ou sociológico, para afirmar o valor de uma obra de arte: encontrarem-se os fatos e os hábitos corretamente documentados não garantiria a nenhuma obra literária o seu valor.

Por outro lado, há um ponto irresistível na questão. Lúcia Miguel-Pereira nega a grandeza do problema social. A exclusão dos negros e mulatos não seria tão grande, na realidade, quando o retratado no livro. A crítica o afirma um pouco antes de se concentrar no aspecto fragmentário do romance.

---

<sup>157</sup> *Ibidem*, p. 439.

<sup>158</sup> *Ibid.*, p. 448-449.

<sup>159</sup> *Ibid.*, p. 449.

E se é perigoso para um romance ser construído em torno de uma tese, e sobretudo de uma tese forçada, ainda mais difícil se torna a sua situação quando o autor, depois de ter anunciado categoricamente o seu postulado modifica sem perceber o sentido da narrativa<sup>160</sup>.

Alguns críticos, segundo afirma Francisco de Assis Barbosa, também afirmavam que Lima Barreto exagerara. O autor teria chegado até a responder a alguns críticos contemporâneos diretamente. O ponto é importante também porque toca na questão do quanto a obra seria biográfica.

Para Francisco de Assis Barbosa a questão não é tão problemática: o biógrafo de Lima Barreto, um autor “memorialista, a ponto de se tornar difícil, senão impossível, delimitar em alguns de seus romances e contos as fronteiras da ficção e da realidade”<sup>161</sup>, chega a admitir a influência direta da condição do autor na construção de sua obra, mas afirma que, apegar-se a isso, apenas, é limitar em muito o alcance do autor.

É claro que a condição de mulato – e mulato incompreendido e até certo ponto perseguido – influenciou a obra de Lima Barreto. Mas isso não é tudo. Há nela muito mais do que uma reação meramente instintiva, ditada por imposições orgânicas. É que está impregnada de um profundo sentimento humano e de uma admirável compreensão do fenômeno social. Vamos ser sinceros: não será possível proceder-se à revisão da nossa história republicana, do 15 de Novembro ao primeiro 5 de Julho, trabalho que tanto se impõe, sem recorrer aos romances, contos, crônicas e artigos de Lima Barreto<sup>162</sup>.

Mas a questão da tese, para Lúcia Miguel-Pereira, torna-se problemática em conjunto com o que ela acredita serem contradições na narrativa. Para ela, “o estranho é que, na introdução, o autor informe, que, dez anos depois de escrever as suas memórias Isaías, viúvo, rico, satisfeito consigo, era candidato a deputado”<sup>163</sup>. Justifica que as memórias se devam à “saúde dos dezoito anos ‘esmagados e pisados’ mas cheios de ambição”<sup>164</sup>, mas acha que a personagem não faz mais sentido a partir da informação dada sobre o seu futuro mais distante:

[...] na mocidade, quando acabava de passar por sofrimentos e vexames, soube reagir, desprezar a sua boa situação no jornal para viver livremente; depois de instalado como

---

<sup>160</sup> *Ibid.*

<sup>161</sup> BARBOSA, 1956, *op. cit.*, p. 15.

<sup>162</sup> *Ibidem.*

<sup>163</sup> MIGUEL-PEREIRA, *op. cit.*, p. 450.

<sup>164</sup> *Ibidem.*

escrivão, quando se torna superior a todos com quem lidava, é que transige, sem necessidade nem razão<sup>165</sup>.

Para a autora, essa contradição da personagem é o cúmulo de contradições anteriores, da estrutura da própria narrativa.

O livro foi evidentemente desviado do seu rumo, não por má-fé, mas porque o autor como que perde o fio e o sentido do romance, que começa introspectivo e se transforma bruscamente em panfleto caricatural. Foi pensando em si, foi com suas experiências que Lima Barreto o iniciou – as experiências de fato vividas ou as que poderia ter vivido; aqui as suas queixas são mais precisas e magoadas do que no *Gonzaga de Sá*<sup>166</sup>.

Lúcia Miguel-Pereira via no início do romance um narrador sutil que se concentrava nas “anomalias do seu ambiente doméstico”<sup>167</sup>, e disso tirava todo material. Para ela, Lima Barreto não soube se conter para manter o equilíbrio do romance, como faria mais tarde, no *Triste fim de Policarpo Quaresma*.

O panfletário que havia em Lima Barreto acorda de súbito e, com a sua violência, abafa a voz mais suave do romancista, desnorteia-o a ponto de fazê-lo esquecer o seu propósito inicial. A transformação de Isaías que de tímido e pundonoroso se faz grosseiro e vaidoso, processa-se com rapidez forçada e torna inaceitável o seu posterior desgosto pelo jornal onde trabalhava<sup>168</sup>.

A crítica conclui que o romance perde o equilíbrio pelo ecletismo do autor, por estar ele dividido entre tendências opostas sem saber, pelo menos nesse romance, como coaduná-las num todo coerente:

[...] percebe-se o dualismo de Lima Barreto, os pendores antagônicos que o disputavam. E nem se diga que os antagonismos eram apenas entre o artista e o indivíduo – entre a natureza íntima e a que a vida lhe impôs. Também o romancista se mostra dividido entre duas tendências: a análise tocada de poesia e a sátira realista, isto é, muito presa a modelos vivos e próximos. Cada uma dessas tendências parece, por seu turno, desdobrar-se em termos contrários, já que a análise não se ajusta bem à poesia, e que sátira e realismo de algum modo se excluem. Lima Barreto logrou conciliar a agudeza analista e o sentimento poético porque possui a ambos em alto grau, na altura em que se fundem no poder criador; já a sátira e o realismo permanecem irreduzíveis, talvez porque não se pudessem mesmo fundir, nem nele nem em ninguém. Na verdadeira sátira há um fator idealista, uma transposição da realidade que não lhe permite sofrer o contato com a

---

<sup>165</sup> *Ibid.*

<sup>166</sup> *Ibid.*

<sup>167</sup> *Ibid.*, p. 451.

<sup>168</sup> *Ibid.*, p. 452.

observação direta dos fatos e dos caracteres sem se transformar em caricatura superficial e vulgar, sem restringir o seu alcance. A inumanidade da caricatura é que se choca com o senso poético. Uma corresponde à atitude de quem vê as criaturas de fora, mantendo-se voluntariamente na aparência, a outra a quem as vê de dentro, com a penetração da simpatia<sup>169</sup>.

O “desarranjo” da obra, porém, não tinha sido percebido apenas por Lúcia Miguel-Pereira: era já uma reclamação de críticos anteriores a ela. Segundo Francisco de Assis Barbosa, o meio literário dominante na época de Lima Barreto era excessivamente ocupado com formalismos gratuitos. A questão da forma superava em muito a de conteúdo. Lima Barreto teria escrito as *Recordações do escrivão Isaías Caminha* e as publicado em primeiro lugar na intenção de fazer uma estreia, em todos os sentidos, chocante.

Francisco de Assis Barbosa explica o projeto de Lima Barreto citando carta do autor datada de 1911, na qual se lê diretamente que a proposta do romance era mostrar que “um rapaz nas condições do Isaías, com tôdas as disposições, pode falhar, não em virtude de suas qualidades intrínsecas, mas batido, esmagado, prensado pelo preconceito”<sup>170</sup>. Quanto à questão com a imprensa ainda afirma em outro trecho citado da mesma carta: “Se lá pus certas figuras e o jornal, foi para escandalizar e provocar a atenção para a minha brochura. Não sei se o processo é decente, mas foi aquêle que me surgiu para lutar contra a indiferença, a má vontade dos nossos mandarins literários”<sup>171</sup>.

A posição mesmo que o romance ocupa no seu projeto como um todo fica melhor explicada na carta ao amigo Gonzaga Duque:

Era um pouco cerebrino o *Gonzaga de Sá*, muito calmo e solene. Pouco acessível, portanto. Mandeí as *Recordações do escrivão Isaías Caminha*, um livro desigual, propositalmente mal feito, brutal, por vêzes, mas sincero sempre. Espero muito nêle para escandalizar e desagradar, e temo, não que ele te escandalize, mas que te desagrade. [...] Espero que êsse primeiro movimento, muito natural, seja seguido de um outro de reflexão em que vocês considerem bem que não foi só o escândalo, o egotismo e a *charge* que pus ali.

[...] dizer aquilo que os simples fatos não dizem, segundo o nosso Taine, de modo a esclarecê-los melhor, dar-lhe importância, em virtude do poder da forma literária, agitá-los porque são importantes para o nosso destino. Querendo fazer isso e fazer compreender aos outros que há importância na questão que êles tratam com tanta ligeireza, eu não me afastei da literatura conforme concebo e preceituum os nossos

<sup>169</sup> *Ibid.*, p. 452-453.

<sup>170</sup> BARBOSA, *op. cit.*, p. 12.

<sup>171</sup> *Ibidem.*



mestres Taine e Brunetière, mas temo que não tivesse conseguido bem o escopo e tu hás de me perdoar o desastre pela ousadia da tentativa<sup>172</sup>.

Mas o romance não seria de alcance limitado, não se limitaria à própria tese que seu autor confessava em carta, nem muito menos se tratava apenas de fruto de ressentimentos pessoais.

Engana-se, porém, quem quiser ver no *Recordações do escrivão Isaías Caminha* apenas uma explosão de recalques ou um ataque desabrido de mulato despeitado a certos figurões das letras, do jornalismo e da política. A intenção do romancista foi mais alta. E, muito mais importante que uma caricatura virulenta e impiedosa, é, na verdade, a mensagem humana que se encerra no bôjo da novela<sup>173</sup>.

Trata-se, mesmo assim, de uma literatura de combate pronta a dar uma resposta em relação à vida em vez de se concentrar em formalismos estéreis.

Nada de arte desinteressada. Nada de artifícios verbais. Literatura, sim, mas com objetivo certo e definido, estabelecendo entre o escritor e o público um compromisso, para ajudá-lo a conhecer não apenas o drama íntimo de cada um, como também as competições, erros e misérias da sociedade em que vivemos<sup>174</sup>.

Hoje, identificar as personagens ficcionais com os repórteres que os inspiraram – o que gerou o escândalo inicial – importa pouco para o leitor comum e, mesmo, para a maioria dos críticos<sup>175</sup>, e, mesmo assim, o romance. A única personagem que ainda se ligaria a alguém identificável na história seria a do próprio Isaías com seu autor. Mas o romance mesmo iria além disso. As questões especificamente históricas, em Lima Barreto, não é tão importante, ou é importante numa leitura mais profunda. Francisco de Assis Barbosa, por exemplo, encontra outras lutas na luta específica de Isaías Caminha.

*Recordações do escrivão Isaías Caminha* representam a luta não somente contra o preconceito de cor, mas contra a mediocridade, contra uma falsa concepção de imprensa e literatura, acompanhada da amarga experiência da vitória, às custas de transigências de toda a ordem e do sacrifício da própria dignidade humana<sup>176</sup>.

E defende Lima Barreto da acusação de desleixado encontrando um sentido para o que os críticos achavam estranho na obra do escritor carioca. Para ele, trata-se de uma forma de realismo própria de Lima Barreto, e mais radical do que o realismo do século XIX.

---

<sup>172</sup> *Ibid.*, p. 13.

<sup>173</sup> *Ibid.*, p. 12.

<sup>174</sup> *Ibid.*, p. 13.

<sup>175</sup> *Ibid.*, p. 14.

<sup>176</sup> *Ibid.*, p. 16.

Onde alguns críticos, principalmente aqueles que formam na quinta-coluna literária, procuram ver, na obra de Lima Barreto, apenas o improvisado, o remoque ou a caricatura, não estará, ao contrário, a vontade deliberada de não falsear a verdade?<sup>177</sup>

Não se trata de um realismo de superfície, porque a questão mais importante não é a veracidade dos fatos históricos dentro da obra literária. O que há de importante em Lima Barreto não é a crônica histórica em si, já que, passados os fatos, permanece o valor literário, mesmo o leitor que não tenha conhecimento profundo e detalhado dos acontecimentos da Primeira República pode compreender e apreciar a obra do escritor carioca; o que Lima Barreto plasmou em sua obra foi uma dinâmica social que até então não tinha sido incorporada à literatura brasileira; incorpora essa dinâmica à própria estrutura da obra mais que na citação direta de fatos históricos, os quais, inclusive, ficcionalizados, introjetados em suas narrativas, acabam transcendendo seu significado original específico, elevados, mesmo ao custo da simplificação caricatural, à categoria de alegoria. Embora as *Recordações* não sejam um romance de tese à moda naturalista, erram os críticos que atribuem exagero ao romance.

O caráter aguerrido do seu romance de estreia também plasmou a acusação de ressentimento por não ser aceito nos meios literários e negado pelos jornais, ideia que se cristalizou com o tempo e cai por terra quando se analisa a cronologia da obra de Lima Barreto: as *Recordações do escritor Isaías Caminha*, onde esse tipo de crítica aparece de modo acintoso e duro, são o primeiro romance publicado pelo autor, o qual, ainda que não seja sua obra mais madura, como quer uma tradição crítica, constitui um ponto importante no projeto artístico do autor por, corajosamente, já conter suas propostas.

Para Nicolau Sevcenko (1997), tratava-se de um corajoso compromisso com a verdade que o escritor testemunhava, mas não via denunciada nos jornais nem, de uma forma mais direta, refletida na literatura brasileira de sua época, não só muito ocupada com floreios, mas ideologicamente comprometida em entoar com o Estado o canto do progresso, e a sentença de Afrânio Peixoto citada por Francisco de Assis Barbosa “o sorriso da sociedade” diz, pelo avesso, o que o seu autor queria na verdade elidir.

---

<sup>177</sup> *Ibid.*, p. 17.

Carmem Lúcia Negreiros de Figueiredo encontra nessa tensão formal do romance uma forma de a estrutura da narrativa mimetizar a própria realidade social, como Osman Lins procuraria demonstrar em *Lima Barreto e o espaço romanesco*. Diz a ensaísta sobre a obra de Lima Barreto citada:

Possibilita-se no romance a discussão sobre o equilíbrio necessário entre tema e escrita – especialmente em *Recordações do escrivão Isaías Caminha*, onde se usa o próprio texto para fazer referência aos conflitos de sua elaboração. As tensões do “escrivão Isaías Caminha”, já revelam que um texto literário não se esgota ao apresentar um ou outro aspecto do real e do homem; também constitui um mundo, vivo e instigantes, à medida em que é discurso literário<sup>178</sup>.

Já para Robert J. Oakley, “Lima Barreto criou um estilo autenticamente brasileiro e assim antecipou a liberdade e experimentalismo dos modernistas”. Mas nenhum pesquisador aprofundou tanto esse paradoxo formal de Lima Barreto quanto Osman Lins, no ensaio citado acima. Para Osman Lins, na obra de Lima Barreto “insinua-se, reconhecível, o homem solitário dos nossos dias, sinal de uma sensibilidade privilegiada e antecipadora”. A fragmentação formal é consequência direta das personagens não conseguirem se comunicar perfeitamente entre si nem alterar os destinos uns dos outros. Estão sempre incapazes de cooperar entre si, como se não fizessem parte autenticamente de uma comunidade. O tema seria recorrente pelo menos nos romances *Vida e morte de M. J. Gonzaga de Sá*, *Triste fim de Policarpo Quaresma* e *Recordações do escrivão Isaías Caminha*, os quais constituiriam, para Osman Lins, uma “trilogia involuntária da incomunicabilidade”.

Essa fragmentação tem como consequência direta o significativo isolamento das personagens e de suas ações. Não são narrativas de aventura nem o amor é capaz de mover as personagens de peripécia em peripécia, encadeando ações que dessem unidade aos romances. Tratam-se de narrativas “sem conflitos no sentido tradicional, isto é, onde uma vontade não é contrariada pela outra, onde um interesse não vai ameaçar um interesse oposto, configuram-se apesar de tudo formações fraudadas de conflito e crise”<sup>179</sup>. As personagens são apresentadas como pouco capazes de impulsos que os levem mais adiante nos seus planos, ou seja, são incapazes de persistir diante das dificuldades, à exceção de Policarpo Quaresma, que não se encontraria em perfeito estado de sanidade mental, mas recua quando parece ter recuperado a

<sup>178</sup> FIGUEIREDO, *op. cit.*, p. XXI-XXII.

<sup>179</sup> LINS, *op. cit.*, p. 54.

sanidade. Essas características apontadas por Osman Lins tenderiam a se tornar mais agudas nas *Recordações do escrivão Isaías Caminha*.

Dissemos não existir nesse romance nem amor nem aventura. Aprofundemos a observação: amor e aventura implicam em envolvimento com outros seres – atos predatórios ou salvadores –, mas há entre Isaías e os que o cercam, um corte. Quando ele conversa, é quase sempre sobre temas gerais, também as outras personagens discutem, mas os diálogos não têm função dramática, não impulsionam os acontecimentos e aqui toda comunicação é falaz, o que se torna ainda mais estranho quando nos ocorre que toda segunda parte da obra decorre num jornal. Nas *Recordações do escrivão Isaías Caminha*, pormenor que o tom frequentemente panfletário e caricatural do livro encobre, as personagens nunca se entrelaçam. Contíguos e sós, integram esta composição anômala e um tanto monstruosa, onde as várias unidades, isoladas – ignorantes ainda da sua solidão –, apenas se deslocam, modificando o conjunto, sem que haja acréscimos ou perdas espirituais nos seus deslocamentos. Lima Barreto inaugura na ficção brasileira, sem dar-se conta disso, segundo tudo indica, o tema da incomunicabilidade, tão caro à arte contemporânea, surgindo como um antecipador, um anunciador do nosso tempo e das nossas criações<sup>180</sup>.

O isolamento das personagens entre si também contém outros aspectos típicos e específicos da brasilidade. Para Isaías não chegam à mesma dramaticidade com que chegam para Policarpo Quaresma. Ainda segundo Osman Lins, em *Triste fim de Policarpo Quaresma* há a diferença do individualismo dos núcleos familiares. As *Recordações do escrivão Isaías Caminha* são um romance sobre a indiferença urbana em que os meios externos prevalecem sobre os familiares. Ainda segundo Osman Lins, a cidade, ainda que menos concatenada, aparece mais bem descrita, detalhada, que o lugar de origem de Isaías Caminha<sup>181</sup>.

A fragmentação, no caso específico do romance citado, segue um plano prévio intencional do autor, no qual a forma e o conteúdo se casam, na interpretação de Osman Lins.

Não, não há incoerência em Isaías. Mas uma obra de arte é sempre vista aos poucos, desvendada aos poucos – e assim nem a sutil acuidade de Lúcia Miguel Pereira chegou a perceber, há vinte anos, que, em harmonia com uma lei geral do livro, onde protagonistas e figurantes permanecem encerrados em si mesmos, a indiscutível sensibilidade de Isaías Caminha é um círculo: como todos, ele está fechado em si mesmo num mundo onde as comunicações foram cortadas. Isaías, atordoado certa vez com o desencontro entre os seus planos e a realidade, longe de escrever para casa ou de tentar uma confidência, volta-se para o mar: “Continuei a olhar o mar fixamente, de costas para os bondes que passavam.” Vai Isaías transitando ante os seres sem se prender a ninguém e a sua indiferença ante o falecimento da mãe é inevitável<sup>182</sup>.

---

<sup>180</sup> *Ibidem*, p. 34-35.

<sup>181</sup> *Ibid.*, p. 91-92.

<sup>182</sup> *Ibid.*, p. 36.

Sobretudo os capítulos que se concentram na imprensa, na redação do jornal, plasmariam a impressão de ilhamento e inoperância, sendo que o meio familiar de que sai Isaías também é composto de elementos que não se comunicam verdadeiramente uns com os outros, nem contribuem, entre si, para a mudança dos destinos.

Notam-se, no livro, variações importante de dois temas fundamentais: o do ilhamento (meio oculto sob outros, mais familiares e ostensivos); o da inoperância dos atos de cada personagem sobre o próximo e sobre o meio. Todos, em *Isaías Caminha*, cruzam com outros e se vão, sem que o seu destino tenha sido afetado e sem que modifique o de ninguém<sup>183</sup>.

Isaías não é retratado, porém, como uma personagem sem conflitos. O que lhe ocorre é uma quase resignação, a necessidade de recalcar os choques que sofre, solitariamente, em confronto com a realidade. Apesar de tudo, ele não se volta exteriormente contra as situações que o agridem. Vale lembrar a oposição que se fez acima entre ele e o Homem do Subterrâneo. Mesmo no tempo presente da narrativa, já casado, a personagem não parece viver uma vida real, e a personagem de sua esposa não passa de uma sombra. Quando aos repórteres e escritores que ele caricaturiza, o próprio ato da caricatura parece bastar, como se nada mais precisasse ser feito para mudar o estado das coisas. A vingança de Isaías está em as coisas serem como são, de algum modo. Não há porque se vingar de personagens como as que ele encontra na redação do jornal: o próprio ridículo que eles encarnam já é uma paga na medida certa.

Embora não haja [...] oposições de interesses, estes, quando existem, dilatam-se, por assim dizer, em todos os sentidos, não encontrando uma resistência de natureza individual a superar; são frequentes e indisfarçáveis [...] os dramas pessoais: Isaías Caminha é filho de padre e as relações entre seu pai e sua mãe – cautelosas, sem alegria – deixam transparecer o drama que ambos vivem, cada um a seu modo e segundo o seu nível. [...] Nunca, porém, cerra-se o texto em torno desses nódulos; há sempre qualquer coisa de solitário nos dramas; jamais se adensam e explodem [...] a vida matrimonial é morna, os casamentos – apresentados, ironicamente, como a única finalidade da mulher – poucos e não essenciais para o romance; embebe essas narrativas, em maior ou menos grau, um ácido desagregador; lembram, elas, um conjunto de peças fingindo um mecanismo, algumas peças engrenam-se, mas não constituem uma organização no verdadeiro sentido do termo e, quando se esboça uma articulação, eis que um mecânico invisível intromete-se e desfaz o atrito, isola as peças, reinstaura o princípio do isolamento<sup>184</sup>.

Mas, no caso específico de Isaías, o ato de caricaturar simula uma ação mais radical, pois, sendo ele mesmo o narrador, é ele que tem, até certo ponto, o controle da história, é ele o

---

<sup>183</sup> *Ibid.*, p. 37.

<sup>184</sup> *Ibid.*, p. 54.

responsável por interpretar os fatos e filtrar as impressões, e mesmo por escolher a hierarquia das personagens a entrar em cena.

No caso de *Isaías Caminha*, romance escrito na primeira pessoa, a natureza especial do conflito sustentado pela personagem que ficticiamente escreve, [...] esse conflito [...] pouco comum no repertório novelesco nos termos em que aqui se apresenta (ou seja, sem irradiações interpessoais), justifica, ou, ao menos, atenua certas dissonâncias, inaceitáveis se julgadas de um ponto de vista ortodoxo. Por último, o enunciado, no romance em primeira pessoa, contribui para caracterizar o personagem-narrador; e Isaías Caminha, como personagem, está bem longe do Conselheiro Aires<sup>185</sup>.

A ideologia participante de Lima Barreto, sua atitude diante do ambiente que o cercava, é o que, para Antonio Arnoni Prado, gera um paradoxo dentro da teoria de Osman Lins, o qual estaria buscando “na mineralização do espaço um modo de dar coerência à narrativa informe de nosso autor”<sup>186</sup>. Ainda segundo Arnoni Prado, o grande mérito de Osman Lins em *Lima Barreto e o espaço romanesco* teria sido o de desviar o foco da análise dos aspectos mais flagrantemente biográficos que muitas vezes tolhiam outros pontos de vista ou mesmo eclipsavam o que a obra do escritor carioca tem de especificamente literário. Também Antonio Candido lembra que, no caso de Lima Barreto, “os recursos expressivos lhe parecem intermediários incômodos”<sup>187</sup>, pois o autor precisava, por coerência ao seu projeto literário, “não assumir uma atitude estética que determinasse a sua maneira de ver o mundo”<sup>188</sup>. As afirmações do próprio Lima Barreto levam a uma conclusão semelhante, e Osman Lins, de certo modo propondo uma espécie de formalismo brando, parece trair a intenção principal do autor.

Perceba-se, porém, que a intenção de Osman Lins se salva quando se pensa que ele interpreta os aspectos estruturais do texto para lhes atribuir um significado que não fica confinado ao funcionamento da obra como máquina autônoma. A intencionalidade de Lima Barreto, apesar dos escritos que ele deixou sobre o assunto, não pode ser completamente acessada. Resta-nos a obra e as suas infinitas possibilidades.

---

<sup>185</sup> *Ibid.*, p. 59.

<sup>186</sup> PRADO, *op. cit.*, p. 204.

<sup>187</sup> CANDIDO, *op. cit.*, p. 551.

<sup>188</sup> PRADO, *op. cit.*, p. 200.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Se se considerar a vasta obra de Lima Barreto, a variedade de gêneros que a compõe, bem como o fato de alguns de seus títulos permanecerem sem a apreciação da crítica, pois ainda paira sobre o escritor alguns laivos de preconceito, pode-se atestar que muito ainda precisa ser dito de sua obra. Tem-se aqui apenas uma pequena amostra – uma ponta de um *iceberg* – ansiosa por ser decifrada, o que muito seria justo, uma vez que o Lima Barreto das ruas do Rio de Janeiro é também um pensador de várias faces, que clama por uma crítica mais intrépida, como foi ele próprio ao desenvolver um estilo singular e diferenciado porque transparente e cheio de peripécias na escrita mal entendida e interpretada como desleixada.

Mas o Lima Barreto anarquista, se é que assim pode ser adjetivado, é também um artista preocupado com requintes de escrita; não requintes tolhedores e superficiais que não dizem absolutamente nada e não têm nenhum objetivo concreto, mas um discurso envolvido com um ideal concreto, com uma finalidade prática e voltada para os interesses mais sublimes do homem comum, fosse ele brasileiro, russo, ou de qualquer outra nacionalidade; viu-se que a Pátria para Lima Barreto é o mundo, mas um mundo justo.

Grande parte de seus escritos são como que um apelo, um grito constante, diluído em seu estilo livre, mas sempre incisivo em se tratando das questões mais urgentes que envolvem o homem e suas relações com a sociedade. Esse apelo quase comovente contido em seus escritos de ocasião, como crônicas, correspondências e diário, consta também de seus principais romances: *Recordações do escrivão Isaías Caminha*, *Triste fim de Policarpo Quaresma* e *Vida e morte de M. J. Gonzaga de Sá*. No entanto, a forma como essas questões foram filtradas pela visão do artista, e incorporadas à narrativa, é que nos chama a atenção. Ele trata as coisas simples e os problemas mais complexos, que envolvem a massa popular, com uma seriedade, elevação de caráter, com tanta sublimidade, até então inéditos na nossa literatura. Jamais o subúrbio, e a gente simples que o compõe, ocupou, em nossas letras, um patamar de caráter tão elevado. Raras vezes encontra-se, em Lima Barreto, corrupção de caráter por se tratarem suas personagens de pessoas menos favorecidas, como podem ser encontrados nos enredos e cenários de Aluísio Azevedo.

Sua narrativa não sonda a realidade por ela mesma, com um fim na vida cotidiana do Rio de Janeiro. Ao contrário, o real é apreendido numa perspectiva do estilo do texto, como força geradora da realidade própria da obra de arte; os elementos ou as personagens que compõem a sua, embora tenham feito parte do cotidiano do Rio de Janeiro, ocupam, na narrativa de Lima Barreto, uma posição de destaque; eles adquirem imortalidade; o tempo mata os indivíduos reais; e a obra eterniza seus elementos de forma concreta. Vale dizer, por exemplo, que a crônica de Lima Barreto, pela própria singularidade do gênero, ultrapassa o objetivo ligado ao cotidiano e transforma-se em representante de um estilo que, por muito tempo, não lhe foi atribuído o devido valor.

Os escritos de ocasião constituem uma parte de interesse que podem nos dizer muito e nos ajudar a esclarecer questões polêmicas que envolvem sua produção, como o seu estilo e sua narrativa livre de compromissos com a literatura dos mandarins.

Na primeira parte de nossa pesquisa, observa-se que Lima Barreto apesar de sua participação na imprensa libertária, não oficializou sua adesão junto aos órgãos anarquistas. Em contrapartida, as suas crônicas e artigos de jornal nos mostram um escritor que usou sua arte não somente como ornamento e objeto de apreciação estética. Praticamente toda a obra do escritor esconde um caráter militante, voltado para a defesa de um ideal, cujo objetivo é fazer com que os seres humanos convivam em harmonia e as sociedades desenvolvam uma prática de justiça. Também pode-se ver, em Lima Barreto, um cidadão atento aos grandes problemas que afetavam o mundo, como a Primeira Guerra Mundial; suas consequências e a inoperância dos acordos de paz, assinados após o conflito.

Tendo por base muitos críticos, como Nicolau Sevcenko, Antonio Arnoni Prado, entre outros, e a partir da própria obra, sobretudo do que constava de sua participação como articulista, nos foi possível perceber que há uma relação de sua obra com as ideias que permeavam o cenário nacional, tanto do ponto de vista intelectual como do ponto de vista político. Dessa forma, percebe-se que essas questões aparecem como obstáculos formadores da narrativa. Parece que Lima Barreto introduziu a temática social em nossa literatura de forma mais crítica. Para tanto, teceu comentários, também nos seus romances, sobre os problemas políticos provenientes da transição da Monarquia para a República, como foi destacado em *Triste fim de Policarpo*



*Quaresma*, com o tema do patriotismo e do ufanismo; questões sociais agravadas pela forma como se deu o fim da escravidão, principalmente problemas de ordem étnica, como se pode ver em *Recordações do escrivo Isaiás Caminha*.

É claro que uma grande variedade de temas que perpassam suas narrativas podem nos levar a conclusões precipitadas a respeito da qualidade de seus textos, sobretudo a ficção. Superficialidade e variedade poderiam lhe ser atribuído, no entanto, esse temário variado apenas comprova que o escritor estava a par dos problemas que envolviam o homem nesse período da história.

No capítulo sobre *Triste fim de Policarpo Quaresma*, pode-se reconhecer no escritor carioca o seu talento no momento mais elevado, ao criar uma das figuras mais comoventes de nossas letras no início do século XX. A ingenuidade do Major Quaresma, inclusive, suscita comparações que vão além de suas relações com o Quixote, de Cervantes. Aproximar a personagem de Lima Barreto com o Príncipe Míchkin, protagonista de *O idiota*, de Dostoiévski, também uma das personagens mais curiosas da Literatura russa do século XIX, a princípio, pode parecer ousadia, mas foi uma ideia que ficou em aberto e exigindo uma retomada num futuro próximo. O estudo que se deu a respeito do tema Patriotismo no romance e nas crônicas do escritor carioca está apenas em estágio embrionário e requer uma maior dedicação que não caberia nessa pesquisa, cujo tempo foi tão curto. O temário de Lima Barreto, assim, como o de Dostoiévski nos impressiona pela variedade e ao mesmo tempo pelas semelhanças em se tratando da escolha e da construção das personagens; ambos têm uma sensibilidade e poder de elevar figuras que em outras narrativas não passariam de seres menores e sem nenhum caráter. Lima Barreto dá às suas personagens algo que perpassa os valores, de seu tempo, da sociedade burguesa e dos problemas da modernidade; Lima Barreto lhes concede, sobretudo no caso do Major Quaresma, a sublimidade da alma.

A crítica que Lima Barreto faz ao patriotismo e ao ufanismo ingênuo do Major Quaresma nos leva a crer que o escritor tinha suas reservas em relação a esse tipo de sentimento, a um nacionalismo levado ao extremo e que promovia a segregação dos povos, o que implicava tornar uns superiores a outros. Essa ideia de superioridade é vista pelo escritor como algo tão sem fundamento, que ele trata do assunto minuciosamente, e vê-se que a personagem aos poucos vai

deixando transparecer os sintomas de sua insanidade como consequência de suas atitudes ufanistas.

No terceiro capítulo, observa-se que Lima Barreto, ao escrever as *Recordações do escrívão Isaías Caminha*, teve sempre a preocupação de deixar na narrativa um certo “descuido” em relação à construção do texto. Muito embora alguns críticos o tenham acusado de ter composto um romance muito pessoal e desigual, a verdade, porém, é que o *Isaías* é mal estruturado não por falta de habilidade do escritor; pode-se encarar essa característica como mais uma regra quebrada pelo estilo do escritor. Isso reflete ou está de acordo com seu ideal de liberdade proposto pelo anarquismo, que tudo contesta e faz valer a sua autonomia também na construção de um romance.

Não se pode atribuir falta de zelo na escrita de um artista que compõe obras tão bem estruturadas como *Triste fim de Policarpo Quaresma* e *Vida e morte de M. J. Gonzaga de Sá*, esses grandes exemplos de seu cuidado com a escrita.

Nosso trabalho, portanto, não pretendeu concluir ou esgotar os assuntos contidos nas crônicas de Lima Barreto. Até mesmo porque há uma variedade de assuntos bastante pertinentes, como: a condição da mulher na sociedade moderna, as questões propriamente político-partidárias, os comentários a respeito dos vários livros que chegavam às suas mãos, para receberem sua crítica e sua opinião. Tem-se ainda sua correspondência, cujo conteúdo e interlocutores são de fundamental importância para a compreensão de sua escrita e de suas posições políticas e ideológicas. Lima Barreto, embora tímido, mantinha contatos através de cartas, com homens de grande destaque na imprensa, no serviço público e na administração do Estado. Todos esses assuntos merecem um estudo mais aprofundado para que se possa constatar o talento e a importância de Lima Barreto num período pouco estudado nas nossas letras.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AGUIAR E SILVA, Vítor Manuel. *Teoria da literatura*. 8. ed. Coimbra: Livraria Almedina, 1993.
- ALMEIDA, Manuel Antonio de. *Memórias de um sargento de milícias*. 31. ed. São Paulo: Ática, 2004.
- ANÔNIMO. *Lazarillo de Tormes*. Tradução de Heloísa Costa Milton e Antonio R. Esteves. Rio de Janeiro: Ed. 34, 2005.
- ARIÈS, Philippe e DUBY, Georges (Dir.). *História da Vida Privada: Da Revolução Francesa à Primeira Guerra Mundial*. Tradução de Denise Bottmann e Bernardo Joffily. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.
- ARMAND, Émile et al. *Max Stirner – e o anarquismo individualista*. São Paulo: Editora Imaginário, 2003.
- AUERBACH, Erich. *Mimesis – a representação da realidade na literatura ocidental*. 5.ed. Vários tradutores. São Paulo: Perspectiva, 2007, p. 299-320.
- \_\_\_\_\_. *Ensaio de literatura ocidental: filologia e crítica*. Tradução de Samuel Titan Jr. e José Marcos Mariani de Macedo. São Paulo: Duas cidades; Ed 34, 2007.
- BAKHUNIN, Mikhail. *A Instrução Integral*. Tradução Luiz Roberto Malta. São Paulo: Editora Imaginário, 2003.
- \_\_\_\_\_. *Catecismo revolucionário – Programa da Sociedade da Revolução Internacional*. Tradução de Plínio Augusto Coêlho. São Paulo: Editora Imaginário, 2009.
- \_\_\_\_\_. *O princípio do Estado e outros ensaios*. Tradução de Plínio Augusto Coêlho. São Paulo: Editora Hedra, 2008.
- \_\_\_\_\_. *Os enganadores – A política da internacional / Aonde ir e o que fazer?*. Tradução de Plínio Augusto Coêlho. São Paulo: Editora Imaginário, 2008.
- \_\_\_\_\_. *Textos anarquistas*. Tradução de Zilá Bernd. Porto Alegre: L&PM, 2006.
- BARBOSA, Francisco de Assis. *A vida de Lima Barreto*. 9.ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2003.
- BARBOSA, João Alexandre. *As ilusões da modernidade*. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.
- BARRETO, Lima. Bagatelas. In: *Obra completa*. São Paulo: Brasiliense, 1956, v.IX.

- \_\_\_\_\_. Coisas do Reino do Jambor. In: *Obra completa*. São Paulo: Brasiliense, 1956, v.XIII.
- \_\_\_\_\_. Correspondência ativa e passiva. Tomo I. In: *Obra completa*. São Paulo: Brasiliense, 1956, v.XVI.
- \_\_\_\_\_. Correspondência ativa e passiva. Tomo II. In: *Obra completa*. São Paulo: Brasiliense, 1956, v.XVII.
- \_\_\_\_\_. Diário Íntimo. In: *Obra completa*. São Paulo: Brasiliense, 1956, v.XIV.
- \_\_\_\_\_. Feiras e mafuás. In: *Obra completa*. São Paulo: Brasiliense, 1956, v.X.
- \_\_\_\_\_. Impressões de leitura: crítica. In: *Obra completa*. São Paulo: Brasiliense, 1956, v.XIII.
- \_\_\_\_\_. *Lima Barreto: prosa seleta*. Rio de Janeiro: Editora Nova Aguilar, 2001.
- \_\_\_\_\_. Marginalia. In: *Obra completa*. São Paulo: Brasiliense, 1956, v.XII.
- \_\_\_\_\_. O cemitério dos vivos. In: *Obra completa*. São Paulo: Brasiliense, 1956, v.XV.
- \_\_\_\_\_. Recordações do escrivão Isaías Caminha. In: *Obra completa*. São Paulo: Brasiliense, 1956, v.I.
- \_\_\_\_\_. *Triste fim de Policarpo Quaresma*. Edição crítica. São Paulo: Scipione Cultural, 1997.
- \_\_\_\_\_. Triste fim de Policarpo Quaresma. In: *Obra completa*. São Paulo: Brasiliense, 1956, v.II.
- \_\_\_\_\_. *Toda crônica: Lima Barreto*. Organização de Rachel Valença. Rio de Janeiro: Agir, 2004, v.2.
- \_\_\_\_\_. *Toda crônica: Lima Barreto*. Organização de Rachel Valença. Rio de Janeiro: Agir, 2004, v.1.
- \_\_\_\_\_. *Um longo sonho do futuro – Diários, cartas, entrevistas e confissões dispersas*. 2.ed. Rio de Janeiro: Graphia, 1998.
- \_\_\_\_\_. Vida urbana. In: *Obra completa*. São Paulo: Brasiliense, 1956, v.XI.
- BASTOS, Winter; NARAYAN, Nalini. *Malandragem, revolta e anarquia: João Antônio, Antônio Fraga e Lima Barreto*. Rio de Janeiro: Achiamé, 2005.
- BENJAMIN, Walter. Charles Baudelaire. – um lírico no auge do capitalismo. In: *Obras escolhidas*. Tradução de José Martins Barbosa, Hemerson Alves Baptista. São Paulo: Brasiliense, 1989, v.3.
- \_\_\_\_\_. *Magia e técnica, arte e política – ensaios sobre literatura e história da cultura*. In: *Obras escolhidas*. 7.ed. Tradução de Sérgio Paulo Rouanet. São Paulo: Brasiliense, 1994, v.1.

BERMAN, Marshall. *Tudo que é sólido desmancha no ar – a aventura da modernidade*. Tradução de Carlos Felipe Moisés e Ana Maria L. Ioriatti. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

BOSI, Alfredo. *O Romance social: Lima Barreto*. In: *História concisa da Literatura Brasileira*. Ed. 34. São Paulo: Cultrix, 1992.

BOURNEUF, Roland; OUELLET, Réal. *O universo do romance*. Tradução de José Carlos Seabra Pereira. Coimbra: Livraria Almedina, 1976.

BUENO, André. *Formas da crise: estudos de literatura, cultura e sociedade*. Rio de Janeiro: Graphia, 2002.

CANDIDO, Antonio. *A educação pela noite*. 5.ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2006.

\_\_\_\_\_. *et al. A personagem de ficção*. 11.ed. São Paulo: Perspectiva, 2007.

\_\_\_\_\_. *Brigada ligeira*. 3.ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2004.

\_\_\_\_\_. *Formação da Literatura Brasileira*. 6.ed. Belo Horizonte: Itatiaia, 2000, v. 1 e 2.

\_\_\_\_\_. *Literatura e sociedade*. 9.ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2006.

\_\_\_\_\_. *O discurso e a cidade*. 3.ed. São Paulo: Duas Cidades; Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2004.

\_\_\_\_\_. *O observador literário*. 3.ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2004.

\_\_\_\_\_. *Teresina etc.* 3.ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2004.

\_\_\_\_\_. *Tese e antítese*. 5.ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2004.

\_\_\_\_\_. *Vários escritos*. 4.ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2004.

CARVALHO, José Murilo de. *Os bestializados: O Rio de Janeiro e a República que não foi*. 3.ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

CERVANTES, Miguel de. *Don Quijote de la Mancha*. Madri: Real Academia Espanhola, 2004.

CHACON, Vamireh. *A Grande Ibéria – convergências e divergências de uma tendência*. São Paulo: UNESP/Brasília: Paralelo 15, 2005.

COUTINHO, Afrânio. *A Literatura no Brasil: Era realista/ era de transição*. 4.ed. São Paulo: Global Editora, 1997.

COUTINHO, Carlos Nelson. *O significado de Lima Barreto na Literatura Brasileira*. In: *Realismo e anti-realismo na literatura brasileira*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1974.

COSTA, Caio Túlio. *O que é Anarquismo?* São Paulo: Círculo do Livro, 1990.

DÍAZ, Carlos. *Max Stirner – Uma filosofia radical do eu*. Tradução de Piero Angarano, Jorge E. Silva. São Paulo: Imaginário: Expressão e Arte, 2002.

DOSTOIÉVSKI, Fiódor. *O idiota*. Tradução de Paulo Bezerra. São Paulo: Ed. 34, 2002.

\_\_\_\_\_. *Memórias do subsolo*. Tradução de Boris Schnaiderman. São Paulo: Ed. 34, 2000.

DUTRA, Eliana de Freitas. *Rebeldes literários da República: história da identidade nacional no Almanaque Brasileiro Garnier (1903-1914)*. Belo Horizonte: Editora, 2005.

ENGELS, Friedrich; MARX, Karl. *Manifesto do partido comunista*. 3.ed. Tradução de Marco Aurélio Nogueira e Leandro Konder. Petrópolis: Vozes, 1990.

FAUSTO, Boris (Direção). *História geral da civilização brasileira: O Brasil republicano – sociedade e instituições (1889 a 1930)*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1997.

FRAANK, Joseph. *Dostoiévski – os efeitos da libertação: 1860-1865*. Tradução de Geraldo Gerson de Souza. São Paulo: EdUSP, 2002.

GAY, Peter. *O estilo na história*. Tradução de Denise Bottman. São Paulo: companhia das Letras, 1990.

GERMANO, Idilva Maria Pires. *Alegorias do Brasil – imagens de brasilidade em Triste fim de Policarpo Quaresma e Viva o povo brasileiro*. São Paulo: Annablume/Fortaleza: Secretaria de Cultura e Desporto do Estado do Ceará, 2000.

GIANNOTTI, Vito. *História das lutas dos trabalhadores no Brasil*. Rio de Janeiro: Mauad X, 2007.

GONÇALVES, Adelaide; BRUNO, Allyson (orgs.). *O trabalhador gráfico*. Fortaleza: Editora UFC, 2002.

HARDMAN, Francisco Foot. *Nem pátria, nem patrão! Memória operária, cultura e literatura no Brasil*. 3.ed. São Paulo: Editora UNESO, 2002.

HAUSER, Arnold. *História social da arte e da literatura*. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

HOBBS, Thomas. *Leviatã – ou matéria, forma e poder de um estado eclesiástico e civil*. Tradução de Pietro Nassetti. São Paulo: Martin Claret, 2001.

HOBBSAWM, Eric J. *Era dos extremos: o breve século XX: 1914-1991*. Tradução de Marcos Santarrita. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

\_\_\_\_\_. *A Era dos Impérios: 1875-1914*. 11 ed. São Paulo: Paz e Terra, 2007.

\_\_\_\_\_. *Nações e nacionalismo – desde 1780*. 5ed. Tradução de Ana Célia Paoli e Anna Maria Quirino. São Paulo: Paz e Terra, 2008.

\_\_\_\_\_. *Revolucionários: ensaios contemporâneos*. 3ed. Tradução de José Carlos Victor Garcia e Adelângela Saggio Garcia. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2003.

HOLANDA, Sérgio Buarque de. *Visão do paraíso – os motivos edênicos no descobrimento e colonização do Brasil*. 6.ed. São Paulo: Brasiliense, 2007.

JOLL, James. *A Europa desde 1870*. Tradução de Cardigos dos Reis. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1982.

KANT, Immanuel. *À paz perpétua*. Tradução de Marco Zingano. Porto Alegre: L&PM, 2008.

KROPOTKIN, Piotr. *A anarquia: sua filosofia, seu ideal*. São Paulo: Imaginário, 2001.

\_\_\_\_\_. *O Estado e seu papel histórico*. Trad. Alfredo Guerra. São Paulo: Imaginário, 2000.

\_\_\_\_\_. *Palavras de um revoltado*. Tradução de Plínio Augusto Coêlho. São Paulo: Editora Imaginário, 2005.

LINS, Osman. *Lima Barreto e o espaço romanesco*. São Paulo: Ática, 1976.

LOWY, Michel; BENSAIO, Daniel. *Marxismo, moderidade e utopia*. Tradução de Alessandra Ceregatti, Elisabete Burigo e João Machado. São Paulo: Xamã, 2000.

LUCAS, Fábio. *O caráter social da literatura brasileira*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1970.

LUKÁCS, Georg. *A teoria do romance: um ensaio histórico-filosófico sobre as formas da grande épica*. Tradução de José Marcos Mariani de Macedo. São Paulo: Duas Cidades; Ed. 34, 2007.

\_\_\_\_\_. *Ensaio sobre literatura*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1968.

\_\_\_\_\_. *Marxismo e teoria da literatura*. Tradução de Carlos Nelson Coutinho. 2 ed. São Paulo: Expressão Popular, 2010.

MACHADO, Maria Cristina Teixeira. *Lima Barreto: um pensador na Primeira República*. Goiânia: Ed. da UFG; São Paulo: EdUSP, 2002.

MAINGUENEAU, Dominique. *O contexto da obra literária: Enunciação, escritor, sociedade*. Tradução de Marina Appezeller. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

MAKHNO, Nestor et al. *Nestor Makhno e a revolução social na Ucrânia*. São Paulo: Editora Imaginário, 2001.

MALATESTA. *Entre camponeses*. Tradução de Plínio Augusto Coêlho. São Paulo: Editora Hedra, 2009.

MAQUIAVEL, Nicolau. *O príncipe / Escritos políticos*. São Paulo: Editora Nova Cultural, 2000.

MARIA, Luzia de. *Sortilégios do avesso – razão e loucura na literatura brasileira*. São Paulo: Escrituras, 2005.

- MARINS, Álvaro. *Machado e Lima – Da ironia à sátira*. Rio de Janeiro: Utópos, 2004.
- MCLELLAN, David. *As ideias de Marx*. Tradução de Aldo Bocchini Neto. São Paulo: Cultrix, 1993.
- MONTAGU, Ashley. *Introdução à antropologia*. 2.ed. Tradução de Octavio Mendes Cajado. São Paulo: Cultrix, 1969.
- MAZZARI, Marcus Vinicius. *Romance de Formação em Perspectiva Histórica: O Tambor de Lata de Gunter Grass*. São Paulo: Ateliê Editorial, 1999.
- PEREIRA, Astrogildo. *Crítica impura*. Rio de Janeiro, Editora Civilização brasileira, 1963.
- PIOZZI, Patrizia. *Os arquitetos da ordem anárquica: De Rousseau a Proudhon e Bakunin*. São Paulo: UNESP, 2006.
- PRADO, Antônio Arnoni. *Lima Barreto: o crítico e a crise*. São Paulo: Martins Fontes, 1989.
- \_\_\_\_\_. HARDMAN, Francisco Foot (org.). *Contos anarquistas – antologia da prosa libertária no Brasil (1901-1935)*. São paulo: Brasiliense, 1985.
- \_\_\_\_\_. *Trincheira, palco e letras: crítica, literatura e utopia no Brasil*. São Paulo: Cosac & Naify, 2004.
- PRÉPOSIET, Jean. *História do anarquismo*. Tradução de Pedro Elói Duarte. Lisboa: Edições 70, 2007.
- PROUDHON, Pierre-Joseph. *Do princípio federativo*. Tradução de Francisco Trindade. São Paulo: Editora Imaginário, 2001.
- RECLUS, Élisée. *A evolução, a revolução e o ideal anarquista*. Tradução de Plínio Augusto Coêlho. São Paulo: Editora Imaginário, 2002.
- RICUPERO, Bernardo. *Sete lições sobre as interpretações do Brasil*. 2 ed. São Paulo: Alameda, 2008.
- ROUSSEAU, Jean-Jacques. *O contrato social: princípios do direito político*. 4.ed. Tradução de Antonio de Pádua Danesi. São Paulo: Martins Fontes, 2006.
- SARTRE, Jean-Paul. *Que é literatura?*. 3.ed. Tradução de Carlos Felipe Moisés. São Paulo: Editora Ática, 2006.
- SCHWARZ, Roberto. *Que horas são? Ensaios*. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.
- SEVCENKO, Nicolau. *Literatura como missão: Tensões sociais e criação cultural na primeira república*. 2.ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.
- SODRÉ, Nelson Werneck. *História da imprensa no Brasil*. 4.ed. Rio de Janeiro: Mauad, 1999.



\_\_\_\_\_. Interpretação do Brasil. In: *Historia da literatura brasileira*. 10.ed. Rio de Janeiro: Graphia. 2002.

STENDHAL. *O vermelho e o negro*. 2.ed. Tradução de Raquel Prado. São Paulo: Cosac & Naif, 2003.

TOLSTOI, Leon. *O que é arte?*. Tradução de Bete Torii. São Paulo: Ediouro, 2002.

TURGUÊNIEV, Ivan. *Pais e Filhos*. Tradução e prefácio de Rubens Figueiredo. São Paulo: Cosac Naif, 2004.

VASCO, Neno. *Concepção anarquista do sindicalismo*. Curitiba: TIE-Brasil, 2008.

VELOSO, Marisa; MADEIRA, Angélica. *Leituras brasileiras: Itinerários no pensamento social e na literatura*. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

WELLEK, Renné. *Conceitos de crítica*. Tradução de Oscar Mendes. São Paulo: Cultrix, 1963.

WINOCK, Michel. *As vozes da liberdade: Os escritores engajados do século XIX*. Tradução de Eloá Jacobina. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2006.

WOODCOCK, George. *História das ideias e movimentos anarquistas – v. 1: A ideia*. Tradução de Júlia Tettamanzy. Porto alegre: L&PM, 2007.

\_\_\_\_\_. *História das Ideias e Movimentos Anarquistas – v. 2: O Movimento*. Tradução de Júlia Tattamanzy. Porto Alegre: L&PM, 2006.

ZWEIG, Stefan. *Obras completas*. Vol. VI. Vários tradutores. Rio de Janeiro: Editora Delta, 1960.